

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL: HISTÓRIA, CULTURA E FORMAÇÃO DE
PROFESSORES

LARISSA CRISTINA PACHECO

COMUNICAÇÃO UM ATO PEDAGÓGICO, EDUCAÇÃO UM ATO
COMUNICATIVO: A EDUCOMUNICAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA

CATALÃO - GO
2016

LARISSA CRISTINA PACHECO

**COMUNICAÇÃO UM ATO PEDAGÓGICO, EDUCAÇÃO UM ATO
COMUNICATIVO: A EDUCOMUNICAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Relatório de Pesquisa e intervenção vinculado à Linha de Pesquisa 1 - Cultura, Linguagens e Ensino de História, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional: História, Cultura e Formação de Professores, da UFG/Regional Catalão, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Regma Maria dos Santos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

CATALÃO - GO

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

PACHECO, LARISSA CRISTINA
COMUNICAÇÃO UM ATO PEDAGÓGICO, EDUCAÇÃO UM ATO
COMUNICATIVO: [manuscrito] : A Educomunicação no Ensino de
História / LARISSA CRISTINA PACHECO. - 2015.
XCIV, 94 f.

Orientador: Profa. Dra. Regma Maria dos Santos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Programa de Pós
Graduação em História, Catalão, 2016.
Bibliografia.

1. Educomunicação. 2. Educação. 3. Comunicação. 4. História. I. dos
Santos, Regma Maria dos, orient. II. Título.

CDU 94

Ata de Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Mestrado

Defesa: nº 12


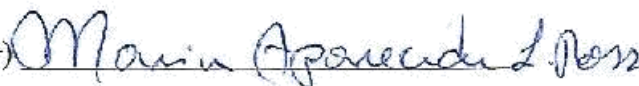
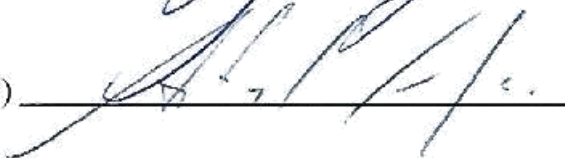
Aos vinte e dois dias do mês de novembro de dois mil e dezesseis realizou-se, na sala 11 do Bloco C, da Regional Catalão/UFV, a Defesa Pública do Trabalho de Conclusão de Mestrado intitulado “*Comunicação um ato pedagógico, educação um ato comunicativo: A Educomunicação no ensino de História*”, de autoria da mestranda Larissa Cristina Pacheco. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em História – nível Mestrado Profissional, e composta pelos docentes: Prof. Dr. Rogério Bianchi de Araújo, professor da Universidade Federal de Goiás - UFV/RC, substituindo a orientadora Professora Regma Maria dos Santos; Prof. Dr. Astrogildo Fernandes da Silva Jr., professor da Universidade Federal de Uberlândia – FACIP/UFU; Profa. Dra. Maria Aparecida. Lopes Rossi, professora da Universidade Federal de Goiás - PPGEDUC/UFV. A sessão teve início às nove horas, sendo presidida pelo Professor Rogério Bianchi de Araújo que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, o Presidente da sessão passou a palavra à discente que teve vinte minutos para apresentar o trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra aos componentes da banca que tiveram cada um, trinta minutos para expor suas questões e observações sobre o trabalho apresentado, tendo a mestranda igual tempo para responder. Após o término da arguição, o Presidente da sessão solicitou que a candidata e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse proceder sua avaliação. Após a conclusão dos trabalhos de avaliação, os arguidores atribuíram o seguinte resultado: APROVADO. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora. Regional Catalão, UFV, aos vinte e dois dias do mês de novembro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rogério Bianchi de Araújo (Presidente da banca/ UFV/RC)

Prof. Dr. Astrogildo Fernandes da Silva Jr (FACIP/UFU)

Profa. Dra. Maria Aparecida. Lopes Rossi (PPGEDUC/UFV)

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES
E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

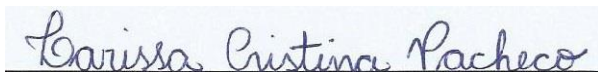
Nome completo do autor: Larissa Cristina Pacheco

Título do trabalho: **COMUNICAÇÃO UM ATO PEDAGÓGICO, EDUCAÇÃO UM ATO
COMUNICATIVO: A EDUCOMUNICAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA**

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Data: 06 / 12/ 2016

Assinatura do (a) autor (a)

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

À minha mãe Sônia Maria e ao meu filho
Gabriel Augusto, a razão de tudo. Sempre.

AGRADECIMENTOS

Obrigada Deus, que apesar de todas as adversidades que a vida impõe sempre me mostra claramente que para Ele nada é impossível.

Obrigada minha família, mamãe, papai, irmã, sobrinhos que me apoiam incondicionalmente e me inspiram a ser uma pessoa melhor a cada dia.

Obrigada amigos que acompanham minha jornada, que compreenderam minha ausência nos encontros os quais não pude participar porque precisava estudar.

Aos colegas de turma de mestrado agradeço imensamente a Deus o privilegio de ter convivido com pessoas tão bacanas, entusiastas, companheiras e exemplo de profissionais fascinados pela educação. Aprendi muito com vocês.

Obrigada professores, meus mentores que dividiram comigo tantos conhecimentos e experiências fabulosas. Obrigada especialmente a minha orientadora, Regma Maria dos Santos, que me orienta desde a graduação em 2.000 e a quem devo muito do meu crescimento intelectual. Obrigada por sonhar junto comigo, por ter paciência, por cobrar, por confiar e por dedicar-se também neste projeto. Ser como você quando eu crescer é o que eu quero!

Por fim, obrigada pelo incentivo do Marcílio e do meu filho Gabriel Augusto que é a razão de minha existência, de minha luta e que desperta tudo que há de bom em mim. Obrigada Gabriel por entender com maturidade que o importante é a qualidade e não quantidade de tempo que passamos juntos e por ser o filho mais maravilhoso que uma mãe possa desejar.

A todos vocês, muito obrigada!

RESUMO

Este relatório procura mostrar a importância que os meios de comunicação exercem cada dia mais em nossas vidas e como eles podem influenciar o processo de ensino-aprendizagem de forma positiva. Através de um novo campo de intervenção, a Educomunicação, proponho (re)contextualizar este processo onde as mídias interferirem nas formas de pensar, agir, comunicar e porque não na forma de educar. Precisamos perceber que os meios de comunicação são realidades didáticas e apoiamos a perspectiva da Cultura Histórica, que propõe uma História ligada ao cotidiano e que os alunos devem ser incentivados a um estudo de realidades mais próximas a eles. Nesta visão a História não é mais exclusividade somente dos historiadores, ela é construída no dia-a-dia pelos alunos, professores, pais, comunidade. Para auxiliar o professor de todas as disciplinas nesta jornada de interagir com as mídias e inseri-las de forma que contemple as premissas da Educomunicação e Cultura Histórica é proposto um blog que fornece ao docente incentivo, sugestão de material didático, troca de experiências e de reflexões. Neste espaço virtual procura-se mostrar para os educadores que a presença das tecnologias da comunicação ocupou todos os espaços da vida e adaptar-se ou adequar-se aos *media* pode ser uma boa proposta de formar mais que cidadãos críticos, mas sujeitos históricos atuantes.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação. Educação. Comunicação. História.

ABSTRACT

This report seeks to show the importance that media exercise each day in our lives and how they can influence the teaching-learning process in a positive way. Through a new field of intervention, Educommunication, I propose (re) contextualize this process where the media interfere in ways of thinking, acting, communicating and why not in the way of educating. We need to realize that the media are didactic realities and we support a perspective of Historical Culture, which proposes a History linked to daily life and that students are encouraged to study more detailed realities. In this view History is no longer exclusive to historians, it is built without day-to-day by students, teachers, parents, community. To help the teacher of all disciplines in a journey of interconnection such as media and insertions in a way that contemplates as premises of Education and Historical Culture is proposed for a blog that contains a teacher encouragement, suggestion of didactic material, exchange of experiences and reflections . This virtual space seeks to show educators that presenting the technologies of communication occupied all spaces of life and adapt or adapt to the media can be a good proposal to train more critical but active historical subjects.

KEY WORDS: Educommunication. Education. Communication. History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PARTE 1 – A EDUCOMINICAÇÃO E O NOVO CAMPO DE INTERVENÇÃO	17
1.1 O início de tudo: a Educomunicação para todos os meios.....	17
1.2 Sobre o conceito de Educomunicação	24
1.3 A Educomunicação nos caminhos da Consciência Histórica	33
PARTE 2 - PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS	38
2.1 O Projeto Algar Lê e suas propostas	38
PARTE 3 – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: NA ONDA WEB – BLOG EDUCOMUNICATIVO.....	56
3.1 Um relato dos Sistemas de Comunicação	56
3.2 Apresentação do <i>Blog</i>	66
3.3 Conectando com o blog <i>Na Onda Web</i>	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS	84

INTRODUÇÃO

Este relatório apresenta o resultado de uma pesquisa que busca mostrar a importância que os meios de comunicação exercem cada dia mais em nossas vidas e como eles podem influenciar o processo de ensino-aprendizagem de forma positiva. Através de um novo campo de intervenção, propomos recontextualizar esse processo, por meio do qual as mídias têm possuído grande destaque e interferido nas formas de pensar, agir, comunicar e, porque não dizer, na forma de educar.

A partir de 1940, houve um desenvolvimento mais acentuado dos modelos comunicacionais e seus impactos sobre a comunicação pedagógica no mundo. No que diz respeito a isso, sabe-se que a relação escola-televisão se concretizou, por muitos anos, com hostilidade, tendo em vista que os professores eram apáticos aos meios de comunicação, de forma que achavam que o saber escolar era o único verdadeiro. Nos anos de 1970, período em que o Brasil era conduzido por uma ditadura militar, cresceu a prática comunicativa que inseriu o indivíduo no centro da comunicação popular, fato que possibilitou a emergência da comunicação educativa. Mas, foi entre 1980/90, com a luta por uma comunicação democrática participativa pelas massas populares, que acabou por influenciar a ação de vários grupos sociais como, por exemplo, as organizações não governamentais (ONGs, igreja, sindicatos) e a escola.

O que podemos acompanhar na atualidade é uma superação de uma proposta comunicativa popular, em vigor nos anos de 1970 e 1980. Um grande salto para a “democratização” dos meios de comunicação pode ser marcado pela Lei 9.612/98, que regulamenta a radiodifusão de baixa potência, como as rádios comunitárias e canais de TV comunitários, em que as massas populares assumem um papel atuante na mídia voltada para atender suas necessidades, tornando a comunicação acessível e informativa para a cultura e para o conhecimento.

Acompanhado a tais modificações no setor social, há também uma reestruturação pedagógica no final dos anos 1990 e início do século XXI. A escola, além de dedicar-se aos ensinamentos científicos, também passa a preparar os alunos para o exercício de seus direitos de cidadão. Abre-se espaço para que o então receptor seja um co-construtor da mensagem, cujo conhecimento resulta nas interações com outros atores humanos e, inclusive, com a mídia. A utilização de tecnologias de comunicação como rádios, TVs e *internet* pelas organizações comunitárias e ONGs é exemplo da democratização dos meios de comunicação em massa, que chega até as salas de aula por meio dos alunos.

Dessa forma, os professores começam a desenvolver experiências em sala, tendo como recursos didáticos jornais, televisão, cinema e outros meios que buscam ampliar as possibilidades de práticas pedagógicas inovadoras no ensino de História, abrindo espaço para as mídias. De acordo com Geneviève Jacquinet (1998), essa possibilidade de ruptura do modelo de aula reprodutivo deixa o aprendizado mais estimulante e desperta habilidades dos alunos através de um universo interativo, marcado com intercâmbios de ideias, linguagens e circulação de novos conhecimentos.

O professor de História tem uma tarefa importante nesse momento de mudanças. Conforme Michel de Certeau (2000), o historiador precisa ter consciência sobre sua importância como formador de opinião e como sujeito histórico, dentro e fora das salas de aula. Percebemos, assim, que o ofício do historiador é mais que dar aulas de História ou coletar fontes, ele dá sentido ao passado, dá significância aos fatos e, por conseguinte, a vida presente. Enquanto professor, o historiador tem o papel social de formar cidadãos conscientes, de despertar e/ou aguçar a crítica e de dar condições para reflexão. Vale ressaltar que a aproximação dos métodos da história com outras áreas do saber são importantes nesse processo.

Ainda na perspectiva de Certeau (2000), é necessária uma reavaliação da disciplina, considerando as representações da sociedade, de forma que fique claro que a história não é mais a ciência dona de verdade. A história, nesse sentido, assume um caráter crítico, a partir da aproximação com outras ciências: “[...] a relação que ela mantém com diversas ciências lhe permite exercer, com referencia a cada uma delas, uma função crítica necessária, e lhe sugere também o propósito de articular em conjunto os limites evidenciados desta maneira” (Certeau, 2000, p.89).

Igualmente, no campo da comunicação, vivenciamos o fenômeno do crescimento de uma comunicação diferenciada, em que um grupo de agentes culturais, tanto no Brasil quanto na América Latina, acredita na comunicação como um bem social que deve ser implementado para o bem comum e para a construção da cidadania, o que vai além da educação introduzida nas escolas. Assim, para Cecília Peruzzo (2002, s/p):

A participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita a pessoa tornar-se sujeito de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos a sua cultura.

Nesse contexto de reconfigurações sociais e pedagógicas, a peça mais importante, que vai marcar e orientar diferentes abordagens e encaminhamentos é um novo formato de professor, um profissional que passa a ser visto não mais como o único detentor do conhecimento, nem os estudantes meros expectadores, e os conteúdos escolares desconectados de suas vidas. Do ponto de vista historiográfico da Cultura Histórica, acreditamos que a narrativa histórica não é mais exclusividade dos historiadores e professores. Como propõe Elio Chaves Flores (2007, p.96), a historiografia “tanto pode ser narrada pelo cronista, jornalista, cineasta, documentarista ou memorialista”.

Assim, quem produz e distribui informação (os *media*), também faz parte dessa construção histórica. Os estudantes, que chegam às salas com notícias que obtiveram de forma fácil e destorcida, não podem ser ignorados pelo professor. Essas informações precisam ser vistas como aliadas nas aulas de História. A maneira mais eficaz de trabalhar isso é fazer uma ligação entre meios de comunicação, *internet* e saberes escolares, estimulando e incentivando os alunos a serem pesquisadores e transformando suas aulas em oficinas de construção do conhecimento.

As informações que o aluno trás de sua prática cotidiana, em particular, são chamadas de conhecimento tácito e pode ser entendido como aquilo que uma pessoa é capaz de realizar com eficácia e que é adquirido com as experiências de vida. Trata-se de uma forma de conhecimento subjetivo, não mensurável, de difícil captura e transmissão e, por isso mesmo, muito valioso. Esse conhecimento prévio dos alunos, em se tratando de Cultura da História, é importante e deve se valorizado na medida em que o aluno não se sinta um depositário de ideias e sim um agente construtor do seu conhecimento, conectado com sua forma de ver o mundo, tal qual acredita Barca (2004):

Ora, se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceptual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que sua compreensão o ajude modificar positivamente a conceptualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Nesse modelo o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação (BARCA, 2004 apud CONCI, 2010, p.51).

Ana Maria Monteiro (2003) endossa esse pensamento e acredita que, ao chegarem às salas de aula, os alunos vêm com uma educação informal, repassada pelo convívio familiar e pelos meios de comunicação. São os saberes prévios, muitas vezes discriminados pelo

professor tradicional, que acredita existir somente a cultura e o saber através da educação escolar. E, para o ensino de História, devem-se considerar as referências culturais do grupo familiar, que sustentam as construções identitárias, e devem-se reelaborar conteúdos e formas de aprendizagem para os alunos, por meio de uma nova perspectiva, uma nova configuração, que busca não apenas aprender, mas fazer incorporar o significado e sentir-se parte do mesmo. Para tanto, é necessária uma reestruturação didática capaz de transcender a escola dos seus muros e buscar outras formas de ensino.

John Rüsen (2001 apud Germiniani, 2011) diz que a consciência da relação passado, presente e futuro não se produz somente na escola, mas em outros espaços como museus, arquivos, família e meios de comunicação. Nesse sentido, vê-se que existe uma importância, cada dia maior, da mídia na vida cotidiana das pessoas, em especial da nova geração escolar, que recebe informações a todo tempo, seja pela televisão, pelo rádio, pela *web* e tantos outros. Além disso, é importante aproximar a escola da comunicação educativa a partir de uma perspectiva que valorize a participação do aluno e dos adultos no processo de aprendizagem e na construção da cidadania.

Sendo assim, é primordial ressaltar que essa troca entre saberes da escola e saber informal, principalmente os trazidos dos meios de comunicação, tem grande importância no ensino de história, a partir do momento em que existe uma barganha, diálogos, confrontos de ideias, que são essenciais para a formação de opinião e o consequente despertar para a cidadania. Conforme Monteiro (2003, p. 15):

O ensino de história é, potencialmente, um lugar onde memórias se inter cruzam, dialogam, entram em conflito; lugar no qual, também se busca a afirmação e registro de [...] determinadas versões e explicações sobre as sociedades, a política, o mundo [...] 'lugar de fronteira', que possibilita o diálogo entre memórias e 'história conhecimento escolar' [...]. Lugar do contraditório, portanto, de embates.

Dessa maneira, o aluno deve ser valorizado como possuidor de um conjunto de ideias históricas ao chegar à escola. A família, a comunidade e os meios de comunicação não podem ser ignorados nesse processo, como reforça Barca (2001, p. 15):

O meio familiar, a comunidade local, os *media*, especialmente a tv, constituem fontes importantes para o conhecimento histórico dos jovens, que a escola não deve ignorar nem menosprezar. É a partir da detecção destas ideias – que se manifestam ao nível do senso comum, e de forma muitas vezes fragmentada e desorganizada – que o professor poderá contribuir para as modificar e tornar mais elaboradas.

Mediante tais transformações, a maior aproximação possível entre forma de ensino e sociedade em movimento é a união entre comunicação e educação, que possibilita o surgimento de um novo campo de intervenção social, qual seja, a Educomunicação, que tem na figura do educador um professor do século XXI, que integra os diferentes meios nas suas práticas pedagógicas. Um educador reconhece o potencial educativo envolto nos veículos de comunicação, sejam eles de grande ou pequeno alcance. Acredita que não é só o professor que tem o poder da palavra, ele não é o único que acumula conhecimento, sendo assim, o educador se serve dos conhecimentos para construir uma representação de mundo que não é mais objetiva, mas relativa. A proposta é fazer do ensino de história “lugar de troca e de diálogos entre atores e saberes distintos que se encontram e se recriam” (Monteiro, 2003), utilizando dos meios de comunicação para uma reflexão crítica, de diálogo entre memórias, entre os saberes trazidos de casa através da mídia e entre o conhecimento escolar.

Segundo Geneviève Jacquinot (1998, p.10), o educador “É alguém que tem dupla função teórica, trabalhando na convergência entre as ciências da educação e as ciências da comunicação”. Trata-se de um profissional que elabora diagnósticos e coordena projetos na inter-relação comunicação e educação, implementa programas com o intuito de se relacionarem com a mídia e assessora educadores no adequado uso dos recursos da comunicação como instrumento de expressão da cidadania. O educador reconhece que o professor não é o único que acumula conhecimento, mas que o constrói em conjunto na sala de aula, respeitando a diversidade de representações.

Meu interesse pelos meios de comunicação e sua influência na sociedade iniciaram na minha licenciatura e bacharelado em História pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, entre 2000 e 2003. Em meu trabalho de conclusão de curso intitulado “Rádio e Literatura no Romance de Mário Vargas Llosa”, tive como referência o romance “Tia Júlia e o Escrivinhador”, que passava no Peru, na década de 1950, momento de ditadura política, quando as pessoas se apegavam às radionovelas para minimizar a realidade. Na especialização, no ano posterior, 2004, o rádio continuou sendo objeto de pesquisa, mas do ponto de vista das cantoras de rádio da década de 1950. Abordei a trajetória artística de Emilinha Borba e toda influência que a cantora exercia na sociedade, ditando moda, costumes e comportamento. O trabalho chama-se “Emilinha Borba, a rainha que não perde a majestade”. Ambos os projetos foram orientados pela professora Doutora Regma Maria dos Santos.

A experiência acadêmica com veículos de comunicação serviu para despertar uma vocação, a de comunicadora. A minha experiência profissional enquanto jornalista, repórter e assessora de comunicação de empresas, aliadas a minha graduação, fez-me refletir sobre o papel das mídias em sala de aula. Instiga-me saber como os alunos lidam com o bombardeio de informações que recebem, diariamente, seja via rádio, *internet*, redes sociais e aplicativos de celulares, e perceber como isso reflete em suas vidas e, principalmente, como os professores de História desses alunos têm lidado com tais informações e seu público. O que se observa, muitas vezes, é que os professores utilizam, por exemplo, de fotografias, reportagens e cinema que, ao serem apresentados aos alunos, quase sempre funcionam como ilustração, complementação ou substituição de algum conteúdo das várias disciplinas e não estão revestidos de profundidade e contextualização.

Após essa breve discussão, apresentamos o relatório, que é dividido em três partes, a primeira irá abordar o conceito de Educomunicação, seu histórico, desenvolvimento e o contexto histórico no qual surgiu, bem como seus principais teóricos. É realizado um estudo que precede o termo, com os projetos de alfabetização popular de 1950, idealizados por Paulo Freire e com o intuito de conscientizar as pessoas da importância de estudarem. Ademais, há ainda a seriedade da democratização dos meios de comunicação, vistos a partir dos projetos que, junto à Igreja Católica, irão se tornar uma forma de enfrentamento à ditadura militar que o país vivenciava. É também abordada a questão do desenvolvimento tecnológico, como tudo isso modifica o cotidiano das pessoas, e como em um espaço de tempo muito curto domina o cotidiano das pessoas com informações instantâneas, reais ou não.

E ainda, é realizado, nessa parte, um diálogo entre a relação Educomunicação e consciência histórica, partindo do pressuposto que um dos papéis do professor é educar para a sociedade, para a construção do saber e do protagonismo social, para o exercício dos direitos e deveres do cidadão. Perceber as grandes mudanças sociais que a aproximação entre produção de conhecimento, tecnologia da informação e cidadania tem produzido, mostra como o ensino de história e as mídias podem ser grandes aliados no processo educacional, e como podem despertar a participação social e a consciência crítica nos alunos. Conseqüentemente, são abordados neste primeiro capítulo, também, autores que embasam a Cultura Histórica como Michel de Certeau, Elio Chaves Flores, Isabel Barca, Jörn Rusen, Tatiana Conci, Ana Maria Monteiro e outros pesquisadores mais, os quais acreditam que o aluno deve ser valorizado como possuidor de um conjunto de ideias históricas ao chegar à escola, que a família, a comunidade e os meios de comunicação não podem ser ignorados nesse processo.

A segunda parte aborda a prática educomunicativa utilizada por uma empresa que visa a “boa imagem da instituição” e seu compromisso com a “Responsabilidade Social” das organizações. Avalia-se como esse tipo de prática pode ser perigosa se tratadas sem o devido aprofundamento em sala de aula pelo professor de História, mas que também pode ser uma ótima forma de introduzir o uso das mídias em sala, caso seja bem trabalhado.

Por fim, a terceira e última parte propõe a utilização de um *blog* enquanto espaço de interação entre professores que se interessem pelas práticas educomunicativas, por meio de linguagem e metodologia que desperte a atenção e instigue a descobrir mais sobre a Educomunicação. O *blog* também leva sugestões de como utilizá-las e de que forma fazer isso em sala de aula, e propõe mostrar como o uso das mídias pode ter sucesso nas aulas e de quais formas o professor pode fazer isto, usando de recursos simples a mais complexos.

Diante do exposto, reconhecemos que as novas tecnologias apresentam um grande potencial educativo. Uma de suas características, como a rapidez com que são disponibilizadas, possibilitam diferentes modos de interação, faz com que o sujeito assuma seu papel de escolher o que quer dentro de uma grande oferta de informações, linguagens e caminhos que os textos escolares não permitem. A realidade dos meios de comunicação, junto às tecnologias da informação, possibilita ao indivíduo interagir com um novo ambiente, com outras linguagens, imagens e sons. Acreditamos que a educação e comunicação relacionam-se para retratar o cotidiano dos alunos e possibilitar novas formas de interpretação e conhecimento ao formar cidadão críticos e participativos, e essas mudanças não significam que os métodos tradicionais de ensino precisam ser mudados, mas, de alguma forma, adaptados.

Dessa forma, a pesquisa atua com a Educomunicação a favor do ensino de História e suas contribuições para a formação da cidadania. Propomos uma ferramenta de comunicação para auxiliar esse processo, qual seja, a criação de um *blog* que ajude o professor a se nortear e a contribuir com a implementação do uso das mídias em sala de aula. Esperamos, com este trabalho e oficinas com professores, esclarecer que os diferentes meios de comunicação nas aulas de História podem ser utilizados para dinamizar as aulas e incentivar a participação e a cidadania dos estudantes. Em suma, estimamos que seja de grande importância este estudo, principalmente para os professores da disciplina História, que tem papel fundamental na construção do saber e na formação de cidadãos conscientes e que possui, junto à mídia, um aparato em seus conteúdos. É importante esse professor se familiarizar com a realidade da Educomunicação que, apesar de ser um termo atual, é constituído de grande valor e dimensão, sendo objeto de estudo em ascensão em todo mundo. Por fim, este estudo propõe colaborar

para abrir caminhos para uma nova perspectiva didática, para novos conhecimentos e para a ação.

PARTE 1 – A EDUCOMUNICAÇÃO E O NOVO CAMPO DE INTERVENÇÃO

“O educador já não é mais o que apenas educa, mas o que enquanto educa é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. [...] Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. (Paulo Freire)

Com esta parte, buscamos refletir sobre a popularização dos meios de comunicação e como eles permearam nossa sociedade, sem deixar de fora as escolas. Seja por imagens, seja por sons, os alunos levam para a sala de aula experimentos da vida cotidiana e, nesse sentido, é necessário romper com tradicionais métodos de ensino e perceber que os meios devem se tornar ferramentas pedagógicas, modificando as relações entre professores e alunos. Procuramos apresentar um olhar histórico sobre Educomunicação e a relação com a Consciência Histórica, mostrando a importância de se aliar o método ao ensino de História para que, enquanto educadores, nós formemos cada vez mais sujeitos que possuam consciência crítica em relação ao que é veiculado na mídia, que desenvolvam a ideia de pertencimento da sociedade que vivem e que sejam sujeitos atuantes em seus deveres e direitos. Começamos, portanto, falando como surgiu a Educomunicação.

1.1 O início de tudo: a Educomunicação para todos os meios

Para iniciar a pesquisa, é importante retratar os primórdios da Educomunicação. Em 1940 já possuíamos modestamente práticas de uma educação para as mídias, mas na década de 1970 que começa-se a estruturar a mesma. Segundo o pesquisador Boris Fausto (2004, apud MACHADO, 2009), por volta de 1950-1964, houve um momento de embate entre capitalismo x socialismo no mundo todo. Bem além da disputa econômica e ideológica, esse período compreende uma fase desenvolvimentista de crescimento urbano e industrial no Brasil, ao passo que, também, surge um avanço social que abre as portas para os movimentos sociais como as ligas camponesas, União Nacional dos Estudantes (UNE) e até mesmo a Igreja Católica.

Nas análises de Eliany Machado (2009), o governo brasileiro de 1950 inicia um projeto de alfabetização da população associado a um processo de expansão econômica, uma questão de dinamização que o mercado exigia. O primeiro passo da perspectiva progressista foi alfabetizar os adultos com métodos rápidos e eficientes. Nesse momento, teóricos como

Paulo Freire, e a própria Igreja Católica vão atuar em um proposta alfabetizadora que forme as pessoas para uma leitura de mundo, para uma análise crítica socioeconômica.

Em 1964, uma postura radical tomada pelo governo militar, considera o método de Paulo Freire² subversivo. Diante do contexto de repreensão e violência contra os princípios democráticos, cresce os protestos em todo o país. Manifestações estudantis foram sufocadas com violência e a instauração do Ato Institucional-5 (AI-5) não conseguiu anular a revolta da população contra a forma política que o país era conduzido.

Em 1969, ainda conforme Machado (2009) é criada a União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), que visava estimular e promover o cristianismo nas políticas de comunicação social e na mídia em geral. Assim, foi como forma de tentar barrar a sustentação política de controle social repreensiva dos militares, que práticas no campo da educação tinham o propósito de conscientizar as camadas mais pobres das possíveis manipulações dos meios de comunicação.

Um dos projetos da UCBC foi o Leitura Crítica da Comunicação (LCC), que levava aos setores populares a discussão sobre a necessidade da democratização dos meios de comunicação de massa. Projetos como este se difundiram pela América Latina como na Costa Rica, no Peru e na Venezuela. Pesquisadores como Cecilia Peruzzo (2002) consideraram que o momento histórico de negativa da cidadania da maioria da população e de movimentos como o LCC são vistos como práticas de comunicação popular que marcaram o processo de mudança nas sociedades latino-americanas.

Nesse aspecto, a comunicação popular representou “um grito, antes sufocado, de denuncia e reivindicação por transformações, exteriorização, sobretudo em pequenos jornais, boletins, alto-falantes, teatro, folhetos, vídeo, audiovisual [...] etc.” (PERUZZO, 2002 apud MACHADO, 2009. p.27). Essa nova proposta de comunicação busca a mudança social e a transformação do sujeito histórico através da conscientização dos indivíduos enquanto parte integrante da comunidade que vivem e capazes de agir na realidade daquele local através dos meios de comunicação, sejam eles pequenos, como rádios locais, sejam os meios de comunicação de massa.

² **Paulo Freire** (1921-1997) foi o mais célebre educador brasileiro, com atuação e reconhecimento internacionais. Conhecido principalmente pelo método de alfabetização de adultos que leva seu nome, ele desenvolveu um pensamento pedagógico assumidamente político. Para Freire, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação. O principal livro de Freire se intitula justamente *Pedagogia do Oprimido* e os conceitos nele contidos baseiam boa parte do conjunto de sua obra. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/460/mentor-educacao-consciencia> > 18/12/2016.

Todo este processo político vivido, principalmente depois de 1968, toda repressão e diferença socioeconômica, contribuíram para surgir o movimento de Comunicação Popular que uniu o alternativo e o comunitário. Esse movimento acreditava na luta pela liberdade de expressão, cidadania e democratização dos meios de comunicação.

De acordo com Eliany Salvatierra Machado (2009), o comunicador, jornalista e educador uruguaio Mario Kaplún é considerado o fundador da Comunicação Popular. Na década de 1960, ele criou o projeto radiofônico “Cassete Fórum”, que produzia programas que contribuíssem para a formação da comunidade para a emancipação e que era veiculado à programação comercial. O profissional acreditava que os destinatários das informações tinham que tomar consciência da sua realidade para uma reflexão e, assim, gerar a discussão para um processo formativo e de transformação. Nessa perspectiva, os meios de comunicação são instrumentos de educação popular em um processo educativo transformador.

Kaplún dividiu a educação em endógena e exógena. A exógena trabalha a educação tradicional, o conteúdo e os efeitos; a endógena destaca a importância do processo de transformação da pessoa e comunidades com o desenvolvimento das capacidades intelectual e a consciência social. O modelo exógeno foca na educação libertadora ação-reflexão-ação e dessa forma, educa para a democracia. Como Freire, Kaplún acreditava que ninguém educa sozinho, “os homens se educam entre si, mediados pelo mundo, e essa trajetória na qual os homens se educam entre si é precisamente o processo educativo” (KAPLÚN, 2002 apud MACHADO, 2009, p.42).

No pensamento desse precursor, o papel do educador é estimular análises e reflexões para aprender e construir junto com os alunos, provocando a crítica. É uma educação em grupo e não individual comprometida com o social e os excluídos, em que a falha ou “erro” são vistos como parte do processo de busca da verdade e a problematização das coisas para se instigar o conhecimento.

Ainda segundo Machado (2009), o educador brasileiro Paulo Freire desenvolveu fundamentos sólidos para um novo modelo educacional. Ele inaugurou um pensamento dialógico, democrático e libertador na pedagogia nacional e latino-americana. Seus estudos repercutiram internacionalmente e provocaram uma ruptura no que se conhecia de educação/comunicação. O educador apostava na educação intermediada pelo audiovisual, para ele, a tomada de consciência dá condições de pensar e agir sobre a realidade. As pessoas somente vão atingir essa consciência quando se reconhecerem parte da humanidade, da história e se indignarem e tornarem-se capazes de atuar. Essa ação é o comprometimento que

ocorre por meio da educação. Portanto, a educação Popular, idealizada por Freire, tem como pressuposto a emancipação para a humanização em uma sociedade dividida em classes.

Nessa perspectiva de Machado (2009), para Paulo Freire, cada ser humano tem um saber único, o qual possibilita estabelecer uma nova relação com a vida. Ao criar uma metodologia dialógica, Freire renegava a transmissão vertical do conhecimento, aquela que o professor detém o saber e o aluno tem que absorvê-lo. Ele defendia uma educação pautada pelo respeito ao educando na busca da autonomia, do diálogo e de um pensamento crítico e libertador dos opressores. Isso produz uma educação problematizadora, que revela o mundo pela confabulação e não pela imposição. Nesse sentido, a conversação e a comunicação são essenciais para desenvolver o conhecimento proposto, já que “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1978 apud SARTORI, p. 10).

Assim, através da interação comunicação e educação, é possível transformar o ser humano como sujeito da própria história. Ademais, pelo diálogo e pela igualdade é possível desenvolver uma consciência crítica e se transformar. Paulo Freire, com sua base teórica, forneceu as raízes da Educomunicação juntamente com os teóricos latino-americanos que passaram por um contexto histórico semelhante em seus países e que enxergaram a comunicação como objeto libertador. Esses são pressupostos da Educomunicação, e é por aí que tudo começa.

Para aprofundarmos no assunto, é importante entendermos, claramente, essa comunicação que defendemos em sala de aula. Na leitura de Norval Baitello Jr., o autor Aby Warburg vê, no início da eletrificação do planeta, um marco que transformou a vida humana e a sociabilidade ao encurtar as distâncias através dos meios de comunicação. Warburg desenvolve a Teoria da Mídia que vai discorrer sobre as diferenças da comunicação e propor um estudo a partir “de uma tripla tipologia dos processos de mediação: os meios primários, os meios secundários e os meios terciários” (BAITELLO JR., 2010, p.61).

Nesse contexto, a comunicação primária é aquela em que os participantes têm como único recurso o próprio corpo para produzir linguagem, é a comunicação presencial, como por exemplo, sons, ruídos, gestos, odores. É a primeira forma de comunicar que nós desenvolvemos e, por isso, ela é tão importante ao ponto de interferir nas demais formas.

A comunicação secundária é quando os corpos deixam marcas sobre suportes ou outros corpos que podem ser repassados e podem se transformar em sistemas de sinais. É quando os laços de comunicação se expandem e vão poder ser transportados, repassados,

como por exemplo, os alfabetos, ideogramas, livros, panfletos, jornais. Isso já representa uma enorme expansão no tempo e no espaço da comunicação.

Por último, a comunicação terciária aparece com a eletricidade e a criação de aparatos que transmitem mensagens para outros aparatos similares. Essa já não requer mais a transmissão física da mensagem, mas do impulso elétrico, que é indispensável para a construção de redes transmissoras, retransmissoras e captadoras. É a telefonia, radiofonia, televisão e *internet*. Nesse sistema, a voz ou a imagem são transmitidas, imediatamente, num esforço único e atingindo muito mais pessoas. Os meios terciários inauguram novas relações de tempo (escrita e da leitura) e espaço (distância).

Diante do exposto, acreditamos que não há uma comunicação mais importante que a outra, cada uma delas tem suas vantagens e desvantagens, potencial maior ou menor. O importante é saber que não somente os meios de comunicação de massa, os da mídia terciária, são eficazes, mas também os meios de comunicação interpessoal, como a oralidade e a escuta e a comunicação olfativa, que têm fundamental importância, por exemplo, nas salas de aula. A comunicação primária, que pode ser desde a palavra falada, a maneira de sentar, gesticular as mãos e até o franzir de testa, é importante para uma comunicação entre alunos e professores. Da mesma forma, a comunicação secundária, que vai dar significado aos corpos, pois veicula conteúdo às mensagens como, por exemplo, a roupa e a moda, o alfabeto e a escrita.

Para um trabalho que busca a dialogicidade, como o da Educomunicação, o conceito de Teoria da Mídia é muito importante, porque o sujeito é reconhecido bem mais que um receptor das mensagens, ele também faz parte do processo, interferindo e modificando as formas de pensar as informações que chegam pelos meios de comunicação. As aproximações entre as mensagens como imaterialidade e imagem, gesto e corpo, escrita e história, ou o distanciamento delas podem ser pontes ou abismos para a comunicação. Por isso, Baitello Jr. (2010, p. 63) reforça:

tal aplicação do conceito de mídia oferece um notável desafio para os estudos da comunicação humana hoje, deslocando este campo do saber para um novo patamar, mais complexo, exigindo a inclusão de fatores tanto quanto psicoantropológicos, ao lado dos indispensáveis componentes sociopolíticos e econômicos.

Vilén Flusser (ano apud BAITELLO JR., 2010) acredita que três grandes catástrofes se abateram sobre o homem em seu percurso sobre a terra. O momento em que sai do nomadismo; quando ele começa a possuir bens e, por fim, quando as casas ficam esburacadas

e permeadas pelos ventos da mídia. Essa mídia terciária que entra pelas frestas vai tornar possível transmitir e retransmitir imagens e sons, os símbolos arcaicos dos mitos, rituais e celebrações tradicionais e tudo isso vai dar novos suportes para ampliação da memória humana. No que diz respeito ao contexto da educação, precisamos aplicar as diversas formas de comunicação nas aulas de História e não acreditar somente que ela é uma ação unilateral, com mensageiro, mensagem e receptor. A comunicação é, genuinamente, um ato humano, ela começa e termina entre corpos e o fato de uma ser mais simples que a outra não tira sua importância, assim, desde a aula expositiva àquela amparada com tecnologia de ponta, o grande objetivo é transmitir e receber as mensagens e pensamentos dos alunos. Comunicação, portanto, não é um ato unilateral e, por isso, a educação também não o é. Lidar com essas questões faz parte do contexto educomunicacional, ou seja, educar enquanto se é educado, enquanto existe uma troca de mensagens, de conhecimentos, aproveitando os ventos da mídia para tal.

E já que a comunicação é uma das primeiras ações humana, é natural que ela passe por um processo evolutivo. Entender como foi e como tem sido esse processo é inevitável para a proposta de educar com as mídias. Sendo assim, é importante assimilar que transformações políticas, sociais, econômicas e culturais que ocorreram no século XX, culminaram com o surgimento das tecnologias da comunicação e da informação. Essas mudanças ditaram diferentes práticas, vivências e formas de vida em sociedade. Identifica-se, dessa forma, que, enquanto o século XIX preocupou-se com a reorganização econômica e política em função do crescimento industrial capitalista, o século XX preocupou-se com a onipresença dos meios de comunicação.

Em um espaço de tempo muito curto, cerca de 20 anos (1950-1970), as novas tecnologias penetraram todos os campos do nosso cotidiano. “Esta mudança técnica não alterou apenas os hábitos da vida, mas também das estruturas do pensamento e da valoração” (McLUHAN, 1964 apud CARR, 2010, p.16). A velocidade que a tecnologia da informação chega e se impõe leva a um ritmo quase impossível de reorganização de hábitos, sendo que a informação chega a ser considerada, por autores como Ângela Junquer (2002), como o bem de consumo mais importante na Terceira Revolução Industrial.

Junto a esse cenário, a globalização emerge e insere mudanças. Ela é entendida como um processo e não como um acontecimento, a sua principal característica é o fato de ela estar em constante transformação. É a integração, com maior intensidade, das relações socioespaciais e as diferentes partes do globo terrestre. Outro fator importante da globalização é o fato de ela se manifestar nos mais diversos campos da sociedade, como

cultura, espaço geográfico, educação, política, direitos humanos, saúde e, principalmente, a economia. Um exemplo disso é as redes de comunicação, cada vez mais rápidas e eficientes, permitem o acesso instantâneo de informações, onde quer que esteja.

A globalização, dessa forma, acaba tendo um papel fundamental na manipulação e uniformização da sociedade, gerando uma “erosão social da cidadania” (JUNQUER, 2002), numa nova forma de pensar o tempo e espaço, fronteira e informação, conhecimento e comunicação. Tudo é visto e acessado instantaneamente. Esse imediatismo, essa inclusão digital, preocupa-se apenas com o acesso, sem pensar no conteúdo e/ou contexto da informação. É a era da comunicação, na qual as novas tecnologias permitem que a informação chegue de forma não dispendiosa e rápida, e isso torna o leitor mais independente em suas próprias leituras, pois ele tem o livre arbítrio de ler o que quiser e onde quiser.

A volatilidade da informação que vivemos hoje já era preocupação de estudiosos de décadas atrás. A proposta comunicativa popular, que é ligada ao povo, e alternativa – no sentido de ser uma alternativa a grande mídia, de 1970 – é tida como superada para autores como Cecilia Peruzzo (2002). Ela afirma que essa proposta que visava combater não soube abrir-se à sociedade e às mudanças que estavam marcando um novo momento da História, permanecendo fechada aos setores mais combativos. Enquanto que em 70 a prática “comunicativa-cidadã” ganhou visibilidade, durante o período das ditaduras na América Latina, em 80 e 90, o que sustentava essas práticas era a luta por uma comunicação democrática e participativa.

Seguindo a linha de raciocínio de Peruzzo (2002), essa nova proposta de espaço educativo com o uso das tecnologias da comunicação como *internet*, rádio e TV pelas organizações comunitárias e ONG’s produziu um processo de democratização dos meios de comunicação em massa, ao mesmo tempo em que a mídia, também, passou a abrir espaço para temáticas de interesse público, ou seja, transmitir mensagens de interesses menos mercantis e mais comunitários a partir de 1980. Isso é fruto da pressão dos setores populares organizados para que a mídia abrisse mais espaço para transmissão de programas que mostrassem a realidade local.

As estatísticas levantadas pela autora revelam que as leis que regulam as rádios comunitárias, por exemplo, começaram a permitir, depois de 1990, a utilização de veículos de comunicação pelas massas populares. Foi, então, com a luta por uma comunicação democrática e participativa, iniciada no período da ditadura, que grupos como organizações não governamentais e grupos sociais foram influenciados. Assim, a comunicação popular que transmitia suas informações através de instrumentos simples e de pequeno alcance, como

panfletos, aos poucos deu espaço para apropriação de tecnologias de comunicação como a televisão e a *internet* de um mundo globalizado, e conseguiu se adaptar aos interesses públicos. A escola não ficou aquém da mudança de paradigmas e, da mesma forma, precisou se adaptar às novas condições midiáticas.

Nesse sentido, o pesquisador Jesús Martín-Barbero (2000), na leitura de Tatiana Canziani (2009), acredita que, diante das linguagens eletrônicas e audiovisuais que ultrapassam as antigas, há a possibilidade de que novas formas de narrativas diferentes convivam. O público deixa de ser inerte e passa a ser fator determinante para o processo de construção da comunicação, então, torna-se necessária uma pedagogia da educação para os meios. Para que isso ocorra, é importante perceber o ambiente escolar como um ecossistema. Tal qual um ecossistema ambiental, onde convivem diferentes espécies de animais e plantas em uma harmonia em que cada um tem seu papel importante para manter aquele ecossistema, nas escolas também precisamos criar esse mecanismo, um ecossistema comunicativo, que busca a descentralização de vozes, diálogos e a interação com os diferentes atores. Assim como é necessário o equilíbrio entre homem e natureza, é também necessário esses ecossistemas comunicativos nos espaços educativos para que exista uma relação equilibrada em ambientes nos quais vários atores convivem, como a família, a igreja, o bairro e a própria escola.

Ismar de Oliveira Soares (1999) é quem desenvolve o conceito de ecossistemas comunicativos de modo mais abrangente, o que está intimamente ligado ao conceito de Educomunicação que iremos aprofundar agora.

1.2 Sobre o conceito de Educomunicação

Até o momento, retratamos um período que o mundo passava por transições ideológicas, econômicas, políticas e culturais entre, 1970 e 1980. Esse momento também marca a origem da Educomunicação na América Latina, o que a torna peculiar do restante do mundo, ou seja, enquanto que na Europa e Estados Unidos se pensa em uma mídia para a educação, na América Latina pensa-se em uma educação para a comunicação, justamente por passar um período tão conturbado.

Mas, enquanto conceito, a Educomunicação reaparece no cenário acadêmico a partir de uma pesquisa realizada em 1997 e 1998 pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – USP. A pesquisa foi desenvolvida pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da ECA/USP, com um grupo de 178 especialistas, de 12 países da

América Latina, pelo professor Ismar de Oliveira Soares. Eles identificaram práticas profissionais na sociedade em torno da comunicação e educação e, assim, o termo Educomunicação foi retomado. Em seguida, no ano 2000, começou-se a disseminar o conceito e a identificar o perfil desse profissional. O ECA avançou nas pesquisas e práticas e o conceito tornou-se um paradigma, conforme esclarece Claudemir Viana (2016) em palestra proferida em evento, ao perceber o paradigma enquanto um conjunto de noções básicas sobre um fenômeno e, no caso, o fenômeno é a interface entre comunicação e educação.

A Educomunicação à qual nos referimos, portanto, é um campo de relação entre saberes, é um espaço de questionamento de busca e construção de conhecimento, um campo de ação política, lugar de encontro e debate das diferenças e semelhanças, das aproximações e distanciamentos. É um campo de prática, de discussão. Soares (2000) a define da seguinte forma:

[...] o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádio educativas, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação à distância ou ‘*e-learning*’, e outros [...] (SOARES, 2000, p. 115).

À primeira vista, Comunicação e Educação são áreas que não têm ligação alguma. Soares (2000) percebe que a educação era vista como o saber oficial, autoritária e presa ao Estado, já a comunicação é aberta, sempre a procura do novo e veiculada ao mercado. A junção dos dois conceitos surge para esse autor como um novo campo de intervenção, que procura ressignificar os movimentos comunicativos na área da educação. Ela é toda ação comunicativa no espaço educativo, com o objetivo de desenvolver ecossistemas comunicativos; reforça o papel dos meios de comunicação no ensino formal e informal, como acredita Vitor Manuel Diegues (2010), ou seja, comunicação e educação, assim como a Educomunicação, são áreas do saber que possuem a ação como seu elemento inaugural.

A partir dessa pesquisa, Soares (2000) percebe que a Educomunicação possui quatro áreas de intervenção, ou um conjunto de ações que são próprias dos produtos educacionais, e as descreve da seguinte forma:

- a) **Educação para a Comunicação** – área que reflete as relações entre produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens. Tem o propósito de ensinar os alunos

a lidar com os meios de comunicação de forma consciente. As ações dessa área estão direcionadas para o estudo do lugar e dos meios que ocupam a sociedade e têm o objetivo de ir além da teoria. Preocupa-se com os impactos sociais que os meios de comunicação promovem na sociedade, sua participação e percepção. Apesar dos esforços, a educação para os meios de comunicação ainda não é parte integrante da escola. A popularização da Educomunicação na América Latina contou com o empenho de Paulo Freire e de um grupo de educadores que lutavam contra o imperialismo cultural norte-americano e acreditavam na consciência crítica como forma de combater essa prática e, para isso, essas produções priorizam o receptor no sentido de fortalecer seu sentimento de pertencimento de lugar, de grupo social, firmando valores. Assim, dentro dessa perspectiva, a chamada “teoria das mediações” acredita que a recepção é mediada pela família, escola e amigos, por isso a importância de incluir todos os intermediários no trabalho.

- b) **Mediação Tecnológica na Educação** – A Educomunicação trabalha com temas transversais e valoriza o conhecimento como um todo, dessa forma, as tecnologias não são apenas para melhorar a performance dos professores, mas dos alunos e da comunidade. O modelo de educação linear tradicional está sendo transferido para um modelo em redes. Por isso a introdução de novas tecnologias na educação, para a mediação na aprendizagem.

[...] a aprendizagem ocorre quando o indivíduo sente-se tocado, envolvido, conectado. E, como o ambiente mediado por tecnologias pode ajudar a “produzir sentidos”, ele converte-se em mediação, porém não é a tecnologia que provoca aprendizagem, mas sim o “sentido”, razão pela qual o campo compete à comunicação (METZKER, 2008, p. 8).

Mas a chegada da tecnologia é diferente para professores e alunos. Professores mostram-se resistentes e até receosos, enquanto que os alunos são atraídos pelo novo e, “nessa brincadeira”, os professores passam a serem aprendizes, aprendendo com os próprios alunos, o que mostra que o ensino não se restringe à sala de aula e os objetivos da educação têm que ir além do conteúdo escolar. Por tudo isso, a falta de orientação dos professores pode ser um obstáculo para a realização da mediação tecnológica na educação.

- c) **Gestão da Comunicação em Espaços Educativos** – essa área é do planejamento, realização e execução dos projetos, criando e implementando ecossistemas comunicacionais. Dá-se tanto em espaços formais, quanto informais, e a principal

característica é a interface que o educador faz entre a comunicação e a educação. A escola é vista como um mundo com conexões externas e, por isso, a importância de romper com métodos tradicionais. Assim, esse campo se dedica a garantir que todos envolvidos em projetos educacionais estejam liderados por pessoas competentes e usando, adequadamente, a tecnologia.

- d) **Expressão Comunicativa através da arte** – é uma área nova que trabalha com arte-educadores. A Educomunicação incentiva os indivíduos a se expressarem pela forma da arte, dando espaço para livre expressão e sujeitos sociais.

Sendo assim, o orientar e sustentar as ações abordadas em cada uma das áreas de intervenção faz com que esse paradigma procure a tomada de consciência do cidadão e a reflexão do nosso papel em relação ao mundo, através de uma análise dos meios. Busca também promover o fortalecimento dos ecossistemas comunicativos, ampliando o olhar e a partir de um contexto de convivências se opõe ao hegemônico, sendo capaz de executar uma leitura crítica dos meios e ter uma liberdade de expressão com a consciência de seus atos.

No que tange à temporalidade, a Educomunicação é recente e está em processo de conhecimento no Brasil. O que esse novo paradigma destaca é um espaço com sujeitos e que suas ações na sociedade têm relação com a cidadania. A proposta se aprofunda em uma educação para a comunicação e não para a mídia, feita por meio de uma perspectiva ética, de cidadania e que abra espaços democráticos para diálogo, respeitando a individualidade de cada um.

Pensando na Educomunicação em sala de aula, as estatísticas levantadas por Wanda Jorge (2010 apud RIBEIRO e BATISTA, 2010) destacam que as crianças passam cerca de 3,5 horas por dia em frente à televisão. “Em estudo feito pela Unesco, o tempo que as crianças gastam assistindo a televisão é, pelo menos, 50% maior que o tempo dedicado a qualquer outra atividade do cotidiano, como fazer a lição de casa, ajudar a família, brincar, ficar com os amigos e ler” (JORGE, 2010 apud RIBEIRO e BATISTA, 2010, p. 2)

Por estarem presentes no dia-a-dia das crianças, os meios de comunicação, na maioria das vezes, são vistos como vilões sutis que as influenciam. Segundo a linha de pensamento da mesma autora, a admiração que as crianças tinham por seus pais, avós e tios é transferida na adolescência aos atores, atrizes, cantores, jornalistas, apresentadores da televisão, cinema, rádio, *internet* e jogadores de futebol, por exemplo. Esse é um dos motivos que faz de extrema importância a escola trabalhar os meios de comunicação e ensinar o aluno a receber da forma

mais proveitosa possível, a quantidade gigantesca de informações a qual é exposto todos os dias.

Caminhando nessa direção, Martín-Barbero (2.000, p. 55) afirma que “A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e centralizados”. O educador, então, torna-se importante à medida que as técnicas educacionais estão entre a pedagogia e a didática, e o uso das tecnologias em sala faz dos meios de comunicação realidades didáticas e não meras ferramentas no ensino. Esse profissional reconhece que não é mais o único que tem direito a palavra, porque a informação pertence a todos e isso coloca professores e alunos no mesmo patamar de aprendizado. Para os educadores, aprender é um processo coletivo, no qual as diferenças devem ser respeitadas. É pensar de forma multidisciplinar e multimidiática.

Acreditando que é necessário existir uma troca de conhecimentos entre mestre e aluno, uma igualdade entre os seres, Soares (2009) afirma ser:

Um novo referencial para a relação educador-educando, o aluno pode ensinar ao mestre (principalmente a manipulação das novas tecnologias), os alunos podem ensinar uns aos outros (principalmente confrontando seus pontos de vista ou suas fontes de informações ou suas soluções para o problema, em diálogo direto, por correio eletrônico ou fórum mediado) (SOARES, 2009 apud SANTOS e TONUS, 2010 p. 103).

E é nesse cenário que Paulo Freire, desde a década de 1970, retratou que a educação é diálogo, é o encontro de interlocutores e que “o educador já não é mais o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1967 apud SARTORI e SOARES, p.10).

No bojo dessa discussão, Geneviève Jacquinot (1998) revela em seus estudos que é importante reconhecer que não existe somente um saber midiático e outro saber escolar. Primeiro porque, seja ou não de nossa vontade, os alunos irão ter contato com o mundo além de casa e, depois, porque a escola e os meios de comunicação possuem pontos em comum, sendo que o que se aprende na escola pode ajudar a compreender o que eles veem na mídia e vice-versa.

Esse pensamento é reforçado por Jacquinot ao dizer que, a partir de 1940, mudam-se os impactos dos meios de comunicação e o que se acreditava sobre comunicação pedagógica, já que era seguida por um modelo matemático e funcionalista da informação, o qual enfatiza uma educação unidirecional de emissor para receptor, ao passo que ideias neo-marxistas da

escola de Frankfurt “diabolizavam” a relação escola-televisão, fazendo com que os professores temessem-na, em particular. Mas, no final do século XX, por volta de 1980, novas perspectivas mostram uma mudança na pedagogia da transmissão para a mediação. O receptor é visto agora como co-construtor da mensagem e o conhecimento é resultado das interações do sujeito com os outros sujeitos e, porque não dizer, com os meios de comunicação.

Como afirma Baccega (2004), as crianças, ao chegarem às salas de aula, já estão alfabetizadas. É uma alfabetização “pós-moderna”, já que essa interação com os meios de comunicação faz com que logo cedo elas percebam que o conhecimento não está somente nos bancos das escolas e nos professores.

Outra faceta desta deslocação se manifesta nas fontes legitimadoras das aprendizagens. Antes, o livro tinha ‘a última palavra’ nos combates do professor em sala de aula. Agora, a última imagem está na tela a última palavra a tem os sujeitos-audiência e seus olhos: ‘se vejo na televisão, eu creio, é verídico, se não o vejo, posso duvidar e desconfiar’ (GOMEZ, 2001 apud BACCEGA, 2004, p. 68).

Nesse sentido, é essencial que o professor se aproxime dos meios de comunicação e se familiarize com eles, aproveitando das suas potencialidades, controlando sua eficiência e uso para criar novos saberes. “A escola deixa de ser o único local de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados” (CANZIANI, 2009, p.64), os alunos vivem submersos nos meios de comunicação fora da sala de aula, por isso, a mídia deve ser utilizada como proposta de fonte de aprendizado a mais para a sala de aula. Também deve ser valorizado no aluno o local onde vive, a organização social, a etnia, os professores com os quais já teve contato e até a igreja, pois são esses agentes externos aos muros da escola que marcam a forma com que cada indivíduo vai enxergar o mundo. Trata-se de uma sincronia entre escola, meios de comunicação e comunidade, que irão formar esses cidadãos para o mundo: eis um dos desafios da Educomunicação.

Para romper com uma cidadania associada ao consumismo capitalista e com um público hipnotizado pela ideologia, é preciso formar um novo sujeito, com diferentes significados. Esse conceito começa a mudar na metade do século passado, com a comunicação popular, quando o público se torna mais capaz de rejeitar a informação produzida e passa a ter usuários mais críticos e conscientes. Era necessário rever as relações de comunicação dentro das escolas, formando espaços democráticos e aperfeiçoando sempre os ecossistemas comunicativos, além de criar formas dos alunos conviverem com os meios de

comunicação de forma positiva, desenvolvendo um espírito crítico e usando, adequadamente, os meios de informação nas práticas educativas e ainda facilitar a aprendizagem e incentivar alunos, professores e comunidade a se expressarem. As críticas feitas aos meios de comunicação não eram no sentido de questionar a existência dessas mídias e sim de alertar para a utilização que se faz delas. Essa preocupação, aliada à preocupação da educação com a função de conscientizar os usuários dessas mídias, marcam o início dos trabalhos da Educomunicação em meados de 1970.

Pela Educomunicação se promove a educação emancipatória, que prepara o sujeito para pensar e desenvolver seu senso crítico, segundo Gabriela Metzker (2008). A preocupação não deve ser com a emissão das informações, mas com a recepção que deve ser trabalhada para que a pessoa aprenda a ler a mensagem. Por isso a escola não deve se limitar a fazer um recorte sobre os saberes. Ela tem a função de mediar aquisição de conhecimentos e ainda “possibilita uma conscientização e o desenvolvimento de uma autonomia crítica do aluno/cidadão frente aos meios de comunicação que de repente sozinho, ele não conseguisse desenvolver” (CANZIANI, 2009, p. 54).

Para se atingir essas prerrogativas, são necessárias várias ações em conjunto, ações que incluam desde o plano pedagógico da escola até a participação da comunidade escolar nesse processo. “Enfim, o objetivo principal das ações educacionais é o crescimento da autoestima e da capacidade de expressão das pessoas, tanto individualmente quanto em grupo” (METZKER, 2008, p.5). Dessa maneira, a comunicação enquanto espaço de convívio humano de produção de conhecimento e de mudanças sociais, volta-se para a educação para ter nas relações sociais a forma de trabalhar os aspectos críticos e comportamentais do público. Em contrapartida, a escola vê nos meios de comunicação um instrumento que vai ajudar a formar o senso crítico, o pensamento, a leitura, a análise de textos, imagens e as estratégias de comunicação, conforme a leitura de Cláudia Jawsnicker (2008).

Além de dedicar-se aos ensinamentos científicos, a educomunicação se preocupa, também, em preparar os alunos para o exercício de seus direitos e ensiná-los a receber, da forma mais proveitosa possível, o bombardeio de informações que estão expostos através do diálogo, em que todos podem expor o que pensam e ouvir o que o outro pensa, além de produzir um novo discurso em conjunto, desta forma, no exercício de enfrentamento de diversos pontos de vista pelo diálogo, junto com as experiências pessoais e modos de vida de cada um que se forma o senso comum. E respeitar os pensamentos e as decisões individuais, aprender a olhar uma matéria jornalística, por exemplo, e ter argumentos que sejam positivos

ou contrários, ter uma relação mensageiro-receptor mais saudável, que faz necessária a Educomunicação. Esse pensamento é reforçado por Angela Schaun:

Atuar dentro e fora dos muros, servir de ponto de mediação, de integração e de reflexão, saindo do impasse e transitando nos vários territórios, comunicar não apenas os enunciados científicos e técnicos, mas produzir a comunicação de discursos éticos, estéticos e sobretudo políticos que mirem transformações e inclusões sociais - esses, os objetivos do educador (SCHAUN, 2002, p.84).

A escola passa a ser questionada quanto às suas práticas metodológicas tradicionais que pensam o saber científico em uma cultura livresca. Culpam-se os meios de comunicação e os conhecimentos facultados às novas tecnologias pela depreciação da escola. Para Jacquinet (1998), a questão é que os meios de comunicação, mais especificamente os áudio visuais, chegam às escolas sem que haja tempo de analisar seus resultados aplicados à Educação. É impossível conter esse avanço e inaceitável que professores não sejam preparados para lidar com os *media* e sala de aula.

Essa situação é reforçada por Jawsnicker (2008) ao afirmar que a insegurança dos professores em relação ao uso pedagógico dos meios de comunicação se dá pelo fato de que a escola considera contraditória a relação entre os *media* e a sociedade. De um lado, a mídia é criticada por estimular um consumo alienante, de outro, os professores reconhecem que elas são muito mais atraentes que a escola.

Muitas vezes, o professor, por desconhecer as etapas da produção jornalística, valoriza mais a aula expositiva e elimina das aulas o que sai na mídia. Para esses profissionais, é importante que entendam que uma matéria jornalística está sujeita a seleções arbitrárias por quem a editou e, por isso, a importância de olhar criticamente a informação e não tomá-la como crença ou como absoluto reflexo da realidade.

O uso das práticas de Educomunicação em sala serve para ajudar que as informações recebidas pelos alunos sejam mais saudáveis. E, para que a aplicação seja mais eficaz, a escola precisa de professores capacitados, que compreendam seu sentido e que estejam dispostos a aplica-la. Por isso é necessária a presença de um profissional que faça esse intermédio, o educador, que, segundo Jacquinet (1998, p.10), “É alguém que tem dupla função teórica, trabalhando na convergência entre as ciências da educação e as ciências da comunicação”.

Nessa perspectiva, compreende-se que um educador é quem vai elaborar diagnósticos, coordenar projetos na inter-relação comunicação e educação, implementar

programas com o intuito de se relacionarem com a mídia e assessor educadores no adequado uso dos recursos da comunicação enquanto instrumento de expressão da cidadania. O educador, enfim, reconhece que o professor não é o único que acumula o conhecimento construído em conjunto na sala de aula, ele respeita a diversidade de representações.

A condição de ser um educador não requer que o profissional seja graduado na área, educadores de todas as modalidades têm condições de aplicar essa prática, aliás, segundo Soares³ (2010), essa é a intenção, ter profissionais de diversas áreas, com um pensamento voltado para um ensino-aprendizagem de educação para as mídias, e ter também as crianças educadoras. Contudo, após muitos anos de persistência, a Escola de Comunicação e Artes da USP, através do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) conseguiu a criação da licenciatura em Educação em Comunicação na USP, em 2011. Ainda no mesmo ano, na Paraíba, a Universidade Federal de Campina Grande abriu uma habilitação de bacharelado no curso de Comunicação Social em Educação e, em 2014, foi criada a primeira Especialização em Educação em Comunicação, também na USP. Além de trabalhar como assessor nas escolas, auxiliando professores, o profissional graduado também pode atuar no terceiro setor, enquanto consultor de empresas ou ONG's. Dentro da escola, esse profissional, para Soares (2010), não entra para anular o professor, ao contrário, vem para fortalecer, cumprir tarefas específicas, criando espaço para que os projetos aconteçam. Vale lembrar que há previsão de outras universidades implantarem o curso, já que o NCE percebe a geração de uma demanda para tal.

Existe uma diversidade imensa de trabalhos relacionados à Educação em Comunicação e sala de aula, dentre eles, podemos citar: Vitor Manuel Diegues, que propõe uso de *Web* rádios e *podcasts*; Maria Veronica de Azevedo, com telejornalismo; Claudia Jawsnicker, com o tabloide; Paula Alexandra Bueno, nas aulas de música. Trabalhos nessa área também podem ser desenvolvidos por historiadores, como é o caso de Claudemir Viana, que aponta seus estudos a partir de sua dissertação de mestrado, desenvolvida a partir de pesquisas no colégio Maria Montessori, em São Paulo, na qual consegue inserir a participação dialógica dos alunos nas disciplinas ofertadas. Ele trabalhou junto a professores daquele colégio uma mudança de atitude pedagógica a partir do processo educacional e por meio da dialogia e dos produtos da mídia inseridos na sala de aula. Apesar dos bons resultados colhidos por Viana,

³Entrevista postada no *site* do Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wsGIN0GZwY4&list=PL3Y9UhJd3LUNwi16bp0C34JGbc4kMZtlk&index=6>>. Acesso em: 16 maio 2016.

ele reconhece que nem todos os professores estiveram abertos à proposta, mas que um grupo de professores se empenhou e sobressaiu.

Ainda há os projetos desenvolvidos pelo NCE da USP, com o *educom.radio*, que habilita alunos e professores do ensino fundamental a usarem o rádio com práticas educacionais. Enfim, possuímos um arsenal de materiais que embasam e mostram que as práticas estão em vigor, dão certo e estão sendo produzidas e difundidas nas mais diversas áreas do conhecimento.

O que podemos refletir, então, sobre a Educomunicação? Entendemos que é um conjunto de ações que leva esse paradigma ao sucesso. Somente colocar *internet* em uma escola ou ter computadores de última geração não garante que se esteja aplicando uma educação midiática. A Educomunicação está nas relações interpessoais, mediadas ou não com a tecnologia, porque esse não é o fim, o mais importante, e sim como as pessoas vão fazer o uso social e político delas. Se a educação é participativa, democrática, aberta, reflexiva, ela é Educomunicação, o contrário de uma educação tradicional, com um roteiro engessado a ser seguido. Temos que levar em consideração que o aluno não é um ser permanente e que repete só o que o professor quer, ele tem suas opiniões, seus saberes trazidos de casa e também tem muito a compartilhar. Defendemos uma educação enquanto processo de comunicação e que seja dialética, indo além de, simplesmente, transmitir e receber mensagens num processo participativo entre as pessoas e os grupos sociais. Enfim, a forma que o processo educacional vai ser produzido e gerido é que faz a diferença.

Toda essa forma de conduzir a educação proposta por esses teóricos caminha junto com uma proposta educativa prática e participativa no campo da historiografia. Unir Educomunicação e ensino de História, nesse sentido, torna-se uma tarefa possível, atual e agradável, conforme iremos discutir.

1.3 A Educomunicação nos caminhos da Consciência Histórica

Aprofundando melhor no ensino de História, percebemos que, no século XIX, seguia-se a linha positivista, cujo objetivo era ensinar a História, pontualmente, dos momentos da origem até a atualidade. A narrativa do professor era endossada pelos livros didáticos e a História ensinada era aquela que os documentos escritos a validavam e o trabalho do historiador se resumia em extrair desses documentos as informações que estavam contidas. Para Maria Auxiliadora Schmidt (2004), as transformações ocorridas com a pedagogia da Escola Nova mudou a forma de usar os documentos históricos em sala de aula. O aluno

passou a ser considerado o centro do processo ensino-aprendizagem e o professor tornou-se um orientador. O documento ainda continua sendo a prova do real, mas foi com a renovação historiográfica do século XX que houve uma renovação da concepção de documento histórico.

Ainda na perspectiva dessa autora, o documento passou a ser visto como indício do passado e seu uso em sala de aula foi repensado de forma que permitisse ao aluno um diálogo com a realidade e o desenvolvimento da análise histórica, havendo, portanto, uma interação entre as fontes históricas. Antes, apenas os documentos escritos eram considerados como verdadeiros, agora, há um leque muito maior, porque conta ainda com o cinema, a literatura, os relatos orais e os meios de comunicação em geral.

Sendo assim, uma nova compreensão da Ciência História vem moldando as práticas de ensino nas últimas décadas. Nela, teoria e prática se unem, defendendo a História ligada ao cotidiano. Trata-se da Cultura Histórica, que entende a importância do despertar de uma consciência histórica prática para as salas de aula.

Existem diversas narrativas históricas, sejam as construídas pelas memórias coletivas, sejam as produzidas por instituições. Aos profissionais da área, não basta ensinar a disciplina, mas é preciso ainda exercitar os estudantes para construir o conhecimento. A Cultura Histórica pode ser construída pela pluralidade, para isso, é preciso analisar as diversas tradições de determinada cultura. É preciso desenvolver a tradição de se estudar nas escolas locais, as situações que estão mais próximas dos alunos e do seu dia-a-dia, de se aproximar do universo das crianças e colocá-las em destaque durante as aulas.

Para Flores (2007), a Cultura Histórica é

[...] os enraizamentos do pensar historicamente que estão aquém e além do campo da historiografia e do cânone historiográfico. Trata-se da intersecção entre a História científica habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais (FLORES, 2007, p. 95).

Nesse aspecto, percebe-se que a Cultura Histórica está entre a História que realiza as pesquisas, ou que é ensinada em sala de aula, e a História que é feita pelos sujeitos históricos no cotidiano. Flores (2007) entende que a História não é exclusividade dos historiadores, ela pode ser narrada por escritores, cronistas, memorialistas ou jornalistas que disponibilizam um saber histórico através de livros, jornais, documentários. Dessa forma, o professor não é o

único que ensina e nem é ele quem está mais no centro das discussões, ele ajuda a dar significado ao poder cultural que está infiltrado em todos os espaços, inclusive nos veículos de comunicação.

Também, numa perspectiva da Escola Alemã, defendemos para o ensino de História o conceito de Consciência Histórica, a qual tem uma função prática: a partir das experiências do passado, podemos entender nosso presente. Para Baron e Cerri (2012), Jörn Rüsen propõe um novo sentido para a História, em que o passado tem um sentido a partir de sua interpretação no presente e o sujeito tem uma identidade, por meio da qual ele entende o mundo a partir de suas memórias e experiências. Isso é ter a consciência histórica, é perceber que a História tem uma função prática na vida das pessoas, que ela é útil, conforme Marrera e Souza (2013). É o que acontece em uma sala de aula.

O aprendizado histórico é um processo da consciência que se dá entre os dois pontos de referência seguintes. De um lado, um dado objetivo da mudança temporal do homem e de seu mundo no passado. De outro, um sujeito determinado, uma autocompreensão e uma orientação da vida no tempo. O aprendizado histórico caracteriza-se, pois, como um movimento duplo: algo objetivo torna-se subjetivo, um conteúdo da experiência de ocorrências temporais é apropriado, simultaneamente, um sujeito confronta-se com essa experiência que se objetiva nele (RÜSEN, 2007 apud BARON e CERRI, 2012, p.1004).

Nesse sentido, ao buscar se localizar socialmente/culturalmente, o indivíduo, num movimento dialético, interioriza experiências do passado, refazendo-as enquanto sujeito do presente, ele olha seu passado e o interpreta. Esse exercício é o que resulta o processo de aprendizagem, é o ponto de convergência entre consciência da história didática e ensino de história.

A consciência histórica proposta por Rüsen, ao ver de Marrera e Souza (2013), não pode ser vista somente como conhecimento do passado, mas sim como meio de entender o presente e de antecipar o futuro.

Que os homens tenham consciência da história baseia-se, afinal, no fato de que o seu próprio agir é histórico. Como usam intencionalidade, os homens inserem, pois, seu tempo interno [...] no contato com a natureza externa, na confrontação com as condições e as circunstâncias de seu agir, nas suas relações com os demais homens e com si mesmos. Com isso, o agir humano é, em seu cerne, histórico (RÜSEN, 2001 apud MARRERA e SOUZA, 2013, p. 1071).

Nesse aspecto, a interpretação que o sujeito faz de sua experiência de vida orienta suas ações e dá sentido às relações cotidianas e, assim, entendemos que a história não é somente dos professores, mas ela está nas ações cotidianas, através das inúmeras narrativas que estabelecemos, dia a dia.

Para Azevedo e Lima (2001), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), de 1990, vão buscar articular a disciplina História com a realidade do aluno, substituindo a memorização pela reflexão e a valorização da História local. O conceito de fonte histórica muda também. São inseridas músicas, cinema e jornalismo para se ensinar História, mas, grande parte dos professores não foi preparada para lidar com essas mudanças e a reflexão sobre a natureza, complexidade e os elementos históricos não eram trabalhados. Essas fontes eram vistas como objetos ilustrativos. A grande questão agora é que os professores sejam capacitados para lidar com essa nova realidade, eles precisam dominar suas ferramentas de trabalho (os documentos), o referencial teórico e as discussões metodológicas.

Com o intuito da História ter uma linguagem prática e teórica, não voltada somente para um estudo empírico e sim para aplicabilidade nas salas de aula, a Educação Histórica objetiva o desenvolvimento de crianças e jovens de forma desafiante e criativa. É preciso que o professor construa uma ponte entre seus alunos e a disciplina História.

Considera-se que as crianças já possuem um conjunto de ideias históricas ao chegarem às salas de aula. A escola já não pode mais ignorar a família, a comunidade e os meios de comunicação, que são importantes fontes de conhecimento histórico para jovens que se manifestam de forma desfragmentada e desorganizada, e o professor é importante nesse momento, para ajudar a elaborar essas ideias.

Portanto, a consciência histórica é ligada ao estar no mundo e no viver em sociedade. A mudança paradigmática que Rüsen provoca sobre a consciência histórica é referência para as práticas de ensino, ele alia teoria e prática para uma compreensão da História enquanto ciência, ligada ao dia a dia. A proposta educacional e a proposta da Cultura Histórica andam juntas nesse aspecto e buscam no uso das mídias, dentro do ambiente escolar, outras formas de documentos históricos que, aliados à valorização individual dos sujeitos, construa-se o conhecimento pelo diálogo e pelo respeito das diferenças.

Diante dessas considerações, acreditamos que a comunicação é uma área de mudanças e permite a interdisciplinaridade. Além disso, a educação pode transformar-se em campo de exercícios da própria comunicação. Não é possível fazer educação sem considerar os fenômenos massivos dos meios de comunicação. Para isso, é preciso derrubar paredes e

estabelecer pontes entre os dois campos, com o contexto sociocultural e, acima de tudo, não ver essas áreas como disputantes, mas como complementares.

A Educomunicação é um campo que atua nas atividades de intervenção política e social, na formação crítica dos processos históricos voltados para uma leitura crítica dos meios de comunicação, seja no ensino formal e não formal (organizações e instituições da sociedade civil), nas empresas, nos meios de comunicação, nos movimentos populares e nas organizações não governamentais. Portanto, a Educomunicação propõe a formação de cidadãos críticos, participativos e inseridos no meio social e na comunicação democrática. É uma realidade que precisa ser mais bem entendida e praticada no ensino de História pra que a sociedade, de forma conjunta, descubra novos caminhos para a resolução de problemas.

Perceber como isso ocorre, diariamente, é uma tarefa que não requer tanto esforço. Somos indivíduos comunicadores por natureza e, em suas diferentes formas, a Educomunicação surge no cotidiano e não apenas nas salas de aula. Nesse sentido, despertamos para um tipo de “educominicar” que está bem próximo e que, dependendo da forma como é realizado ou implementado, pode ter bons resultados. O formar crítico, portanto, não é importante apenas para os alunos, mas também para a comunidade escolar, para a família, para o cidadão.

Nessa mesma direção, o próximo capítulo aborda reflexões importantes sobre uma forma diferente que a Educomunicação se insere e se consolida, tendo como meio de propagação o setor secundário.

PARTE 2 – PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS

“Estar com o jornal entre as mãos é estar com o mundo à frente dos olhos. É viajar sem sair do lugar, é enxergar à distância sem telescópio”. (Sílvia Costa)

A aproximação da sociedade com as empresas, através da “responsabilidade social”, é resultado de uma crítica à forma que organizações se relacionam com seu público, com seus lucros extravagantes em detrimento ao pouco benefício que a sociedade tem, a contar do âmbito social, ecológico, cultural e histórico. Tomar atitudes em consonância com os valores da comunidade, estabelecendo uma ligação entre as empresas e os impactos na comunidade, tem se tornado objeto de pesquisa e análise em diversas áreas do conhecimento.

O estreitamento de laços com a educação para se conseguir a mediação entre comunidade e empresa une as práticas educacionais em um processo simbiótico, no qual, as empresas cumprem seu papel de responsabilidade social, apoiando, financiando e interagindo com as pessoas, além dos muros da fábrica. A comunidade escolar, como professores, alunos, pais e funcionários, recebem projetos prontos, na maioria das vezes com recurso financeiro e humano, para desenvolver.

Diante do exposto, apresentamos este capítulo, que propõe uma apreciação dessas práticas, tendo como documento de análise o Guia de Atividades do Grupo Algar como exemplo de como se aliar Educação, Meios de Comunicação e Responsabilidade Social de empresas.

2.1 O Projeto Algar Lê e suas propostas

Começamos com o relato do que despertou essa perspectiva. Em novembro de 2014, quando já delimitado o campo de pesquisa no projeto de Mestrado, participei do Fórum de Mídias, Tecnologia e Educação, na cidade mineira de Uberlândia, no Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia. O encontro foi promovido pelo Instituto Algar, do grupo empresarial Algar, que oferece serviços de telecomunicações e tecnologia de processos de negócios, agronegócios e turismo no Brasil e na América Latina.

Para o Fórum, nomes importantes que abordam a temática falaram sobre a importância da inserção das mídias e da tecnologia nas salas de aula, bem como formas de lidar com isso na era digital. Uma das palestras proferidas foi do professor Ezequiel Theodoro da Silva,

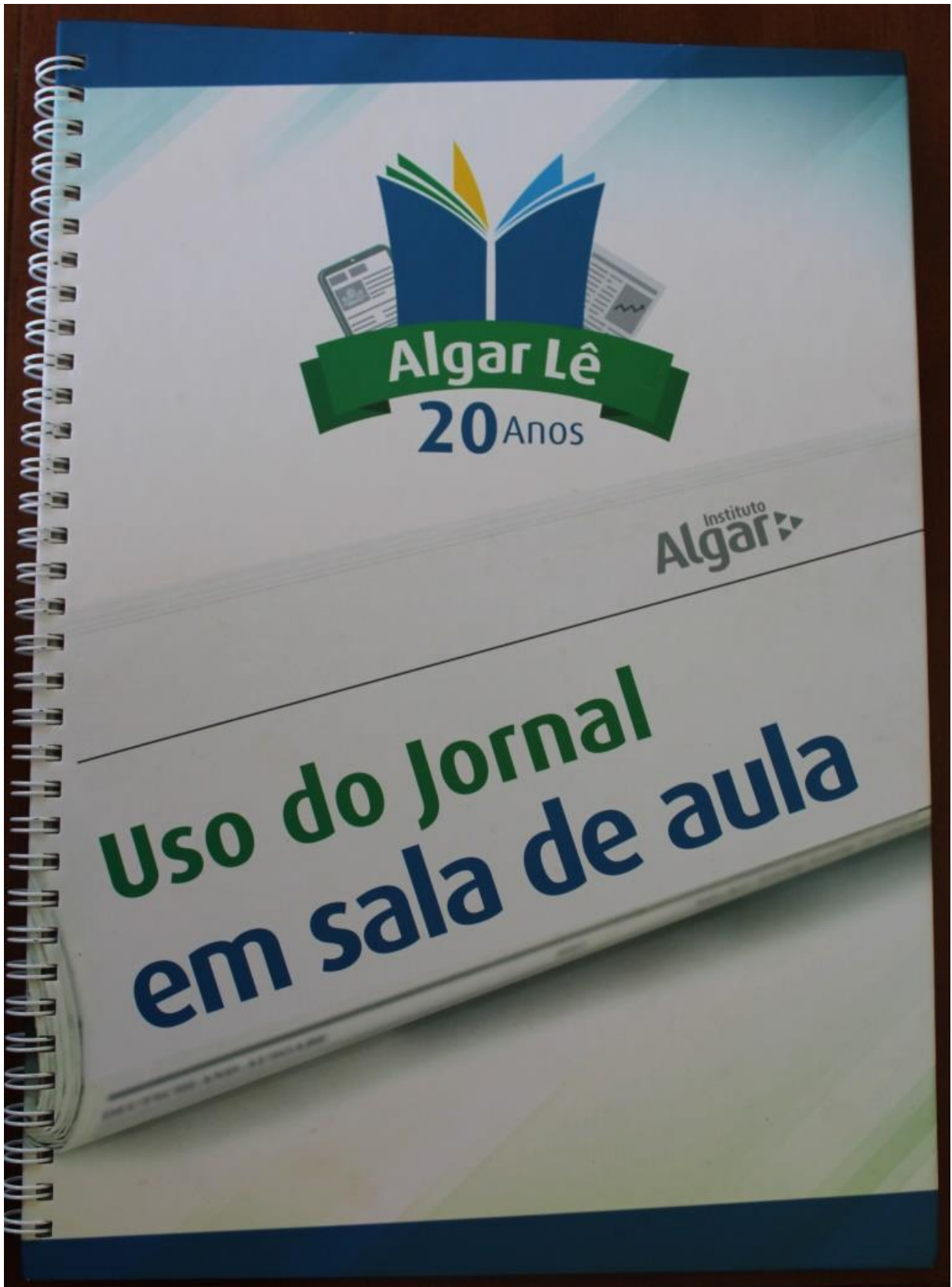
Doutor em Psicologia da Educação, da Unicamp e referência em educação, pedagogia e didática no país. Em sua fala, ele discorreu sobre a importância da Educomunicação e os desafios de uma sociedade pós-moderna, onde existe muita informação, sobre todas as coisas. O pesquisador acredita que a realidade se degrada em simulacros, com experiências voláteis e líquidas, e que a vida se torna um *show* contínuo para expectadores “virtuais”, permitindo aos alunos viver o *carpe diem*, o presente, o que é notícia imediata nos meios de comunicação, e a adorarem a glamourização.

Silva apresentou que diante das mudanças no modo de ver, ler, pensar e aprender que têm modificado nossa forma de vida e das novas gerações, há uma cobrança exacerbada sobre os professores dentro da escola, tendo em vista a necessidade de cumprimento de conteúdo e os pais, que jogam a responsabilidade de educar para o mestre, além das novas tecnologias da informação, que surgem como fontes de conhecimento fora da escola. Nesse sentido, a Educomunicação é a alternativa certa para uma leitura crítica das mídias e seu consequente manejo em sala de aula, onde os alunos são instigados a não apenas ler, mas elaborar, praticar e comunicar, a partir dos projetos interdisciplinares.

Todo esse discurso para uma plateia mista entre professores, estudantes e funcionários da Algar, foi para lançar a terceira edição do Guia de Atividades: “O uso do jornal em sala de aula”. Esse Guia é usado como recorte para um estudo que busca aprofundar seu conteúdo e perceber se ele consegue cumprir o que propõe em sala, favorecendo a aprendizagem, ou se é apenas mais uma ação corporativa de responsabilidade social, que vê na educação uma forma de atender as pressões morais e éticas do mercado consumidor.

O evento foi para lançar uma edição comemorativa de 20 anos do Projeto Algar Lê que, desde 1994, investe em programas educacionais e que, a partir de 2002, com a criação do Instituto Algar (IAR), passou a ser de sua competência. O IAR coordena os investimentos sociais das empresas que formam o Grupo Algar nas áreas de cultura, educação e meio ambiente. O “Guia de atividades” seria uma espécie de manual didático, elaborado por uma equipe que varia entre pedagogos, jornalistas e funcionários da própria empresa. O seu conteúdo disponibiliza o histórico do projeto, como ele caminha na atualidade, uma descrição da composição do jornal, as estratégias de trabalho, referências pedagógicas, depoimentos de pessoas que participam dele, alguns selos de certificação pelo projeto e sugestões de atividades a serem trabalhadas em sala de aula.

Figura 1 - Capa Guia de Atividades



Fonte: arquivo pessoal

Iniciando pelo histórico disponibilizado, o Programa Algar Lê tem parceria com a Prefeitura de Uberlândia e o Jornal *O Correio de Uberlândia*⁴, e completou 20 anos em 2014. Trata-se de um programa de formação continuada de professores da rede pública do ensino fundamental da referida cidade que, através de encontros periódicos e oficinas, tem os objetivos de:

- melhorar a leitura e a escrita dos alunos de Ensino Fundamental a partir da utilização do jornal;
- promover reflexões voltadas para a utilização do jornal como ferramenta de democratização da informação nas escolas;
- oferecer novas estratégias pedagógicas aos educadores para aperfeiçoar sua prática por meio de sugestões de atividades;
- aumentar a frequência da realização de atividades pedagógicas pelos professores com o uso do jornal (p.8).

O Programa iniciou-se em 1994, com três escolas e quase 1.300 alunos, e é oferecido para alunos do 1º ao 9º ano. Segundo o Guia, foi influenciado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), que criou o programa Jornal e Educação para incentivar projetos que envolvam a escola e impressos. Assim, o Algar Lê veio para “propiciar e incentivar a utilização dos jornais em sala da aula, como instrumento de formação e informação para os alunos desenvolverem o hábito de leitura” (p.9).

Atualmente, o programa realiza, conforme o Guia, planejamento e articulação de encontros para a troca de experiências entre os educadores; estudos temáticos e palestras com mídias e jornal em sala; produção de métodos pedagógicos para explorar o conteúdo jornalístico; publicação de trabalhos dos alunos em *blog* e impressos do programa e monitoramento das atividades. Para tal, o IAR oferece às escolas parceiras o jornal *Correio de Uberlândia* impresso e *on line*, diariamente; recursos para desenvolver o conteúdo dos trabalhos; formação continuada dos professores e visita à redação do jornal.

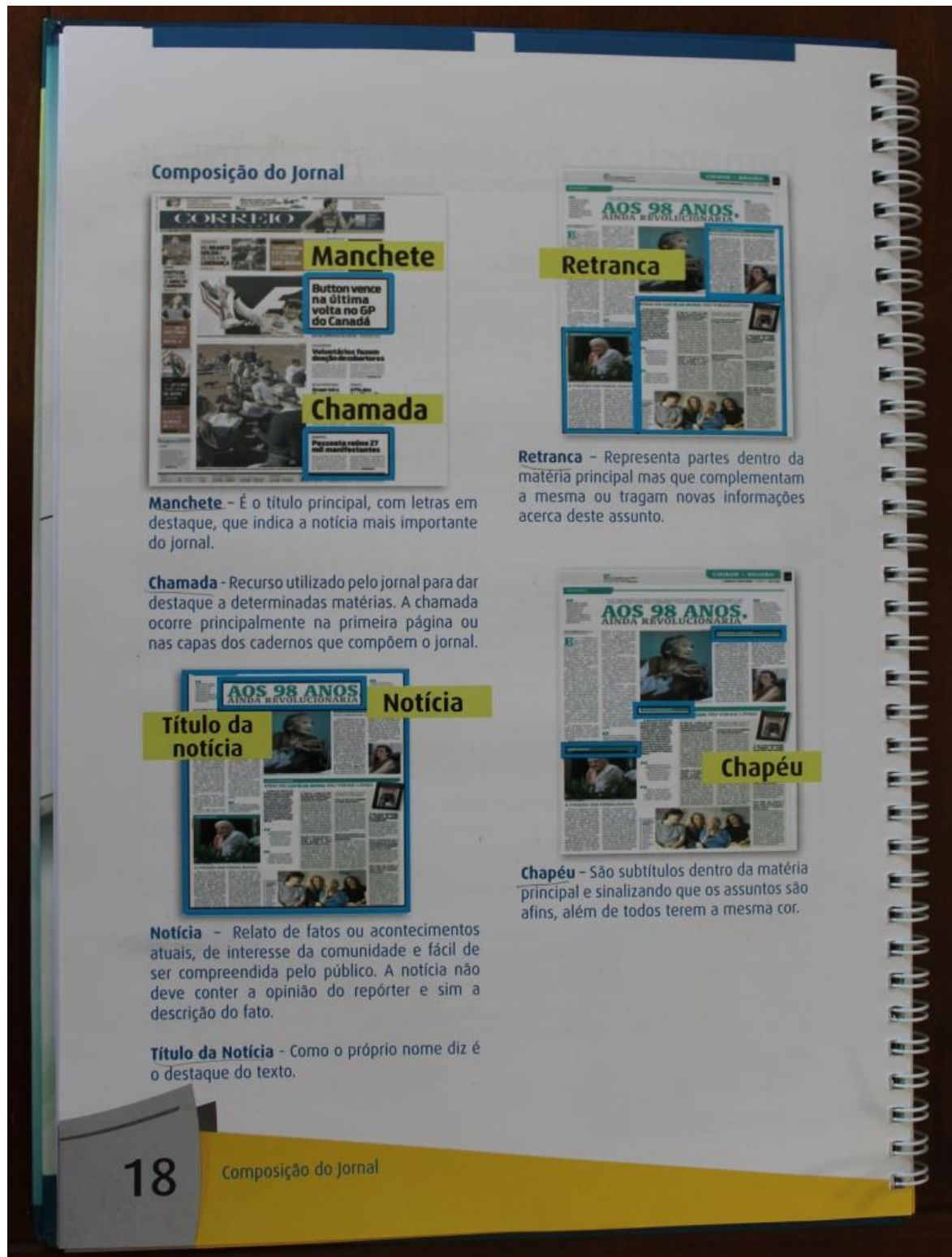
O programa coloca como meta a leitura diária do jornal ou a contação de histórias. Além disso, há uma pasta de arquivo de materiais; um painel com principais notícias da cidade; um cantinho de leitura; o cumprimento do Plano de Ação da escola e a democratização da informação.

⁴ O jornal *Correio de Uberlândia* foi fundado em 1938 na cidade de Uberlândia/MG. O então proprietário, José Osório, vendeu o jornal na década de 1940 para um grupo de cotistas ligados à UDN -União Democrática Nacional. O jornal que até então era distribuído de segunda a sexta passa a ser diário em 1986 quando o grupo Algar, por meio da Algar Mídia, assumiu o controle acionário do jornal e o mantém até os dias atuais. Na parte editorial, o *Correio* se consolida como único jornal diário local.

É detalhado para os professores o passo-a-passo para a confecção de um jornal, desde o que vem a ser a pauta, reportagem, edição, impressão, encartagem, até sua distribuição. Em seguida, é apresentada a composição do jornal, o projeto gráfico utilizado pelo *Correio de Uberlândia* e mostra termos conhecidos pelos populares, conforme figura 2, como manchete, notícia, artigo, cadernos, crônica, editoria, horóscopo, cartum e meteorologia. Outros termos próprios do jargão jornalístico também passam a ser familiarizados como retranca, chapéu e *lead*. Cada um desses passos é explicado de forma sucinta e pedagógica, com exemplos ilustrativos para que possa ser assimilado pelo professor com maior clareza.

As imagens também recebem destaque enquanto parte da leitura do jornal. As ilustrações são divididas em tipos como fotos factuais, ilustrações, charges, caricaturas e *cartoons*, gráficos e infográficos e anúncios publicitários. O projeto orienta para observar os recursos técnicos, ângulos, perspectivas, efeitos e momento do *click*, bem como os créditos de quem fez a imagem, se é reprodução ou vinda de alguma agência de notícias.

Figura 2 - Explicação sobre os componentes de um jornal



Fonte: arquivo pessoal

A partir das imagens e suas explicações, o leitor é levado a entender a importância de um jornal e o que ele faz na sociedade:

É a história da cidade, do país e do mundo contada dia-a-dia. É a história do povo, da sua luta diária para sobreviver, suas esperanças e decepções. As queixas da população, as tentativas de chamar atenção do poder público para problemas de todo tipo (GUIA, s.d., p. 22).

Nesse momento, o jornal é apresentado com toda sua força e importância no mundo, retratando, “Quando abrimos o jornal, os *flashes* da vida se escancaram a nossa frente” (GUIA, s.d. p. 22). Com o jornal é possível ver tudo que acontece no mundo, mas, para que isso tenha eficiência em sala de aula, o professor, para o Guia, precisa esmiuçar, entender e ser habilidoso, criando estratégias que chamem a atenção dos alunos a mergulhar nesse mundo e perceber melhor a realidade que o rodeia.

Ler, entender, opinar, compartilhar: são as manobras principais do jogo que deve se repetir continuamente entre professor-aluno-jornal. Assim, não basta “pescar” fragmentos no jornal, quer sejam palavras, sílabas, textos isolados, pedaços para compor novas produções. Não basta retirar do jornal apenas o fragmento que interessa para exemplificar determinado conteúdo curricular desvinculado do contexto global. O fundamental é que se cultive a leitura crítica de mundo, que se faz na varredura de página após página, açambarcando os mais variados aspectos da realidade (GUIA, s.d., p. 22).

Também são indicadas aos professores algumas estratégias de trabalho como levar o jornal para a sala e deixar o aluno ter contato físico com o material, identificando o formato de letras, imagens, notícias, programar para que as atividades com o jornal sejam realizadas um dia da semana e, com isso, propor a leitura, seja coletiva seja individual com os alunos, discutindo-as, dar a oportunidade de trabalharem em grupo, criar um mural na sala e propor atividades interdisciplinares.

Nas referências pedagógicas utilizadas pelo Guia, primeiramente, faz-se um histórico do uso do jornal em sala de aula, de acordo com o qual, essas ações ocorrem desde o século XVIII, na França, passando ainda pela II Guerra Mundial. Segundo o histórico, foi o educador francês Freinet quem desenvolveu uma metodologia com o uso do jornal, as quais podem ser vistas no *site* “Educar para Crescer”.

Historicamente, vê-se, ainda, que o *The New York Times*⁵, em 1932, começou a distribuir em escolas seu material e, depois disso, países de todo o mundo iniciaram trabalhos usando o jornal. No Brasil, nos idos de 1980, essa proposta também tomou força com o jornal

⁵ Segundo maior Jornal norte-americano diário, impresso e influente no mundo. Fundado em 1851, é ganhador de 117 Premios Pulitzer.

Zero Hora, o qual, posteriormente, publicou que, atualmente, temos mais de 50 programas apoiados pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), que diz:

toda iniciativa, levada a efeito por empresa a ela associada, que se constitua num conjunto de ações em prol da leitura, voltada para alunos e quaisquer níveis ou para outro tipo de público que participe de alguma ação educativa, mediante atuação junto a mediadores de leitura, realizadas com o objetivo de formar leitores críticos, numa perspectiva efetiva de cidadania e participação social, é considerada Programa de Jornal e Educação (GUIA, s.d., p. 25).

Sobre o reforço bibliográfico, o Guia cita Freinet, que acreditava que os alunos precisam aprender a registrar suas vivências familiares e que a escola deveria ser a extensão da família e proporcionar a possibilidade de formular hipóteses e testá-las. Também é mencionada Neiva Otero Schaffer, que sustenta as propostas de leitura, escrita e interdisciplinaridade. Luiz Antônio Marcuschi, trabalhando os gêneros do jornal como as notícias e carta ao leitor; Mikhail Bakhtin, com sua estética da criação verbal e os gêneros do suporte do jornal; e Sergio Roberto Costa, com o dicionário de Gêneros Textuais.

Por fim, uma lista de cerca de 90 sugestões de atividades pedagógicas a serem realizadas com a utilização do jornal em sala é adicionada ao final do Guia. São atividades multidisciplinares e interdisciplinares, com temáticas, portanto, que podem trabalhar mais de uma disciplina e com alunos alfabetizados ou não, conforme podemos acompanhar na figura 3 e 4. Para exemplificar o exposto, algumas delas são:

O perfil das eleições

- Depois de discutir o assunto pedir para que os alunos recortem todas as matérias sobre política referente às eleições;
- Colar estas notícias no jornal mural, identificando-as com os nomes dos candidatos, e uma parte do mural específica para notícias gerais;
- Acrescentar recortes e propor a leitura semanalmente, além de promover a discussão;
- Escrever um texto opinativo, criar uma charge e/ou elaborar gráficos de estatísticas (GUIA, s.d., p. 32).

Esse tipo de atividade pode ser realizada tanto nas aulas de história, sobre a contextualização das eleições, até nas aulas de redação, ao se explorar a produção de texto, ou artes, com a criação de charges e até mesmo nas aulas de matemática, para a elaboração de gráficos.

Outra atividade é a Viagem turística do horóscopo:

- Observe os signos do zodíaco, crie novos textos, aproveitando dados geográficos dos estados brasileiros.
- Faça um “folder” convidando seus colegas pra uma viagem turística (GUIA, s.d., p.34)

Essa atividade propõe a criação de texto nas aulas de redação, juntamente com as aulas de geografia, sobre as características de cada estado ou região do país.

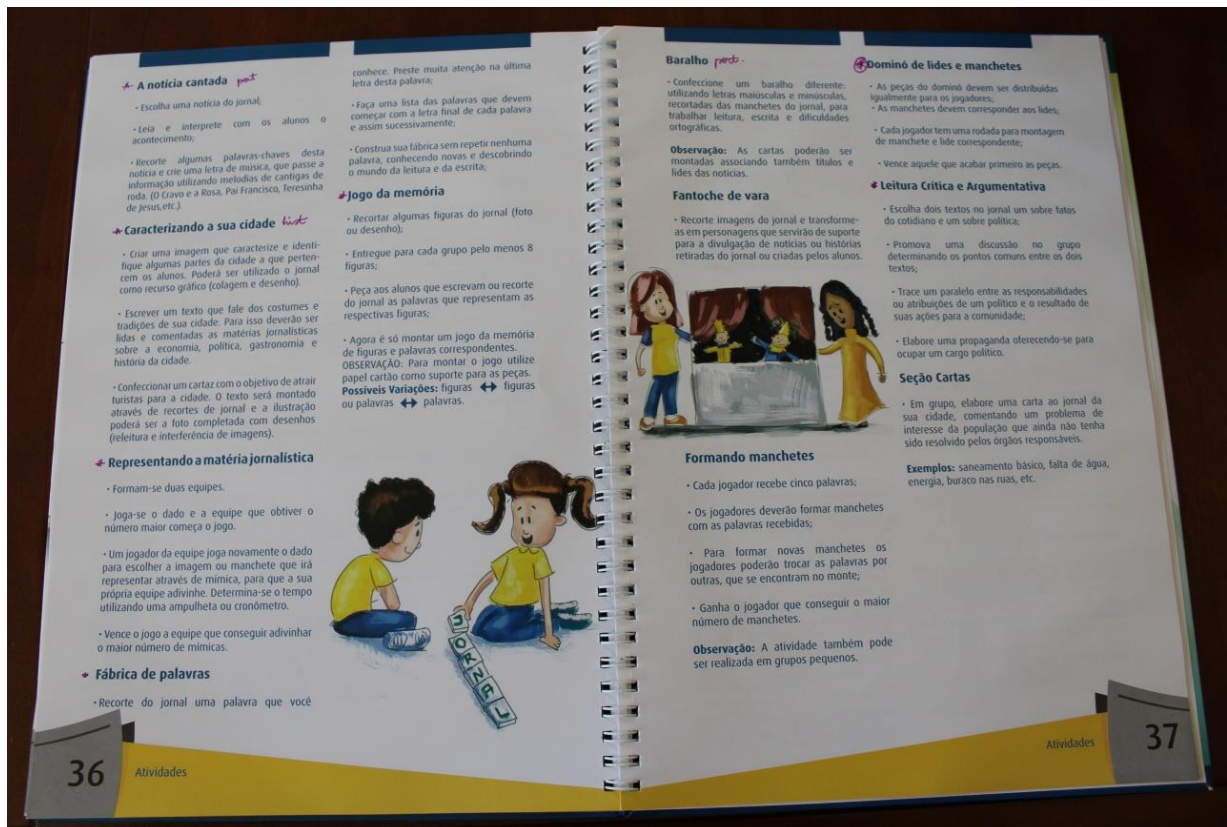
A dinâmica “Figuras e formas” pode ser utilizada nas aulas de matemática, inclusive para crianças não alfabetizadas, que tem seu primeiro contato com as formas:

- Entregar em cada grupo quatro figuras geométricas, uma para cada aluno (círculo, quadrado, losango, triângulo);
- Os alunos deverão procurar no jornal, uma figura que corresponde à sua forma geométrica. Ex: um círculo = rosto, bolas, letras.
- Colar a imagem próxima à figura geométrica (GUIA, s.d., p. 32).

E a atividade “Animais em foco” pode ser usada nas aulas de ciências e/ou biologia, para que alunos vejam os diferentes *habitats* de animais, bem como alimentação e formas de sobreviver:

- Procurar no jornal alguma foto e/ou matéria jornalística que fale sobre os animais;
- Ler e identificar as características dos animais (seu *habitat*, alimentação, comportamento, etc.);
- Pesquisar em outras fontes ampliando o conhecimento;
- Entrevistar ou convidar para palestra na sala: veterinários, biólogos ou pessoas que conheçam o assunto;
- Organizar uma exposição do material (GUIA, s.d., p. 31).

Figura 3 - Atividades do Guia



Fonte: arquivo pessoal

Outra atividade, “Notícias do nosso país”, vai fazer os alunos reconhecerem tanto as regiões do país, quanto despertá-los para uma tomada de opinião sobre o que lhes chega através da mídia:

- Confeccionar um mapa do Brasil (1,5 cm x 1,0 cm) dividindo-o por estados ou regiões;
- Selecionar e recortar notícias de diferentes assuntos (saúde, política, economia, etc.) e de diversos lugares do país;
- Fixar o mapa na sala colocando a notícia no local da procedência dos fatos ocorridos;
- Pedir para que os alunos escrevam a sua opinião sobre algumas notícias destacadas;

Observação: As notícias podem ser substituídas para atualização deste painel e podem ser usadas informações do estado ou do município para identificação (GUIA, s.d., p. 27).

Essas sugestões de atividades fogem da rotina de aula expositiva e propõem uma interação entre a classe. Elas são um exemplo de que o jornal impresso pode e deve ser usado nas diversas disciplinas e que pode, inclusive, ser uma atividade a ser trabalhada de forma interdisciplinar, com conteúdos da área das humanas e exatas. As ações também mostram que

existe a possibilidade de iniciar trabalhos com as mídias, inclusive para alunos de séries iniciais. Ao pedir para que os estudantes exponham suas opiniões, o docente pode perceber inúmeros fatores que irão conduzir a aula. Ser perceptivo, nesse caso, é entender como o aluno se posiciona sobre certos temas e que esse posicionamento é influenciado pelo tipo de mídia que ele tem no lar e que reflete suas convicções do meio familiar. Esses exemplos de atividades mostram, ainda, a importância do trabalho em grupo e do diálogo para construção de conhecimento.

Conforme já detalhado no primeiro capítulo, a Educomunicação oferece um vasto campo de atuação, que vai além da sala de aula, já que se trata da utilização dos meios de comunicação para criar conteúdo de informação e educação, através dos veículos de comunicação, seja em ONGs, escolas, órgãos públicos, seja em empresas. No último caso, o que podemos observar é que, na atualidade, as organizações passam por mudanças, e conforme Regiane Ribeiro (2012), elas passam a assumir novos papéis, que estão além da lucratividade referente à produção. Através de programas próprios, apoio a programas de funcionários e da criação de Fundações nas empresas, começam também a engajar em projetos de interesse público.

Para essa autora, as empresas estão voltando suas atenções, cada vez mais, para problemas que transcendem o aspecto econômico e isso é o resultado de uma pressão social que, por meio de movimentos reivindicatórios, resultam em novas leis e regulamentações que modifiquem a atuação dessas organizações no campo social e político. As empresas vão traçar estratégias mais humanitárias e que busquem legitimar essa visão, surgindo, assim, os programas de responsabilidade social que, para Bueno (2003 apud RIBEIRO, 2012, p. 81.), “podem ser definidos como o exercício planejado e sistemático de ações, estratégias e a implementação de canais de relacionamentos entre organização, públicos e a própria sociedade”.

Segundo Ribeiro (2012, p. 82), já na década de 1950, falava-se em responsabilidade social enquanto obrigação das organizações em:

[...] perseguir políticas, tomar decisões e seguir linhas de ação em consonância com objetivos e valores desejáveis pela sociedade, e defendeu a ideia de que haveria outros objetivos empresariais além do lucro, portanto as organizações deveriam alargar o escopo de suas responsabilidades.

Em 1970, a responsabilidade social torna-se diferente das obrigações legais e passa a ser ações que começam onde termina a lei. Diante disso, as empresas são obrigadas a avaliar

os efeitos sociais de suas decisões, deixando de preocupar apenas com o lado econômico. O termo deixa de ter tom inadequado, associado à caridade, assistencialismo ou de filantropia empresarial.

Carroll (1979) citado por Ribeiro (2012, p. 82), formula uma teoria na qual a responsabilidade social possui quatro categorias. A primeira, a econômica, em que a empresa deve visar o lucro; a segunda, a ética, na qual a empresa preocupa-se com a moral e a ética de suas ações; a terceira, a legal, a empresa deve respeitar e obedecer às leis e, por fim, a última, filantrópica, a empresa deve conhecer a sociedade na qual atua.

Nessa visão, podemos entender que as corporações somente existem porque há um mercado consumidor para elas, o qual está inserido em um contexto social influenciado pelos valores que elas (re) produzem. É, portanto, importante uma nova forma de desenvolvimento que vise a questão humana, que priorize as necessidades sociais de se adotar um consumo compatível com o meio que vivem e, dessa forma, as empresas precisam conduzir suas ações e atividades e reformularem “sua missão, e reconhecem a importância de desenvolver uma cultura organizacional que contemple a preocupação com a ética, a solidariedade e a sustentabilidade, como princípios balizadores de suas decisões” (RIBEIRO, 2012, p. 83).

Muito mais que modismo, as empresas intensificam sua atuação em programas sociais e apoio a projetos que lhes dê visibilidade para estarem, cada vez mais, inseridas nas estratégias que regem o mundo dos negócios e perceberem a importância de que existe uma gestão, uma administração desse campo da corporação.

É nesse sentido que se torna importante aliar comunicação e educação nesse processo, ajudando para que indivíduos tenham consciência dessa realidade e que as empresas desempenhem essa interação baseada no diálogo, na participação e na conscientização. Os empreendimentos dentro dessa perspectiva vão enxergar na educação a configuração mais eficaz e eficiente para que os objetivos sejam alcançados e utilizar da Educomunicação para se atingir o que almeja, como foi o caso do Projeto Algar Lê. O uso da Educomunicação em empresas vai trazer a proposta de ampliar o diálogo e a expressão das pessoas.

Aplicada ao mundo empresarial, a Educomunicação surge como o meio mais adequado para transformar as organizações em ecossistemas comunicativos, âmbitos de participação e de aprendizagem que permitam às pessoas que os compõem a possibilidade de auto realização como seres chamados a uma vida significativa. Trata-se, portanto, de uma ação ética de comunicação, dirigida às pessoas e aos segmentos sociais envolvidos com a organização, e que busca desenvolvê-la como um ambiente de aprendizagem e crescimento,

no qual cada indivíduo passa a ser um agente ativo e responsável de um projeto comum (CARVALHO, 2005 apud RIBEIRO, 2012, p. 88).

Assim, na proposta educacional empresarial, o sujeito é um elemento importante para a realização dos projetos e para a missão da empresa e, dessa forma, os anseios de empresa e comunidade se fundem a uma finalidade, tornam-se questão motivacional, levando, conseqüentemente, a melhores resultados dos projetos, ou seja, cria-se um sistema integrado e “qualquer divisão ou fragmentação da comunicação em ações isoladas e pontuais que não estejam incutidas na identidade e no DNA da empresa, passam a ser uma ação pobre e reducionista” (RIBEIRO, 2012, p. 89).

É importante estabelecer a Educomunicação nas empresas à medida que ajuda a construir sua missão e visão, elementos que devem ser definidos e redefinidos com a participação de funcionários para que eles também se sintam parte do processo e acima de tudo parte de suas vidas. É através das práticas dialógicas e reflexivas, que começam dentro da própria indústria e estende para a comunidade, que se torna possível esta integração “transformando os públicos em pensadores e arquitetos dos meios de comunicação e das tecnologias da informação, a partir de um melhor conhecimento e leitura de tais instrumentos” (RIBEIRO, 2012, p. 89).

Integrar organizações, funcionários, comunidade, meios de comunicação e tecnologia da informação exige a mediação de um educador que, trabalhando com profissionais de outras áreas, realize um trabalho multidisciplinar, principalmente, no que se refere a projetos sociais voltados para a educação. O que o Guia de Atividades propõe, junto com o Projeto Algar Lê, é exposto em sua primeira página como: “a oportunidade de utilizar o jornal na sala de aula permite exercitar o conteúdo com informações atuais, além de desenvolver habilidades de leitura e escrita com vistas à criticidade, cidadania e participação social” (GUIA, s.d., s/p.).

Visualmente, é um material confeccionado para professores, com a utilização das cores da empresa (azul, amarelo e verde). O projeto gráfico faz uso de imagens simples e lúdicas, com elementos visuais apelativos às crianças, em sua maioria brancas e aparece, uma única vez, a imagem de uma criança na cadeira de rodas e uma indígena na seção de atividades. As ilustrações envolvidas com o jornal aparecem nas passagens de temas e mostram todas as personagens sorridentes. São utilizadas também imagens reais de jornais quando se explica seu funcionamento, facilitando o entendimento do processo para um público, supostamente, leigo no assunto. O material é encadernado e o layout bem distribuído.

Figura 4 - Sessão de atividades do Guia

Atividades

Prática no trabalho com jornal.

Árvore do otimismo
(Atividade mais desenvolvida nas escolas)

- Faça um painel em forma de uma árvore;
- Cubra o tronco com recortes de fotos do jornal (coloridas);
- No dia-a-dia da sala de aula, recorte do jornal, palavras de cunho otimista, e vá preenchendo a copa da árvore.

Observação: O assunto sugerido é otimismo, mas você pode usar outros temas e assuntos.

Observação: Isso deverá ser feito apenas com algumas fotografias, as outras poderão ser fixadas em outro painel que ficará na sala para que os demais colegas possam identificá-las.

Ilustrações do jornal

- O professor deverá selecionar algumas ilustrações do jornal (fotos, desenhos, mapas, gráficos, anúncios, etc.);
- Entregar quatro ilustrações diferentes para cada grupo, onde cada aluno deverá descobrir de qual caderno ou seção foi retirada a ilustração;
- O grupo escolhe uma das imagens e deverá criar uma notícia, uma história em quadrinhos, um anúncio, dependendo da ilustração escolhida para apresentar para a turma.


Notícias do nosso país

- Confeccionar um mapa do Brasil (1,5cm x 1,0cm) dividindo-o por estados ou regiões;
- Selecionar e recortar notícias de diferentes assuntos (saúde, política, economia, etc.) e de diversos lugares do país;
- Fixar o mapa na sala, colando a notícia no local da procedência dos fatos ocorridos;
- Pedir para que os alunos escrevam a sua opinião sobre algumas notícias destacadas.

Observação: As notícias podem ser substituídas para atualização deste painel e podem ser usadas informações do estado ou do município para identificação.

Uberlândia nas lentes do jornal

- Recortar diferentes imagens fotográficas da cidade de Uberlândia;
- Colar as fotografias em um painel;
- Identificar e registrar o nome da rua, do bairro e de outros pontos de referência próximo aos locais destacados.



Atividades **27**

No que se refere ao conteúdo, percebe-se que, apesar da equipe ser multidisciplinar, carece da atuação aprofundada da proposta educacional, são citadas práticas como a participação dos alunos, o diálogo e o despertar para a cidadania, mas falta de certa forma, um alinhamento entre a importância de se ver as necessidades dos alunos e o que será trabalhado, ou seja, uma valorização do âmbito familiar e do conhecimento que é trazido de casa pelas crianças. Grande parte das atividades propõem a participação, criatividade e resolução de problemas, mas raras pedem a interação com o meio familiar para desenvolvê-las.

Sobre os depoimentos, o Guia abriu espaço para que participantes do projeto pudessem expressar suas experiências pessoais, o avanço que tiveram enquanto profissionais e que seus alunos também tiveram. Assim afirmou a professora Soraia Pereira Borges: “[...] os alunos adquirem o hábito de leitura, tornam-se mais críticos e conseqüentemente melhoram a escrita, gramaticalmente e na argumentação. Os professores envolvidos se beneficiam também, pois participam de encontros que enriquecem suas práticas pedagógicas [...]” (GUIA s.d., p. 12).

Há também depoimento de uma estudante de 10 anos que relata o seguinte: “[...] Aqui na escola, logo na entrada já dá pra perceber a importância do jornal na vida dos alunos que estudam aqui através do interesse no Painel das notícias também [...]” (GUIA, s.d., p. 14). Encerrando a fala da fundadora do Instituto Algar e funcionária da empresa, Eliane Garcia Melaço: “[...] considero esse programa fundamental para criar uma visão crítica e participativa das crianças e fico muito feliz em fazer parte desse processo de educação” (GUIA, s.d., p. 15).

Sobre as referências pedagógicas, elas são confusas, sem grandes detalhes e se achem mais à questão histórica a metodológica. Falta um respaldo que aprofunde a importância de se trabalhar as mídias em sala de aula e, principalmente, falta um amparo justificando a necessidade de um trabalho interdisciplinar que valorize os conhecimentos dos alunos e sua importância enquanto sujeito histórico. Falta convencimento para o leitor de que tudo o que foi proposto pelo Guia outras pessoas já o fizeram e tiveram bons resultados. Ademais, é preciso ainda deixar claro que os conceitos estão sendo estudados há muito tempo e não é somente algo “jogado” sem conhecimento prévio, tanto para alunos quanto para professores.

Diante do exposto, e com a análise do guia, portanto, surgem críticas acerca do projeto. Percebe-se que a empresa elegeu um programa educacional como parte de sua responsabilidade social para obter maior eficiência e eficácia em suas ações sociais, mas falta um conhecimento teórico-metodológico de como o Algar Lê pode responder às demandas e necessidades do seu público. Nota-se que houve um aperfeiçoamento de outros projetos

semelhantes, já em andamento no país, e a conveniência do jornal utilizado – *Correio de Uberlândia* – pertencer ao grupo Algar desde a década de 1940 e sendo assim, temos um veículo de comunicação utilizado por um grupo para desenvolver a democratização da informação e consciência crítica de cidadãos que estão em fase de formação de seus conceitos.

Certamente, o Guia de Atividades, isoladamente, não garante o sucesso da iniciativa. Além disso, a atuação do professor enquanto mediador é fundamental em sala de aula, para que ele tenha êxito nessa tarefa, precisa ter domínio do conteúdo a ser trabalhado, estar atualizado com um acompanhamento diário do jornal, mas, acima de tudo, precisa conhecer a proposta do Algar Lê e os recursos oferecidos pelo projeto. O posicionamento crítico por ele sugerido não deve partir somente dos alunos, os educadores, mesmo tendo como apoiador o Guia, precisam saber contextualizar as matérias jornalísticas do *Correio de Uberlândia*, para que este meio não se torne uma verdade absoluta, algo que vai contra o modelo de educação libertadora proposto por Freire.

É necessária a utilização de outras fontes, correlacionar, para se propor um outro olhar para o conteúdo. Se o professor faz isso, ele vai dar capacidade para que seu aluno consiga visualizar isso também e vai propiciar a aquisição de conhecimentos mais interessante. Acima de tudo, vai possibilitar que eles desenvolvam a construção da aprendizagem pelo seu próprio esforço, premissa básica da Educomunicação.

Outro ponto que precisa ser visto com mais profundidade pelo Guia, é o contexto sociocultural, tanto dos professores quanto dos alunos. Promover uma mediação equilibrada entre o que está “fora” e “dentro” da escola é importante para estabelecer uma conexão entre o que, teoricamente, faz parte dos ensinamentos da escola e os de casa. A Educomunicação se preocupa com a imersão dos projetos em sua praticidade, sendo que, conforme Ribeiro (2012), não se pode conceber uma experiência pedagógica sem que as referências culturais não estejam presentes, ou seja, as relações entre escola, cultura e meios de comunicação não podem atuar isoladas, os alunos devem interagir com o conteúdo e interpretá-lo.

[...] e interpretar nada mais é do que usar o seu acervo cultural para processar interpelações recebidas. Assim, mesmo sabendo que na educação e em qualquer processo comunicacional existem boas e más interpretações, deve-se destacar que o saldo seja positivo ou não, já pode ser considerada aprendizagem (RIBEIRO, 2012, p. 93).

Ribeiro (2012) faz uma análise do “Projeto Veja em Sala de Aula”, que é da Revista Veja, da editora Abril, em parceria com a Fundação Victor Civita, cujo objetivo é “contribuir

para o desenvolvimento dos alunos do Ensino médio, fornecendo-lhes subsídios para que se tornem atuantes, preparados e bem informados” (RIBEIRO, 2012, p. 90).

Esse projeto existe desde 1988, e possui um “Guia do Professor”, que se trata de um manual didático elaborado por professores e coordenado pela equipe da Revista Nova Escola, da mesma editora. Nesse Guia, existem planos de aula e roteiros pedagógicos semanais, que são ofertados ao professor para “planejar aulas mais dinâmicas, que relacionam o conteúdo curricular às atualidades publicadas na principal revista semanal do país” e distribuído, semanalmente, junto às edições da Revista Veja para as escolas que participam do projeto.

Além do plano de aula pronto, que pode ser acessado pelo professor através da *internet*, o Guia também traz em seu conteúdo sugestões de atividades, temas para debates, experiências, ilustrações e até filmografia. A autora conclui que o projeto, de fato, atende prerrogativas educacionais, como quando propõe atividades pedagógicas interdisciplinares e multidisciplinares, a valorização da reflexão em lugar da memorização e o cuidado de inserir o aluno sempre no ambiente da aprendizagem. Contudo, ela alerta pelo fato da mediação contínua do professor ser fator fundamental. Como o Guia e os assuntos da revista devem estar relacionados a outras fontes, sugere ainda um olhar alternativo sobre o acontecimento.

Sendo assim, observamos que existe um avanço do ponto de vista ético e social em detrimento do lucro e de eficiência organizacional. Unir esse dualismo não é tarefa fácil, sobretudo no que se refere à educação dos indivíduos e, por isso, um novo processo comunicativo que ajude a reavaliar os parâmetros éticos é importante para tentar despertar a cidadania a partir da livre expressão e da utilização dos meios de comunicação para isso. O senso crítico que o leitor de um jornal, por exemplo, consegue emitir é extremamente importante no mundo atual. Se nas décadas de 1960/70, essa crítica era voltada contra um governo autoritário, cuja população era em grande parte analfabeta, no século XXI, essa crítica é mais complexa, ela refere-se à política, à economia, à liberdade sexual e religiosa, ao aborto e a tantas outras temáticas.

Projetos corporativos no campo da Educomunicação devem ser vistos com rigor e critérios. Eles não podem servir para o educador como um modelo de como deixar a aula mais atraente. Entendemos que é muito mais cômodo pegar um conteúdo pronto e acabado e simplesmente repassar, mas o professor educador não é um indivíduo acomodado e nulo no processo ensino-aprendizagem. Se projetos como o “Veja na Sala de Aula” e o “Algar Lê” forem levados para uma turma sem diálogo, sem preparo e sem aprofundamento crítico, eles caem na mesma falácia que tantos outros projetos existentes e o professor, ao invés de ser

um educador, torna-se um reproduzidor de ideias que podem, inclusive, serem tendenciosas e, por conseguinte, formar cidadãos tendenciosos.

Dessa forma, percebemos que enquanto recurso didático e educador, o Guia de Atividades apresenta uma alternativa para aulas mais dinâmicas e criativas, mas não podemos afirmar que a iniciativa seja a solução para questões mais complexas como a adaptação do ensino às novas linguagens, excesso de informação que chega de forma ágil e volátil, o despertar cidadão e a dialogicidade. O mediador desse processo, seja ele o professor seja o profissional educador, são quem irão criar ambientes favoráveis para que todas as questões tenham um encaminhamento, o professor tem que ser mais que um transmissor, ele precisa ser um agente transformador, capaz também de ser um leitor crítico de iniciativas de responsabilidade social e saber como aplicá-las melhor a sua realidade.

Os diversos meios de comunicação geram projetos que, sob um olhar apurado, podem ser melhorados e adaptados à realidade da escola, do aluno e do contexto da cidade. Sendo assim, observar e contribuir para um aprimoramento dessas práticas e sugerir ao professor maneiras de inserir os meios de comunicação nas aulas de História são os propósitos das ações seguintes deste trabalho, através de um *blog*.

PARTE 3 – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: NA ONDA WEB – BLOG EDUCOMUNICATIVO

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe. (Jean Piaget)

3.1 Um relato dos Sistemas de Comunicação

Os meios de comunicação são sedutores. Há cerca de 20 anos atrás, no início do século XXI, quem fazia a tarefa de nos acordar era um despertador, hoje, quem o faz é um meio de comunicação, o celular. E mais, antes de sairmos da cama, já conectamos o smartphone para checar mensagens de aplicativos como *Whatsapp*, *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*⁶, *e-mails* e, aí sim, estamos prontos para um longo dia. A televisão segue ligada com noticiários enquanto degustamos o café da manhã, o jornal impresso já está na caixa do correio e na tela do *Ipad*. Logo, dirigimo-nos ao trabalho enquanto o celular apita com alerta de mensagens de mais *e-mails* e conversas de um amigo que mora do outro lado do mundo. O rádio do veículo ligado vai informando as condições do trânsito e alguns destaques de jornais locais. Quando chegamos ao trabalho, ouvimos notícias como a de que um terremoto no Pacífico, que ocorreu há minutos atrás, matou 10 pessoas e feriu outra centena, mas que uma conseguiu ser resgatada dos escombros. E como sabemos disso? Graças a um *SMS* que ela enviou ao namorado, avisando que estava viva.

A narrativa é uma ficção, não representa grande parcela da população brasileira, mas não é impossível de acontecer. Estamos a todo tempo rodeados de meios de comunicação que nos trazem todo tipo de informação, desde o término do casamento de atores de Hollywood, os impactos que a alta e baixa da bolsa de valores de Pequim e Nova York provocam, até o

⁶ **Whatsapp** é um *software* para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão à *internet*.

Facebook é uma rede social lançada em 2004. Os usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos.

Twitter é uma rede social e servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 140 caracteres.

Instagram é uma rede social de fotos para usuários de Android e iPhone. Basicamente, trata-se de um aplicativo gratuito que pode ser baixado e, a partir dele, é possível tirar fotos com o celular, aplicar efeitos nas imagens e compartilhar com seus amigos.

Disponível em: <<https://www.significados.com.br/whatsapp>>. Acesso em: 3 out. 2016.

juízo de políticos envolvidos em escândalos de corrupção. A informação chega até nós, independente de nossa vontade, e chega cada vez mais rápido. Vivemos na Era da Comunicação, das tecnologias digitais, da nanotecnologia e da onipresença desses meios.

O estudioso dos meios de comunicação, Marshall McLuhan, em 1964, já comparava o fascínio que exerce os meios de comunicação a partir do mito de Narciso, o jovem, filho de um deus, que era tão belo que homens e mulheres se apaixonavam por ele. Ao ver o reflexo de sua própria imagem em um rio, Narciso também se apaixonou pelo seu reflexo e ficou se admirando até definhando-se. Para McLuhan (1964), tal como o personagem mitológico, nós somos fascinados por qualquer extensão de nós mesmos e, portanto, fascinados pelos meios. Ele acredita que os meios são extensões de nosso corpo e sentidos, como se fosse um prolongamento do sistema nervoso, assim, uma televisão, por exemplo, é o prolongamento do nosso olhar ou o rádio um prolongamento do ouvido.

Para Francisco Gutierrez (1978), a palavra é o surgimento mais colossal de que a humanidade se beneficiou, é a maior técnica de comunicação. Já com a escrita, pôde-se superar o tempo e o espaço, porque a mensagem pôde ser distribuída. Com a imprensa, surgiram os livros, que se tornaram os primeiros meios de comunicação de massa. Depois disso, veio a fotografia, em 1822, a imagem, portanto, logo se tornou imagem em movimento com a TV, uma linguagem nova para o momento. Em seguida, o cinema revolucionou as técnicas de comunicação e passamos, então, de uma civilização verbal para uma auditiva e visual. A televisão permitiu que as imagens penetrassem nos lares e, por sua vez, agora, a *internet* conectou todas as técnicas e revolucionou tudo o que antes conhecíamos sobre meios de comunicação de massa.

Enfim, todas essas mudanças tecnológicas que aconteceram na trajetória do homem na Terra, alteraram não somente os hábitos de vida, mas das estruturas do pensamento e de valores da sociedade. Os meios de comunicação modificaram, dessa forma, o meio cultural do homem. A filmadora, por exemplo, como acredita Francisco Gutierrez, permite captar uma cena com diversos ângulos, situação que somente nossos olhos não conseguem fazer; um telejornal oferece as várias versões e depoimentos de um fato, podemos ouvir de outras pessoas o que aconteceu de acordo com seus pontos de vista, seria como se estivéssemos presentes no acontecimento. A cultura de massa é um fato social, ela é universal e popular.

Respiramos, comemos, bebemos e sentimos os meios de comunicação ao nosso redor. Um encantamento pessoal pela comunicação foi o que moveu o desenvolvimento desta proposta: criar um *blog* cuja essência é a de preparar, respaldar e incentivar professores para introduzir e/ou ter mais opções de se trabalhar os meios de comunicação nas aulas de História,

de forma que seja um material pedagógico para o professor. A escola não pode ser vista como um ambiente fechado, onde os alunos ficam isolados, é preciso romper as barreiras, é preciso dar oportunidade de o docente trabalhar jornais, revistas, *blogs*, *sites*, páginas de relacionamentos, aplicativos de celulares, enfim, as formas de comunicar e conduzir leitores e cidadãos críticos e experientes para uma leitura desses meios. Precisamos de leitores inteligentes, capazes de interpretar o que lê, ouve e vê, e que ainda saiba selecionar e se situar em meio ao caos de informação que vivemos.

Estamos em um mundo saturado de imagens, sons, informações. Esse tipo de situação era inimaginável alguns anos atrás. As crianças da era da imagem são impulsionadas a responder com ações diferentes das que adultos de outras gerações. Antes mesmo de conhecer a linguagem fonética, as crianças convivem com uma linguagem ideográfica como, por exemplo, placas de sinalização e a própria linguagem dos desenhos animados e quadrinhos. Assim, quando elas chegam à escola, já têm uma capacidade figurativa e perceptiva, influenciadas pelos meios. Esses estímulos, condicionamentos e provocações sensoriais ocasionam mudanças de mentalidade. Temos hoje crianças cuja capacidade temporal e geográfica é diferente da de seus pais em função de tecnologias como a *internet* e, por isso, romper com moldes educativos ultrapassados e adotar tecnologias da comunicação pode ser uma opção, sem desmerecer uma aula expositiva convencional, pois, “o giz, o quadro negro e um indivíduo frente a trinta ou quarenta alunos continuam sendo a estrutura fundamental de aprendizagem numa sociedade eletrônica, universal e ultra cósmica” (GUTIERREZ, 1978, p. 29).

Nesse sentido, a proposta é montar um aparato para o professor, que possa lhe servir como um suporte para trabalhar os meios de comunicação. Diferentemente do Guia de Atividades, esta proposta busca caminhar com o diálogo e a troca de informações, com a dinamicidade, e mostrar exemplos de como o educador pode aplicar os mais diversos meios de comunicação na sala de aula e fazer dar certo. Assim, um canal de comunicação simples, eficaz e de fácil acesso é o *blog* que aqui foi pensado a partir da escassez desse tipo de material para tal finalidade. Vários trabalhos existem relacionando meios de comunicação e educação, outros direcionam práticas educacionais com rádios, jornais impressos, cinema, mas verifico a necessidade de haver uma ferramenta de comunicação simples e prática para acolher os profissionais que, em sua maioria, possuem interesse, mas receiam aliar o uso dos meios de comunicação em suas aulas, seja por desconhecimento seja por preconceito.

Todo o trabalho, até o momento, teve grande preocupação em evidenciar que educadores precisam se adaptar e esforçar em adotar certas práticas pedagógicas que se aproximem da realidade de seus pupilos, utilizando os *média* com o comprometimento de mudança de conduta para que o sujeito não apenas apreenda a informação, mas que saiba estruturar e usar a informação quando houver situações inusitadas.

E por que um *blog*? Segundo Jarbas Novelino Barato (s/d), o *blog* é como um local de encontro de comunicação do ciberespaço, como a antiga praça pública (ágora) das cidades gregas, onde exerciam uma democracia direta, ou mesmo como os cafés do século XIX, onde se discutiam cultura, política e literatura. No espaço do *blog*, seu autor tem a liberdade de postar o que pensa de forma periódica, ou não, dependendo da forma que queira conduzir seu *blog*. Alguns se especializam e a atividade torna-se fonte de renda, conquistam “seguidores” no mundo todo; outros são apenas lugares de expressão de ideias. Assim, o *weblog*, que se popularizou como *blog*, surgiu no final dos anos 1990. Assim afirma Barato (s/d, s/p):

Eles nasceram na internet como espaços de intercâmbio entre especialistas e cientistas. Depois foram adotados por info-comunicadores (informatas que gostavam de produzir material escrito de boa qualidade para se comunicar com leitores e parceiros). Só depois do pioneirismo desses dois segmentos é que surgiu a sugestão de ver os blogs como diários eletrônicos. Mas essa tendência, que alguns acham que é a originária, não é a mais importante na blogosfera. Hoje, os blogs são vistos mais como um local para conversações sobre assuntos que possam interessar determinada comunidade virtual.

Uma ferramenta de escrita e conversação que coloca as pessoas em encontro no ciberespaço é uma forma de definir o que é um *blog*. Atualmente, qualquer pessoa que saiba ler e escrever consegue montar um *blog*. Essa facilidade se dá porque ele exige pouco ou nenhum conhecimento de informática ou linguagem de programação, como nos ensina Barato (s/d, s/p):

Além disso, muitas das possibilidades de manipulação de letras, cores, figuras, som e até mesmo vídeo ficam cada vez mais acessíveis. Os recursos materiais de comunicação blogueira são cada vez mais ricos. Isso permite que os autores possam compor suas obras com bastante elegância e beleza. Basta ter bom gosto e alguma curiosidade para dar toques bem pessoais às páginas de seus diários virtuais.

E assim os *blogs* foram se popularizando e tornando, inclusive, uma forma de dar voz ao cidadão. E esse é um aspecto importante a ser tratado. O que entendemos nos dias atuais é que a democratização dos meios, principalmente da *internet*, e a acessibilidade a eles

possibilitou que qualquer pessoa possa produzir informações a qualquer tempo. Crescemos em um mundo onde o profissional que publica e divulga notícias é o jornalista, no entanto, vivemos em uma era de facilidades que permite que qualquer pessoa que tenha um celular em mãos consiga registrar, de forma audiovisual, um acontecimento e ela mesma discorrer, da sua forma, os fatos. Presenciamos isso ao ler uma página de rede social como o *Facebook*, por exemplo, em que o dono da página realiza suas postagens (muitas vezes sem checar a verdade do fato), e disponibiliza para que centenas de outras pessoas vejam, se identifiquem (curtam) e compactuem (compartilhem) para outras centenas de pessoas e, assim, inicia um processo infinito.

Tornamo-nos formadores de informações, muitas vezes sem critérios jornalísticos, sem perfeita gramática, sem verificar a veracidade do que passamos para frente, sem ética, mas com imenso prazer em ter o nosso “furo” jornalístico e ser popular em uma postagem. Em um *blog*, essa possibilidade de proporcionar a qualquer interessado a oportunidade de ser criador, para Barato (s/d), gera um espaço de interesses, onde o autor pode encontrar o interlocutor e formar um intercâmbio de pessoas que têm afinidade com determinado assunto e despertar neles o sentimento de pertencer a um certo grupo, ser valorizado, ser ouvido, ser aceito, “ter voz”. Essa é uma das vantagens de se usar *blogs* no ensino, porque o blogueiro, ao mesmo tempo ensina e aprende na interação com seus leitores.

Aprende ao tentar dar sentido à sua fala por meio dos posts. Aprende ao receber comentários de seus leitores (companheiros de papo). Ensina ao emitir opiniões, falar o que sabe de um modo espontâneo, dar prosseguimento a conversas iniciadas por comentários. Aprende ao conhecer novos sítios e espaços Web indicados por seus leitores. Ou seja, a grande vantagem dos blogs é a de que eles, se usados com liberdade e sem imposições, são um instrumento de ensinar e aprender por meio da conversa (BARATO, s.d., 1)

Então, o *blog* é uma ferramenta que pode ser utilizada na educação, como lugar de troca de experiências e cuja possibilidade de diálogo deve ser primordial. Barato (s/d) chama a atenção para a “pedagogização” dos meios de comunicação, tal como foi feito com a televisão e o vídeo cassete, quando os educadores usavam esses meios nas aulas, sem objetivo deixando-os pouco atraentes, como uma forma de recreação para aulas não preparadas ou vagas. Com as novas tecnologias não é diferente. Elas são vistas como uma forma de amenizar a necessidade de estudos, como se fossem algo agradável e até divertido. Muitas pessoas acham que isso pode amenizar a “chatice” do estudo. Há dois equívocos aí: equiparar estudo a entretenimento (na verdade o estudo está mais próximo do trabalho que do lazer),

equiparar diversão a prazer (grandes prazeres nada têm a ver com artes circenses, mas são conseqüências de experiências humanas profundas). Portanto, as tecnologias possibilitam abrir novos campos de aprendizagem e, no caso do *blog* proposto, de formas de trocas de experiências entre educadores sobre a utilização dos meios em sala de aula.

Essa “realidade virtual” não está longe das escolas, ao contrário, muitos professores já usam esse tipo de ferramenta (os *blogs*) dentro de seus conteúdos, em projetos diversos, como nas aulas de História, Português e Física. Grupos do *Whatsapp* mantêm uma interação contínua entre uma sala de aula e professores, tendo em vista que são discutidos ali vários assuntos, inclusive, os de interesse tratado em sala, e resolução de questões em grupo.

O *blog* que iremos apresentar é uma proposta para professores se apoiarem e ajudarem a construir, por meio da conversação, essa interação entre escola e meios de comunicação. O *blog* chama-se “Na onda *Web*” e o endereço eletrônico é o <http://naondaweb.blogspot.com.br/>. O nome busca passar a sensação de interação e dinamicidade, como uma “onda” de tecnologia, de novidades, de movimento, enfim, de coisas que estão em alta, que são discutidas na *internet*. Ao mesmo tempo, lembra as “ondas do rádio”, ou seja, uma junção do moderno com o tradicional, que ultrapassa as frestas das casas e que torna parte do cotidiano. Essa é a ideia do *blog*, de interação e participação dos professores na construção de um espaço que indique ou mostre formas efetivas de trabalhar os meios de comunicação com a responsabilidade que a Educomunicação propõe.

Sobre a temática, o que podemos ver diante de todo levantamento bibliográfico realizado é que História e Comunicação são duas áreas completamente interligadas. É bastante comum, inclusive, que jornalistas sejam historiadores ou que historiadores sigam a carreira como jornalistas. É o caso de Zuenir Ventura, Washington Novaes, Heródoto Barbeiro, por exemplo, e o meu próprio caso, que após concluir a graduação em História, ingressei na carreira de comunicadora.

Pelo exposto, achamos importante tentar construir um *blog* que, primeiramente, traga noções de Educomunicação, porque não queremos ter como público somente repetidores, mas pessoas que acreditem que a educação passa por um processo de mudanças, diante das quais não podemos, simplesmente, cruzar os braços, precisamos agir. Portanto, conhecer a mensagem educacional é um começo para isso. Além do aprimoramento teórico, também são inseridos no *blog* assuntos que mostram a aproximação da comunicação e do ensino-aprendizagem, de forma que experiências realizadas em escolas e deram bons resultados, bem como a introdução de termos jornalísticos que dão base para o professor utilizar meios de comunicação em sala de aula são expostos no ciberespaço.

Nesse contexto, é interessante lembrar sempre dos meios de comunicação que, desde os homens primitivos, que também se comunicavam à sua forma, até chegarmos à tecnologia de ponta de hoje, evidenciam que comunicar é um fenômeno contínuo, é movimento. Para autores como João Batista Perles (2007), o processo de comunicação é um dos fenômenos mais importantes da espécie humana e, para compreendê-lo, é preciso voltar nas origens da fala e da linguagem e que os processos culturais e tecnológicos também fazem parte dela.

Importante ainda reconhecer a questão tecnológica e o que é tecnologia em todo processo comunicacional. Quando falamos nesse termo, o que vem à mente são as últimas novidades cibernéticas ou em nanotecnologia, contudo, é primordial lembrar que a tecnologia a qual nos referimos é qualquer mecanismo que vai possibilitar o homem a executar suas tarefas, como uma furadeira, um *Ipad*, um *smartphone* ou um giz. Elas surgiram para a sobrevivência dos homens primitivos, para destrichar os alimentos, e tomaram diversas formas e funções nos dias atuais.

Acontece, afinal, que atrelar o termo “tecnologias da informação” se tornou sinônimo de o que há de mais moderno para comunicar, porém, o que vem nos dizer Marshall McLuhan (1964) é que temos inúmeras formas de usar tecnologias para nos comunicarmos e que, desde as mais simples, como o alfabeto, até as de última geração, como os satélites, fazem parte de nosso corpo enquanto uma extensão dos nossos sentidos. Da mesma forma que as tecnologias foram criadas enquanto uma extensão do corpo, para realizar ações, as tecnologias da informação foram criadas para serem extensões de nossos sentidos, da voz, da visão, da audição. Assim salienta o autor:

qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou auto amputação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações, equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo. Assim, não há meio de recusarmo-nos a ceder às novas relações sensoriais ou ao fechamento de sentidos provocados pela imagem da televisão (MCLUHAN, 1964, p.63).

Ao defender a ideia de que os meios de comunicação são extensões de nosso corpo e sentidos, McLuhan (1964) reforça que ninguém sente a necessidade de querer uma TV até que ela exista, ou seja, só temos a necessidade de possuir a tecnologia a partir do momento em que ela existe. Usar os nossos sentidos é fundamental e ter um rádio ligado ou o telefone conectado o tempo todo, acaba tornando-se uma necessidade para algumas pessoas, como se nossos sentidos fossem para além do corpo e que esse elo fosse vital, a tecnologia torna-se, portanto, parte inseparável do nosso corpo.

Segundo João Batista Perles (2007), ao buscar sobre as origens da comunicação, não se sabe ao certo onde ela começou. Imagina-se que com os homens primitivos através dos gritos, grunhidos, gestos ou pela combinação desses elementos, o homem associou sons e gestos para designar um objeto ou ação, dando origem ao signo, ou seja, qualquer coisa que faz referência a outra coisa ou ideia. Conforme foram inventando mais signos, foi necessário organizá-los, combiná-los entre si. Acredita-se que, assim, originou a linguagem verbal, que é tão importante e que permite ir de uma situação a outra com desenvoltura e rapidez. A linguagem, nesse sentido, amplia o homem.

Antes de pensarmos em uma comunicação escrita ou falada, temos uma comunicação primária, que são as pinturas rupestres encontradas em cavernas e que até hoje podemos vê-las em diversos pontos arqueológicos no mundo. Trata-se de emissões de mensagens de nossos antepassados, uma forma de comunicar com outros clãs, e de narrar acontecimentos cotidianos daqueles homens. Comunicar por imagem é, dessa forma, ao mesmo tempo tão remoto quanto moderno. Ainda hoje, no século XXI, fazemos isso. As imagens fazem parte de nossa vida cotidiana desde a publicidade estampada em *outdoors*, revistas e redes sociais até nas notícias de jornais televisivos, que mostram imagens em seu conteúdo.

A comunicação sonora, como os sinais de fumaça e berrante, foram as primeiras tecnologias da comunicação a vencerem a distância, mas, somente por volta do século IV A.C., com a invenção da escrita, que o alcance da comunicação melhorou, porque a mensagem escrita tinha maior possibilidade de ser difundida. Esse foi um momento tão importante na história da humanidade que, por muito tempo, e há quem até hoje acredite, que a escrita foi um marco divisor entre “civilizados e não-civilizados”, chegando mesmo ser um limite entre o que era considerado “História” e “Não-História”, já que alguns pensadores somente consideram História o que está documentado, escrito. Contudo esta visão não possui grande aceitação acadêmica pois desconsidera, por exemplo, as pinturas rupestres enquanto forma de comunicar dos homens daquele tempo.

O homem, então, descobriu que as palavras eram compostas por unidades menores de sons, os fonemas, e aí podiam representar os objetos e coisas por meio dessas unidades. Surgia aí a escrita fonética, os signos⁷ representando os sons.

⁷ Segundo o linguista Ferdinand de Saussure, o signo é a união do sentido e da imagem acústica. O que ele chama de “sentido” é a mesma coisa que conceito ou ideia, isto é, a representação mental de um objeto ou da realidade social em que nos situamos, representação essa condicionada pela formação sociocultural que nos cerca desde o berço.

A combinação dos sons em sequências de diversos comprimentos pode, além de descrever objetos, representar ideias. A possibilidade dos signos gráficos serem representados por unidades de sons menores que as palavras deu nascimento ao conceito de letras. Com elas, o homem formou os alfabetos. Antes que o alfabeto tomasse a forma que o conhecemos atualmente, passou por inúmeras transformações. Primeiro surgiram os silabários, que consistiam num conjunto de sinais específicos para representar cada sílaba chegando muito tempo depois ao alfabeto greco-latino (PERLES, 2007 apud GONTIJO, p.6).

Mas a linguagem escrita era reservada a poucas pessoas, conforme salienta Perles (2007). Na Idade Média, por exemplo, era, praticamente, exclusividade do clero e da nobreza. De certa forma, se olharmos para a realidade do século XXI, apesar de a escrita não ser mais de uso exclusivo da elite, temos, no mundo todo, um grande déficit de pessoas que a dominem. Segundo dados do IBGE⁸ em 2014 8,6% da população com idade acima de 15 anos é analfabeta, contando que a população brasileira é de quase 205 milhões de brasileiros, temos cerca de 17 milhões de pessoas analfabetas em 2016, número assustador se contarmos que não estamos mais na Idade Média.

Até que se chegou ao papel, as mensagens eram deixadas em pedras, papiros e pergaminhos de couro. E, ao abordar esse assunto, lembramos ainda que outra grande revolução nas tecnologias da comunicação foi com a invenção da prensa tipográfica. Perles (2007) ressalta que os chineses foram os primeiros a imprimir livros, mas foi o alemão Gutemberg que aperfeiçoou a técnica, entre 1438 e 1440, o que possibilitou a produção de livros em uma escala muito maior do que as cópias manuscritas. Assim, os livros saíram dos limites dos mosteiros e se tornaram de acesso mais popular, sendo considerado por autores como Gutierrez, como “uma nova dimensão à civilização da escrita. O livro é o primeiro meio de comunicação de massa” (GUTIERREZ, 1978, p. 16), pois foi o primeiro método viável de disseminação de ideias e informações a partir de uma única fonte.

Essa invenção tem sua importância na quebra de paradigmas, porque os livros, ao saírem do claustro, foram para as ruas e uma parte da população que teve acesso a eles começaram a se interessar por assuntos públicos como política e ciência, o que foi muito importante para quebrar a hegemonia da igreja enquanto a única guardiã da verdade. Ainda se considera que a prensa teve atuação tão importante que automatizou a produção de textos e antecipou a Revolução Industrial, em 1750, e ainda “a tipografia instituiu a tecnologia

⁸<<http://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>> Disponível em 26/12/2016.

moderna de comunicação, visto que, antes, o que tínhamos eram tecnologias primitivas” (PERLES, 2007, p. 8).

O autor também destaca que o primeiro jornal impresso do mundo foi o *Relationen*, produzido por Johann Carolus, em 1605, em Estraburgo, região hoje pertencente à França. Já o primeiro jornal brasileiro foi o *Correio Brasiliense*, de 1808, produzido por Hipólito José da Costa. O *Correio Brasiliense*⁹ era impresso em Londres, porque a Coroa Portuguesa proibia a existência de prensas na Colônia. Mas, ainda em 1808, a família real veio para o Brasil, trazendo nos navios as máquinas que, mais tarde, dariam origem à Imprensa Régia, que era uma espécie de editora da Coroa de documentos, decretos e livros. No mesmo ano foi criada a *Gazeta do Rio de Janeiro*¹⁰, jornal que publicava documentos oficiais da corte. Nos anos posteriores, foram surgindo outros periódicos.

Quanto ao rádio, teve como seu antecessor o Código Morse, em 1835, com a tecnologia que permitia transmitir mensagens a longas distâncias, utilizando correntes elétricas para controlar eletroímãs que funcionam para emissão ou recepção de sinais. Com o Código Morse e o telégrafo a mensagem, pela primeira vez, começou a viajar mais depressa que o mensageiro, como afirma McLuhan (1964).

Em 1896, o italiano Guglielmo Marconi patenteou o rádio como primeiro aparelho transmissor sem fios, mas, antes do cientista italiano, o padre brasileiro Roberto Landell já havia conseguido transmitir a voz por meio eletromagnético, em 1893.

[...] a primeira demonstração oficial de seu invento foi a transmissão entre a av. Paulista e o bairro de Sant’Ana sem a ajuda de fios, de sua própria voz, através da irradiação de uma onda eletromagnética, em junho de 1900, na presença de autoridades e da imprensa, 22 anos antes do Centenário da Independência (GONTIJO, 2004 apud PERLES, 2007, p. 9).

A primeira apresentação radiofônica oficial no Brasil foi em 1922, no Rio de Janeiro quando o presidente Epitácio Pessoa discursou na inauguração da Exposição do Centenário da Independência. O rádio revolucionou as comunicações, pois suas ondas quebraram a barreira de transmitir informações somente pela impressão e, com isso, temos o processo de

⁹ **Correio Brasiliense** foi o primeiro jornal brasileiro criado em 1808, por Hipólito José da Costa e que segundo o mesmo foi criado para atacar "os defeitos da administração do Brasil". Como era proibido a colônia possuir jornais, ele era impresso em Londres e chegava ao país vários meses após pronto. Em 1821 com o fim da proibição passa a se chamar *Diário do Rio de Janeiro*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-brasiliense>>. Acesso em 03 out. 1982.

¹⁰ A **Gazeta do Rio de Janeiro**, fundada em 10 de setembro de 1808, foi o primeiro jornal impresso no Brasil, nas máquinas da Imprensa Régia, no Rio de Janeiro. Seu lançamento marca o início da imprensa no país. Com a independência, a *Gazeta* deixou de circular. Disponível em: <<http://www.museudavida.fiocruz.br/brasiliansa/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=17&sid=21>>. Acesso em: 03 out. 1982.

massificação, porque para se ter notícias não era preciso se alfabetizado, era apenas necessário ouvir. Isso fez do rádio um meio de comunicação de massa que fosse utilizado tanto por ricos, quanto por pobres.

Posteriormente, a tecnologia que deu um novo olhar sobre a estética, desenvolvida até então pelos meios de impressão, foi a imagem em movimento, com o elemento sonoro, qual seja, o cinema e a televisão. Apesar da tecnologia da TV já ser de certa forma conhecida desde 1923, somente em 1950 os receptores foram produzidos comercialmente. No Brasil, a primeira emissora de TV foi a PRF3-TV, a Rede Tupi, de São Paulo, criada em 1950.

Enfim, foi com a rede mundial de computadores, a *Internet*, que os meios de comunicação sofreram maior impacto. Suas experiências iniciaram com fins militares, no final da década de 1950. A *internet* modificou e modernizou tudo o que conhecemos por meios de comunicação, ela consolidou uma era e representa um ciclo de desenvolvimento da tecnologia da informação, assim como os outros meios tiveram.

Entendemos que o processo comunicacional não tem fim, está em constante crescimento. Uma das consequências dessas rápidas transformações pode ser a incerteza e as alterações históricas na vivência de novas experiências sensoriais. O homem é permanentemente modificado pela tecnologia e sempre encontra formas de modifica-la.

3.2 Apresentação do *Blog*

O *Na Onda Web* apresenta uma proposta para que o professor se inspire e perceba que o uso das mídias é essencial nos tempos atuais na sala de aula. Usar mídias não significa que o professor precise, em cada aula, usar de recursos tecnológicos de ponta ou estar a todo momento usando de meios de comunicação para explicar o conteúdo. Através de ideias simples e criativas, um professor educador pode realizar proveitosas interações. Para ajudar a se familiarizar mais com o termo Educomunicação e para mostrar práticas educacionais que deram certo em sala de aula é que foi criado o *Na Onda Web*. Nesse espaço além de conhecer experiências, o professor tem a oportunidade de deixar sua opinião ou relato.

Pensando em interagir com educadores sobre o uso das mídias na sala de aula e a utilização do *blog Na Onda Web*, foi oferecido um minicurso para alunos da terceira turma do Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Esse contato foi importante para praticar o elemento inaugural da Educomunicação; a ação. A turma foi escolhida por ser composta, em grande parte, por professores da rede de ensino e

pela abertura que possuem em relação às novas práticas e a afinidade com o tema. A grande maioria é de historiadores, porém, havia também participantes da área de Letras, Filosofia e Ciências Sociais. Todos possuem algum tipo de experiência em sala de aula.

Inicialmente, foi apresentado o tema do minicurso: “O uso das mídias no ensino de História” e solicitado que explanassem experiências pessoais com a utilização de meios de comunicação seja enquanto educadores seja enquanto alunos. Aos poucos, relataram que já utilizaram filmes e documentários com seus alunos. Outro manifestou que a escola tem um *blog*, onde postavam as atividades que a escola desenvolvia e servia de canal de comunicação, inclusive para os pais, que podiam acessar e ver as atividades, porém, o *blog* não tem sido atualizado.

Reconhecem que utilizam pouco ou quase nada de meios de comunicação em sala, o que é justificado pelo tempo escasso e desinteresse da coordenação da escola em auxiliar projetos desse cunho, sendo que há pouco ou nenhum estímulo para que professores utilizem meios de comunicação em sala. Foi apontado que os próprios professores utilizam de filmes, por exemplo, como momento de lazer para cobrir falta de outros professores ou imprevistos, mas também foi observado por uma participante que os filmes devem ser contextualizados antes de serem passados, para que o aluno possa entender o enredo e que a película seja, realmente, compreendida e assimilada conforme o que o professor explicou anteriormente.

Por fim, foi apontado que há muita restrição aos alunos com uso de celulares na escola e que soa incoerente trabalhar meios de comunicação e limitar que o aluno faça isso no ambiente escolar e até puni-los por isso. Em resumo, o que notei na fala dos que se pronunciaram é que há interesse, contudo, há limitação de horários, com poucas horas aulas para um conteúdo muito extenso, falta de interesse e apoio da coordenação em projetos que propõem abordar a temática e proibição do uso de diversos meios no ambiente escolar.

Algo que me chamou atenção é que, por quase unanimidade, os participantes entendiam que usar de meios de comunicação se resumia a utilização de documentários e filmes. Sendo assim, foi discutido com eles o conceito de Educomunicação. Nenhum deles sabia do que se tratava e nem ao que se referia. Para entender a origem do termo e o significado, foi localizado o contexto histórico – aquele em que um governo ditatorial assumia a educação de crianças e adolescentes com repressão, tanto no Brasil quanto na América Latina, ao passo que teóricos como Paulo Freire lutam por uma educação libertadora e dialógica, que percebe que as camadas pobres e dominadas somente vão conseguir se libertar da opressão através da educação e da tomada de consciência do seu papel como sujeito social.

Os meios de comunicação, nesse olhar, devem ser acessíveis a todos e não somente à classe alta. A partir do momento que as camadas possuem voz na sociedade, a realidade oprimida pode mudar, através do diálogo, respeitando os saberes trazidos do cotidiano e da crítica à realidade.

Para que a comunicação seja efetiva e não unilateral, foi apresentado o conceito da Teoria das Mídias, que é a comunicação baseada em três processos de mediação: primários, secundários e terciários. Os primários é a comunicação presencial, como por exemplo, sons. A secundária são as marcas deixadas sobre suportes ou outros corpos que podem ser repassados e podem se transformar em sistemas de sinais, como por exemplo, os alfabetos; e a terciária surge com a eletricidade e a criação de aparatos que transmitem mensagens para outros aparatos similares, é a telefonia, radiofonia, televisão e *internet*.

Ao esclarecer isso, é importante destacar que, dentro de uma sala de aula, os três tipos de comunicação são válidos, inclusive, uma aula expositiva, que use somente a comunicação primária, é tão importante quanto uma aula que utilize equipamentos tecnológicos. O professor não precisa ficar preso e engessado a utilizar jornais, revistas, cinema, ele pode usar de diversas formas de comunicar para interagir e dialogar com os alunos e ter bons resultados com isso, porque todos os tipos de comunicação são importantes.

Assim, concordamos com Marshall McLuhan (1964), quando afirma que temos inúmeras formas de comunicarmos, desde as mais simples, como o alfabeto, até as de última geração, como os satélites e que elas fazem parte de nosso corpo, concluindo assim que os meios de comunicação são extensões dos nossos sentidos e que exigem novas relações de equilíbrio com nossos sentidos. O autor ressalta: “A primeira grande extensão do nosso sistema nervoso central – os meios de massa da palavra falada- veio casar-se com a segunda grande extensão do sistema nervosos central – a tecnologia elétrica” (MCLUHAN, 1964, p.302).

Isso nos faz refletir sobre uma comunicação imediata, na qual os nossos sentidos assimilam tudo, instantaneamente, de onde quer que venha ou esteja. Esse imediatismo, esta inclusão digital, preocupa-se apenas com o acesso, sem pensar no conteúdo e ou contexto da informação. Assim, é necessário que professores e alunos trabalhem juntos e, dessa forma, a Educomunicação procura interagir nesse processo.

A proposta educ comunicativa está muito mais próxima do que se possa imaginar, tendo em vista que alia educação e comunicação, é ação dentro da sala de aula, é utilizar os meios como aliados, é respeito aos conhecimentos tácitos, é reconhecer e aceitar que existem diversas formas de saber, é preparar sujeitos históricos para agirem de forma crítica diante do

que recebem de informações. Todos nós somos educomunicadores, independente de qualquer disciplina, de qualquer nível escolar. A educomunicação vem para estreitar os laços entre escola e mundo, para romper os muros e refletir sobre esse mundo na ciência, economia, política e tantas outras áreas mais ao tentar mostrar aos alunos que a forma que agem na comunidade tem total relevância.

Tudo isso está intimamente ligado à proposta do Mestrado Profissional, em ter prática e ação em seus projetos e também com a Cultura Histórica, que entende a importância do despertar de uma consciência histórica prática para as salas de aula. Para essa linha, o passado tem um significado a partir de sua interpretação no presente e o sujeito entende o mundo a partir de suas memórias e experiências. Ele já possui sua consciência histórica, que é prática, cotidiano e a interpretação que ele faz disso é que dará sentido às relações cotidianas.

Sendo assim, a escola já não pode mais ignorar a família, a comunidade e os meios de comunicação, porque esses são importantes fontes de conhecimento histórico e, por isso, é necessário incluir o uso dos meios de comunicação de forma consciente, ou seja, saber aproveitar todo seu potencial. Ademais, o educador não deve cometer o desacerto de usar as mídias como lazer ou fora de nexos e contextos da disciplina.

Como usar da Educomunicação para isso? O *Blog Na Onda Web* é formatado para atender essa demanda, portanto, apresenta um linguajar acessível para internautas, não apenas professores. Oferece uma introdução à discussão teórica sobre Educomunicação e vários *post* de como os diversos veículos de comunicação podem ser utilizados com sucesso dentro da sala de aula, desde os mais simples aos mais tecnológicos como, por exemplo, o uso de jornais impressos, explicando passo a passo sua composição e de como ele chega até nós. Para uma parte prática, são sugeridas atividades que podem ser usadas em sala de aula e com diversos níveis escolares de forma simples, precisa e que deixem as aulas mais atraentes e inusitadas.

Para aqueles que não se sentem tão à vontade com computadores e *data show*, quadros interativos ou outras tecnologias, também foram passados *links* que oferecem cursos gratuitos para quem tem interesse em desenvolver tais habilidades.

Seguindo uma tendência de incluir o uso de redes sociais no ensino, foram apresentadas propostas de trabalhar o *Facebook* e o *Instagram* nas aulas de História, como forma de fazer os alunos desenvolverem formas de falar sobre personagens ou momentos históricos com sua própria linguagem e terem a oportunidade de mostrar, enquanto sujeito histórico, aquilo que mais lhes chamam atenção. Também são apresentadas dicas de como usar o *Facebook* na sala e sugeridos *links* para mais inspirações. Da mesma forma, isto é, de

maneira “sadia”, é incentivado o uso do *Whatsapp* para a criação de grupos que podem servir de instrumento para o professor avaliar se os alunos estão entendendo a matéria.

O *Youtube* pode servir também de canal de criação de material educativo em forma de vídeos, para alunos em classes mais avançadas. Esses *posts* revelam que o professor deve estar atento a certas restrições que cada turma possui, pois cada uma tem um nível de maturidade para desenvolver cada proposta. Essa é uma preocupação explícita nos *posts*, a habilidade do professor e do aluno, caso contrário, corre-se o risco de a atividade não ser proveitosa.

Para uma reflexão, é apontada a questão da ética virtual e o quanto é imprescindível que o professor se atente a essa questão com seus alunos. Saber receber e repassar informações que os alunos têm acesso é primordial para que ocorra a Educomunicação, por isso este detalhe nessa postagem que exemplifica crimes virtuais. Pais e professores devem orientar sobre a boa conduta digital e explicar quais são as regras para que a delinquência virtual seja banida.

A fim de relembrar os tempos de rádio novelas, é sugerido o uso de *podcasts*. Essa é uma mídia de transmissão de informações, um áudio como programas de rádio, que podem ficar disponíveis em agregadores de *podcats* e podem ser ouvidos a qualquer momento. É uma forma de comunicação simples e dinâmica, em que os próprios alunos, com aparelhos simples, podem fazer pequenas notas e programetes sobre a disciplina estudada e repassar isso aos colegas, professores e comunidade escolar.

No minicurso, como proposta para um momento de distração, foi apresentado um desenho animado do Pato Donald: “O computador de Donald”. A partir dele, os próprios participantes começaram a se manifestar sobre o tema do desenho, nele, Donald se vê obrigado a comprar um computador porque a namorada, Margarida, diz que ele precisa se atualizar e deixar de ser ultrapassado, caso contrário, arrumaria outro namorado. O pato sai em busca da máquina, que não consegue montar, enquanto Margarida espera um *e-mail* dele. No final, por sorte, consegue que o computador funcione e manda um *e-mail* para a namorada. Colocamo-nos no lugar do personagem e vemos que a utilização de meios de comunicação e tecnologia é impositiva em nossos dias, de forma que nos sentimos obrigados e coagidos a utilizá-los, correndo o risco de sermos taxados de inadequados. Aprender a usar um computador e a comunicar com o outro através da tecnologia que os meios de comunicação nos oferecem é inevitável, principalmente para quem lida com crianças e adolescentes.

Encerada a parte demonstrativa, foi solicitado que os participantes praticassem a linguagem secundária, a escrita, e apontassem, de forma anônima – para que se sentissem mais à vontade e fossem sinceros no texto, sem preocupar em se identificar, caso houvesse críticas – como seria aproveitado o minicurso em suas realidades. Ao todo, obtivemos um total de 12 depoimentos, tendo em vista que todos atenderam ao pedido. Foram narrativas diversas e, de forma geral, corresponderam às expectativas, pois, na discussão feita durante as 3 horas de minicurso, eles perceberam a importância do uso das mídias em sala de aula, conforme podemos concluir com a leitura dos seguintes depoimentos:

“O minicurso “Os meios de comunicação e o Ensino de História” foi de grande importância para nós enquanto professores”.

O uso das tecnologias é algo atual e instigante para os alunos.

“Devido a experiências durante os estágios, percebi que os professores dos colégios em que participei estavam presos no quadro negro e o giz.”

Ou ainda quando outro participante diz:

“A sociedade, graças às novas tecnologias muda e constrói seu imaginário coletivo, cabe então aos professores e professoras adaptarem suas práticas dentro e fora das salas de aula para que essas novas relações sociais e de conhecimento sejam aproveitadas”.

Outro se manifestou da seguinte forma:

“Então o que posso ressaltar é que as mídias devem ser trabalhadas e o professor o mediador dessa ferramenta em sala de aula e essa oficina foi muito produtiva nesse sentido, de nos mostrar como trabalhar essas mídias na educação.”

Também ficou registrada a importância do uso das mídias como atividade em sala, mas que a aula expositiva também tem seu valor:

“Contudo é preciso saber lidar com tantas formas de comunicação. Pois elas são uma ferramenta que auxilia o e não uma forma de substituição.”

Complementando com outro texto:

“O uso dos meios de comunicação podem ser usados como ferramentas, não substituir as aulas dialógicas, mas para tornar as aulas mais dinâmicas e interessantes aos alunos, pois, os alunos já possuem habilidade com recursos tecnológicos.”

Outro diz o seguinte:

“Vejo que o efeito da comunicação também da tecnologia depende da forma com que a turma que assumiu.”

“Acredito que as tecnologias podem ‘ajudar’ na comunicação, mas substituindo-a, podendo até prejudicar. Mas como tudo na educação é preciso testar, buscar formas adequadas em cada contexto e extrair o melhor no que se tem.”

Ou ainda, outro participante que ressaltou a importância de haver um preparo da turma antes, para saber como utilizar o meio de comunicação e a forma de usar esses recursos não somente como opções de lazer sem ligação direta com suas vidas e a matéria que estão vendo e apontou também a importância do professor estar preparado para saber lidar com o material:

“Porém deve haver uma discussão com os próprios, a respeito dessa utilização, já que por vezes a utilização de filmes/slides/ músicas etc. é vista como forma de ‘não ter aula’. [...] É totalmente interessante a utilização desses meios mas deve haver uma preparação/capacitação para que não seja/não continue apenas uma forma de tapar buracos.”

A valorização dos tipos de comunicação também foi denotada e ressaltada por outro participante. A importância e a forma como vai atingir os alunos.

“os veículos de comunicação podem ser amplamente utilizados tanto os primários, os secundários e terciários, levando-se em consideração que cada nível vai produzir um efeito mais rápidos de transmissão de informações aos seus receptores, no caso do ensino de história os próprios alunos.”

Ainda, o professor enquanto mediador do processo educacional, também é descrito como necessário para se alcançar um bom êxito com os meios de comunicação que, por sua vez, são vistos como uma possibilidade real.

“As multimídias utilizadas como meio de comunicação podem ser vistas como uma ‘ferramenta’ possível de ser trabalhada em sala de aula, mas sempre levando em consideração a importância do professor enquanto mediador nessa relação [...]”.

Por fim, a valorização do educador que sai de sua zona de conforto e das limitações que a coordenação da escola impõe e tenta realizar bons projetos:

“Vejo que a Educomunicação faz isso no processo ensino-aprendizagem, transforma todas as possibilidades, rompe todas as barreiras, ou como diz Paulo Freire, “os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.”

A intenção de mostrar aos participantes do minicurso a importância do uso dos meios de comunicação em sala de aula foi de permitir que o conhecimento sobre a Educomunicação fosse construído com diálogo. Nos momentos que manifestavam suas angústias como professores, eles explanavam as dificuldades enfrentadas em sala e as limitações que sofriam frente à coordenação das escolas. A grande maioria dessas instituições de ensino não estimula e por vezes até proíbe o uso dos meios de comunicação dentro do local. Sabemos que a realidade da comunidade escolar é restrita, para não dizer frustrante, em relação a esse tema, mas, ainda assim, buscamos mostrar que com criatividade e boa vontade é possível extrair muito da mídia e produzir trabalhos de grande proveito.

Ismar Soares (2011) considera que o trabalho da Educomunicação é, sem dúvida, um trabalho cuja aceitação e resultados são percebidos em longo prazo, a começar com a conscientização dos professores e dos pais. É uma oportunidade para que percebam que comunicação e educação não é o oposto um do outro, mas sim complemento e interação, porque a partir do momento em que percebem essa simbiose e acreditam nesse potencial, os caminhos são melhores permeados e as ações exequíveis.

Sendo assim, entendemos que a aprendizagem ocorre quando o indivíduo se sente tocado, envolvido, conectado. O momento de mostrar isso de forma prática, como no minicurso, é uma excelente oportunidade. Não é a tecnologia que provoca a aprendizagem, mas sim o sentido, a razão que o processo de comunicação desencadeia. As novas linguagens e o *blog*, em particular, mostram-nos que comunicar não significa somente transmitir ideias, fatos, mas oferecer novas formas de perceber as coisas.

Os atuais métodos de ensino têm de se articular às novas tecnologias para que a escola possa se identificar com as novas gerações, pertencentes à “cultura das mídias”. As transformações tecnológicas têm afetado todas as formas de comunicação e introduzido novos referenciais para a produção do conhecimento e, tal constatação, interfere em qualquer proposta de mudança dos métodos de ensino. Ter o auxílio de uma ferramenta democrática e

de fácil acesso, como o *blog*, pode ser uma forma de o professor ter incentivo de trabalhar o uso das mídias em sala de aula. A criação do referido espaço é para permitir que vontades sejam despertadas e realizadas e a intenção é de que, a partir dessa sugestão, as demais premissas de trabalhar a Educomunicação sejam possíveis e praticáveis.

3.3 Conectando com o blog Na Onda Web

Nesta sessão, proponho que possamos conhecer o *blog Na Onda Web*, como é o espaço e as postagens que foram realizadas. É um local pensado com o rigor do método, o esmero da profissão e a afeição pelo tema. Vamos navegar nas ondas da *Web* e ver como educação e comunicação, comunicação e educação se dão muito bem na teoria e na prática. Como se trata de uma ferramenta dinâmica, as postagens são periódicas e nem todas foram adicionadas.

A primeira publicação descreve o que é o blog e a sua proposta de trabalhar de forma educacional os meios de comunicação em sala de aula em um trabalho de intervenção política e social fundamentada na experiência e na formação crítica dos processos históricos voltada para uma leitura crítica dos meios de comunicação e despertar nos professores o interesse de perceber as potencialidades dos meios em suas aulas e convida o público a ser coautor do Na Onda Web.

Figura 5 – Postagem Blog

Blog na Onda Web

QUINTA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 2016

Um pouco sobre o "Na Onda Web"

Trabalhar com os Meios de Comunicação no processo ensino-aprendizagem tem se tornado mais que uma necessidade para professores da era das tecnologias. Experimentar as novidades e compartilhar o que foi bom ou ruim é algo que a maioria dos professores gosta de fazer e o faz a todo tempo em conversas informais com seus pares através de uma comunicação verbal. Os modernos meios de comunicação, contudo, modificaram os hábitos e comportamentos exigindo principalmente dos professores uma postura mais reflexiva sobre a nova realidade. Se hoje temos um mundo interligado por uma rede virtual e instantânea, nada melhor que aproveitar as potencialidades oferecidas e compartilhar este conhecimento.



Neste sentido, este blog procura despertar nos professores, que reconhecem as potencialidades dos meios de comunicação em suas aulas, a fazer o uso dos mesmos com uma proposta educacional, ou seja, um trabalho de intervenção política e social fundamentada na experiência e na formação crítica dos processos históricos voltada para uma leitura crítica dos meios de comunicação.

Acreditamos que através da formação de cidadãos conscientes, participativos e inseridos no meio social podemos chegar a uma transformação do indivíduo e da sociedade para que de forma conjunta descubram novos caminhos e resolução de problemas.

O que pretendemos com o Na Onda Web é mostrar que o uso das tecnologias em sala de aula deve ser visto não como solução milagrosa ou um novo método de ensino. Entendemos que existe a necessidade de se aproximar os conteúdos das disciplinas a uma realidade que transcende o mundo externo aos portões das escolas e que chega aos alunos via meios de comunicação. Os professores precisam de uma nova compreensão do processo de ensino aprendizagem onde o cotidiano também faz parte. Usar os meios de comunicação nas aulas de História precisa ter um objetivo maior que apenas deixar a aula mais interessante e envolvente para prender a atenção dos alunos, a preocupação tem que ser a de entender o processo de construção de raciocínios sobre a realidade a partir das imagens do cotidiano e que eles possam produzir uma leitura mais crítica e elaborada em cima deste cotidiano.



Desta forma, atuar dentro e fora das salas de aula, servir de ponto de mediação, de integração e de reflexão, transitar nos vários territórios, comunicar não apenas os enunciados científicos e técnicos, mas produzir a comunicação de discursos éticos, estéticos embasados em uma aprendizagem dialógica horizontal e tendo os meios de comunicação como aliados. Neste sentido que o Blog na Onda Web quer propor, professores que tenham este ponto de apoio em suas aulas e que desfrutem dos mais diversos meios de comunicação para tal. Iniciamos os trabalhos com leituras sobre a História dos Meios de Comunicação, para que o leitor entenda como é realizado estes meios para que consequentemente possa ter maior propriedade para lidar com o mesmo. O primeiro escolhido é o jornal impresso. Espero que apreciem e que sejam leitores e coautores do "Na Onda Web"!

QUEM SOU EU



Larissa Cristina Pacheco
G+ [Seguir](#) 15

[Visualizar meu perfil completo](#)

ARQUIVO DO BLOG

- ▼ 2016 (12)
- ▶ Agosto (2)
- ▶ Junho (9)
- ▼ Abril (1)
- Um pouco sobre o "Na Onda Web"

Postado por Larissa Cristina Pacheco às 16:29 Nenhum comentário:

Recomece isto no Google

Fonte: Arquivo pessoal

Para que os leitores se familiarizem mais com o termo Educomunicação, como surgiu, em qual contexto social e político e como é esta proposta que orienta o Na Onda Web, foi produzida uma publicação a qual pessoas perciam o estranhamento da palavra e procurem saber um pouco mais sobre o assunto. Um Blog possibilita que vídeos e links sejam inseridos e este recurso é bastante aproveitado em todas postagens com inserção de vídeos sobre cada temática, e desta foram, para quem se interessar a saber mais sobre Educomunicação há um vídeo do professor Ismar Soares e links de artigos sobre o tema.

Figura 6 – Postagem Blog

Muito prazer, sou Educomunicadora!

Olá, acredito que para muitos a palavra Educomunicação é uma novidade, por isto sempre que pudermos iremos falar sobre o assunto que é norteador deste blog.

Apesar de o nome ser novidade a Educomunicação vem de longa data, desde a década de 1970 já se falava em uma integração dos meios de comunicação e educação para as salas de aula e para a vida. A América Latina é o berço destes estudos e temos nomes de destaque como o uruguaio Mário Kaplún e o teórico brasileiro Paulo Freire.

Diante de um momento histórico marcado por dualidades como Capitalismo e Socialismo e de repressão política, com uma ditadura instaurada em diversos países entre 1960 a 1980, Freire inaugura um pensamento dialógico democrático e libertador na pedagogia nacional e latino-americana. Ele apostava na educação intermediada pelo audiovisual. Para ele as pessoas somente vão atingir uma consciência do que está acontecendo quando se reconhecerem parte da humanidade, da história e se indignarem e tomarem-se capazes de atuar. Esta ação é o comprometimento que ocorre por meio da educação.

Assim, através da interação comunicação e educação é possível transformar o ser humano enquanto sujeito da própria história e que pelo diálogo, pela igualdade, consegue desenvolver uma consciência crítica e se transformar. Paulo Freire, com sua base teórica, forneceu as raízes da Educomunicação juntamente com os teóricos latino-americanos que passaram por um contexto histórico semelhante em seus países e que envergaram a comunicação como objeto libertador. Estes são pressupostos da Educomunicação, e é por aí que tudo começa.

Neste período a população não tinha acesso aos meios de comunicação como jornais impressos e rádios que eram da minoria classe alta. Mas foi com a luta por uma comunicação democrática e participativa iniciada no período da ditadura em toda América Latina que grupos como organizações não governamentais e grupos sociais foram influenciados. A escola não ficou aquém da mudança de paradigmas.

Desta forma, a Educomunicação surgiu como um campo de relação entre saberes, como um espaço de questionamento de busca de conhecimento e construção de conhecimentos. Um campo de ação política, lugar de encontro e debate das diferenças e semelhanças, das aproximações e distanciamento. É um campo de prática, de discussão.

Sobre o tema um dos pesquisadores mais conceituados no Brasil e no mundo é o professor Ismar Soares que a define enquanto um conjunto das ações de planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos que criam e fortalecem ecossistemas comunicativos em espaços educativos sejam eles presenciais ou virtuais, como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádios educativas. Para saber mais veja o vídeo de Ismar Soares.



A Educomunicação de forma resumida e objetiva é um campo de intervenção onde as pessoas, seja de ONG's, empresas ou escolas, atuam juntas de forma educativa com olhar crítico sobre os meios de comunicação. Dentro das escolas professores e alunos criam uma relação dialógica, a qual o conhecimento de ambos é compartilhado e as informações que os alunos trazem de casa, advindos de suas experiências de vida e de suas relações com veículos de comunicação, são valorizados pelo professor. Neste ecossistema comunicacional os debates, as relações são construídas de forma que não exista uma única verdade e sim um engajamento crítico sobre o que os meios publicam diariamente. Este processo culmina em cidadãos conscientes de sua condição de sujeitos históricos atuantes e participativos em seus direitos e deveres.

Obviamente que Educomunicação envolve muito mais que isto! Para tal, segue alguns links para quem se interessar sobre o assunto. As tecnologias da informação atualmente forçam professores a estarem de mãos dadas com as mídias sem preconceitos e cientes das enormes potencialidades que podemos extrair dos mesmos! Existem núcleos que tratam a temática no Brasil e um deles é o Núcleo de Comunicação e Educação (ECA), da USP, onde também já existe uma graduação em Educomunicação. O "Na Onda Web", quer te mostrar um pouco mais sobre este assunto e te convida a mergulhar neste mar de possibilidades chamado Educomunicação.

Mas afinal, o que é educomunicação?

O que é um educunicador?

Uma educação para a cidadania

Postado por Larissa Cristina Pacheco às 17:30





Larissa Cristina Pacheco

Seguir 15

[Visualizar meu perfil completo](#)

ARQUIVO DO BLOG

▼ 2016 (12)

► Agosto (2)

▼ Junho (9)

Educação digital na família e na escola

Dicas de como usar o Facebook na sala de aula

O que já deu certo com uso de redes sociais

Rompendo preconceitos: o uso dos meios de comunicação...

O homem, ser comunicador por natureza.

Dicas de uso do jornal impresso em sala de aula

A composição do jornal impresso

O caminho da notícia, um pouco sobre o jornal impr...

Muito prazer, sou Educomunicadora!

► Abril (1)

Fonte: Arquivo pessoal

O primeiro veículo de comunicação trabalhado no blog é o jornal impresso. Nesta postagem os leitores vão poder conhecer como é realizado o passo a passo da notícia em um jornal impresso, como pauta, reportagem, edição. Também são deixados links sobre o assunto.

Figura 7 – Postagem *Blog*

O caminho da notícia, um pouco sobre o jornal impresso

Uma das grandes revoluções na tecnologia da comunicação foi a invenção da prensa tipográfica. João Batista Perles ressalta que os chineses foram os primeiros a imprimir livros, mas foi o alemão Gutenberg que aperfeiçoou a técnica entre 1438 e 1440, o que possibilitou a produção de livros em uma escala muito maior do que as cópias manuscritas. Assim, os livros saíram nos limites dos mosteiros e se tornaram de acesso mais popular, sendo considerado por autores como Francisco Gutierrez, "A invenção da imprensa acrescenta uma nova dimensão à civilização da escrita. O livro é o primeiro meio de comunicação de massa" (GUTIERREZ, 1978, p. 16), pois, foi o primeiro método viável de disseminação de ideias e informações a partir de uma única fonte.



Esta invenção tem sua importância na quebra de paradigmas, porque os livros ao saírem do claustro vão para as ruas e uma parte da população que terá acesso a eles começaram a interessarem por assuntos públicos como política e ciência e isso foi muito importante para quebrar a hegemonia da Igreja enquanto a única guardiã da verdade. Ainda se considera que a prensa teve atuação tão importante que automatizou a produção de textos e antecipou a Revolução Industrial em 1750 e ainda "a tipografia instituiu a tecnologia moderna de comunicação, visto que, antes, o que tínhamos eram tecnologias primitivas" (Perles, s.d., p. 8).

Perles ainda destaca que o primeiro jornal impresso do mundo foi o *Relationen*, produzido por Johann Carolus, em 1605 em Estraburgo, região hoje pertencente a França. Já o primeiro jornal brasileiro oficial foi o *Correio Brasiliense* de 1808, produzido por Hipólito José da Costa. O *Correio Brasiliense* era impresso em Londres, porque a Coroa Portuguesa proibia a existência de prensas na Colônia. Mas neste mesmo ano a família real veio para o Brasil trazendo nos navios as máquinas que mais tarde dariam origem a *Imprensa Régia*, que era uma espécie de editora da Coroa de documentos, decretos, livros. Também no mesmo ano foi criada a *Gazeta do Rio de Janeiro*, jornal que publicava documentos oficiais da corte. Nos anos posteriores foram surgindo outros periódicos.

Neste post iremos saber um pouco mais sobre o passo a passo da notícia. Muitos professores desconhecem este caminho e é pela falta de conhecimento do educador que este meio de comunicação é pouco usado em salas e contudo muito rico em diversidade de notícias. Para usar o periódico enquanto material a ser debatido em sala de aula é importante conhecer a fundo como é feito. Mas vamos ver agora, de forma simples, o caminho da notícia até chegar de manhãzinha em nossa casa, trabalho e bancas.



Pautas; a reunião do editor e dos jornalistas para discutir os principais assuntos e quais matérias serão publicadas. A partir daí os repórteres seguem para as ruas com a pauta na mão a qual fornece informações necessárias para o trabalho.

Reportagem; é todo o trabalho de uma notícia que envolve desde a cobertura dos fatos, interpretação de dados e a redação da matéria.

Edição e paginação; é a definição dos espaços dos textos e ilustrações

Pré-impressão e impressão; onde é feito os fotolitos de cada página do jornal com seu formato e cores. A impressão é feita em gráficas.

Encartagem; ao ser impresso o jornal vem em páginas separadas que são agrupadas de acordo com a sequência numérica.

Distribuição; depois de pronto o jornal pode ser distribuído para as bancas e assinantes.



No próximo post iremos esclarecer detalhes de como se compõe cada pedacinho do jornal e aprender seus nomes. Assim, fica mais fácil e interessante a sua próxima leitura de um periódico!

Bibliografia
GUTIERREZ, Francisco. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. SOARES, Wladimir (trad.), São Paulo, Summus, 1978. 106p.
INSTITUTO ALGAR. *Uso do jornal em sala de aula*. 20147, 46f.

PERLES, João Batista. *Comunicação, fundamentos e história*. p.1-17, s.d., Disponível em: <www.bocc.ubi.pt> acesso em 10 de fev. de 2016.

Postado por Larissa Cristina Pacheco às 17:34





Larissa Cristina Pacheco
 Seguir 15

[Visualizar meu perfil completo](#)

ARQUIVO DO BLOG

- ▼ 2016 (12)
- ▶ Agosto (2)
- ▼ Junho (9)
- Educação digital na família e na escola
- Dicas de como usar o Facebook na sala de aula
- O que já deu certo com uso de redes sociais
- Rompendo preconceitos: o uso dos meios de comunicação...
- O homem, ser comunicador por natureza.
- Dicas de uso do jornal impresso em sala de aula
- A composição do jornal impresso
- O caminho da notícia, um pouco sobre o jornal impr...
- Muito prazer, sou Educadora!
- ▶ Abril (1)

Fonte: Arquivo pessoal

Continuando o assunto jornal impresso, neste post foi explicado o que se trata cada parte do jornal, como manchete, retranca e chapéu. A intenção em mostrar detalhadamente o que é cada item é de familiarizar o professor com as características e linguagens de um jornal para que ele possa conhecer, identificar e realizar sua reflexão sobre o veículo de comunicação.

Figura 8 – Postagem Blog

A composição do jornal impresso

Olá! Neste post iremos continuar o assunto jornal impresso e falar mais sobre a composição do mesmo. Todo jornal é dividido em cadernos e editorias. Cada jornal possui um projeto gráfico que vai influenciar em sua composição, por exemplo, há jornais que não possuem crônicas e suplemento, mas a grande parte segue o que iremos apresentar.



Manchete, é o título principal da notícia mais importante do jornal e vem escrita em letras de destaque e grandes.

Chamada é a forma de dar maior destaque a determinadas matérias. Geralmente vem na primeira página ou na capa dos cadernos.

Charge: ilustração parecida com o Cartum, mas que que satiriza situações corriqueiras ligadas a temporalidade.

Cadernos: são as partes do jornal que a editoria divide por temas.

Notícia, é o relato dos acontecimentos da comunidade com uma linguagem fácil de ser compreendida. É a descrição do fato e o repórter não emite sua opinião. **Título da notícia**, é o destaque do texto.

Lead: é o primeiro parágrafo da notícia onde o redator dá ao leitor as principais informações do fato, respondendo as perguntas básicas do jornalismo: o que, onde, quando, como, quem e por quê.

Linha fina: é a frase colocada abaixo do título, ou antes, do lead, resumindo parte do conteúdo da notícia.

Retranca: são textos dentro de uma matéria que complementam a matéria principal.

Chapéu: são os subtítulos dentro da matéria principal mostrando que são matérias afins.

Editorial: nome dado por assuntos a cada página do jornal.

Artigo: texto jornalístico interpretativo e opinativo assinado e que comenta sobre um assunto atual ou ideia.

Coluna social: notas e comentários sobre a vida em sociedade.



Horoscopo: previsões dos signos do zodíaco.

Anúncio: oferecimento de serviços, compra, venda e ficam espalhados por todo jornal.

Cartoon/ Cartum: desenho humorístico de caráter crítico que retrata de forma sintetizada algo que envolve o dia da comunidade.



Suplemento: São cadernos especiais com formato de tabloide ou revista publicado esporadicamente.

Edital: são os avisos e citações colocadas em locais visíveis para conhecimento dos interessados.

Resumo: resumos de livros, peças teatrais, novelas ou filmes.

Crônica: textos literários isentos de regras de estilo jornalístico com tema livre e cujo autor assina a produção.

Caricatura: desenho de um personagem real, porém com características enfatizadas de forma humorística.

Entrevista: perguntas feitas por repórter a qual o entrevistado expõe sua opinião.

Meteorologia: texto ou ilustração que anuncia a previsão do tempo;

Tirinhas: conjunto de textos e imagens em forma de desenhos que narram histórias.

Lembrando que nem todo jornal precisa necessariamente conter todos estes quesitos. No próximo post falaremos da importância de usar o jornal em sala e dicas de dinâmicas. Até breve!

Postado por Larissa Cristina Pacheco às 18:17

+1 Recomece isto no Google

ARQUIVO DO BLOG

- 2016 (12)
- Agosto (2)
- Junho (9)
- Educação digital na família e na escola
- Dicas de como usar o Facebook na sala de aula
- O que já deu certo com uso de redes sociais
- Rompendo preconceitos o uso dos meios de comunicação...
- O homem, ser comunicador por natureza
- Dicas de uso do jornal impresso em sala de aula
- A composição do jornal impresso
- O caminho da notícia, um pouco sobre o jornal impr...
- Muito prazer, sou Educador(a)or(a)at
- Abril (1)

Fonte: Arquivo pessoal

Dinâmicas sobre o uso do jornal em sala de aula finalizam as postagens sobre jornal impresso. São exemplos que podem ser adaptados de acordo com a necessidade e criatividade do professor. É sugerido ainda a leitura de um livro sobre o assunto.

Figura 9 – Postagem Blog

Dicas de uso do jornal impresso em sala de aula

Olá! Hoje iremos descrever algumas dinâmicas interessantes e que podem ser usadas em sala de aula com o jornal impresso para diversas faixas etárias e ainda podem ser trabalhadas em conjunto com outras disciplinas.

Notícias do nosso país
Confeccionar um mapa do Brasil dividindo-o por estado ou regiões. Selecionar e recortar notícias de diferentes assuntos (saúde, política, economia...) e de diversos lugares do país. Fixar o mapa na sala colocando a notícia no local da procedência dos fatos ocorridos. Pedir para que os alunos escrevam a sua opinião sobre algumas notícias destacadas. Observação: As notícias podem ser substituídas para atualização do painel e podem ser usadas informações do estado ou município para identificação.



Tabuleiro Matemático
Retirar do Jornal algumas notícias que contenham dados matemáticos. Para cada notícia elaborar um problema em que o aluno terá que, através de cálculos, encontrar a resposta certa. Traçar um caminho pelo tabuleiro que será numerada de 1 a 20, colar as notícias e seus respectivos problemas em alguns espaços numerados. Aquele que conseguir aceitar e chegar primeiro vence o jogo.

Primeira página
Observe a primeira página de um jornal. Fique atento aos detalhes: nome, data, preço, ilustrações, manchete, lides e chamadas. Crie a primeira página do jornal da turma ou do grupo.

Animais em foco
Procurar no jornal alguma foto e ou matéria jornalística que fale sobre os animais. Ler e identificar as características dos animais (habitat, alimentação, comportamento...). Pesquisar e, outras fontes ampliando o conhecimento. Entrevistar ou convidar para palestra na sala veterinários, biólogos ou pessoas que conheçam o assunto. Organizar uma exposição do material.



Figuras geométricas
Entregar em cada grupo quatro figuras geométricas, uma para cada aluno (círculo, quadrado, losango, triângulo). Os alunos deverão procurar no jornal uma figura que corresponde à sua forma geométrica. Ex: círculo = rosto, bolas... Colar a imagem próxima à figura geométrica.

Viagem turística do Horoscopo
Observe os signos do zodíaco, crie novos textos aproveitando dados geográficos dos estados brasileiros. Faça um folder convidando seus colegas pra uma viagem turística.

Leitura crítica e argumentativa
Escolha dois textos no jornal, um sobre fatos do cotidiano e um sobre política. Promova uma discussão no grupo determinando os pontos comuns entre os dois textos. Trace um paralelo entre as responsabilidades ou atribuições de um político e o resultado de suas ações para a comunidade. Elabore uma propaganda oferecendo-se para ocupar um cargo político.



Se você se interessar por mais dicas de como usar o jornal impresso em sala de aula o livro de Maria Alice Faria, "Como usar o jornal na sala de aula", da editora Ensino Contexto.

como usar o jornal na sala de aula

maria alice faria



Espero que aproveitem estas dicas fáceis e interessantes! Até a próxima!

Postado por Larissa Cristina Pacheco às 18:20


+1
Recomende isto no Google

Nenhum comentário:



Larissa Cristina Pacheco

Seguir 15

[Visualizar meu perfil completo](#)

ARQUIVO DO BLOG

▼ 2016 (12)

▶ Agosto (2)

▼ Junho (9)

Educação digital na família e na escola

Dicas de como usar o Facebook na sala de aula

O que já deu certo com uso de redes sociais

Rompendo preconceitos: o uso dos meios de comunicac...

O homem, ser comunicador por natureza.

[Dicas de uso do jornal impresso em sala de aula](#)

A composição do jornal impresso

O caminho da notícia, um pouco sobre o jornal impr...

Muito prazer, sou Educadora!

▶ Abril (1)

Fonte: Arquivo pessoal

Esta postagem explica o que são as comunicações primárias, secundárias e terciárias e como é importante cada uma delas e sua aplicação em sala de aula.

Figura 10 – Postagem *Blog*

O homem, ser comunicador por natureza.

No post de hoje vamos mostrar que somos seres comunicadores por natureza. Muitos pensam que o processo de comunicar se resume a uma mensagem e um receptor ou que existem formas de comunicar mais importantes que outras, como por exemplo, uma aula expositiva tenha menos valor que uma aula com data show. Quero mostrar para você que o ato de comunicar é tão importante que autores como Francisco Gutierrez consideram que esta ação modificou o meio cultural do homem. Também Norval Batello Jr vai defender que existem diferentes formas de comunicar. Ele adota a Teoria das Mídias para explicar as diferenças da comunicação e dividir este processo em três, a comunicação primária, a secundária e a terciária.

A comunicação primária é aquela onde os participantes têm como único recurso o próprio corpo para produzir linguagem, é a comunicação presencial, como por exemplo, sons, ruídos, gestos, odores. É a primeira forma de comunicar que nós desenvolvemos e por isto ela é tão importante ao ponto de interferir nas demais formas.



A comunicação secundária é quando os corpos deixam marcas sobre suportes ou outros corpos que podem ser repassados. É quando os laços de comunicação se expandem e vão poder ser transportados, repassados, como por exemplo, os alfabetos, ideogramas, livros, panfletos, jornais.



Já a comunicação terciária aparece com a eletricidade e a criação de aparatos que transmitem mensagens para outros aparatos similares. Esta já não requer mais a transmissão física da mensagem, mas do impulso elétrico que é indispensável para a construção de redes transmissoras, retransmissoras e captadoras. É a telefonia, radiofonia, televisão e internet. Neste sistema, a voz ou a imagem são transmitidas imediatamente em um esforço único e atinge muito mais pessoas. Os meios terciários inauguram novas relações de tempo (escrita e da leitura) e espaço (distância).



Precisamos aplicar as diversas formas de comunicação nas aulas de História. A comunicação começa e termina entre corpos e o fato de uma ser mais simples que a outra não tira sua importância, assim, desde a aula expositiva a aquela amparada com tecnologia de ponta, o grande objetivo é transmitir mensagens, pensamentos e também recebê-los dos alunos. Comunicação não é um ato unilateral, e por isto a educação também não o é. Lidar com estas questões faz parte do contexto educacional, ou seja, educar enquanto se é educado, enquanto exista uma troca de mensagens, de conhecimentos, aproveitando os ventos da mídia para tal. Outro ponto fundamental também para a proposta educacional é a dialogicidade, ou seja, o sujeito é reconhecido bem mais que um receptor das mensagens, ele também faz parte do processo interferindo e o modificando as formas de pensar os as informações que chegam pelos meios de comunicação, por isto a importância da Teoria das Mídias.



Diante destas informações, acreditamos que não há uma comunicação mais importante que a outra, cada uma delas tem suas vantagens e desvantagens, potencial maior ou menor. O importante é saber que não somente os meios de comunicação de massa, os da mídia terciária, são eficazes, mas também os meios de comunicação interpessoal como a oralidade e a escrita e a comunicação olfativa têm fundamental importância, por exemplo, nas salas de aula. Enquanto educadores é importante sabermos que o ato de comunicar é importante e que a presença ou ausência dele pode criar pontes ou abismos. Então, vamos amadurecer este pensamento e ver o universo escolar como local propício de se praticar todas estas formas de comunicar e valorizá-las com nossos alunos!

Bibliografia

BATELLO JR., Norval. *A serpente, a maçã e o holograma: Esboços para uma Teoria a Mídia*. São Paulo: Paulus, 2010. 120 p.

GUTIERREZ Francisco. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. SOARES, Wladimir (trad.). São Paulo, Summus, 1978. 106p.

Postado por Larissa Cristina Pacheco às 18:21

 +1 Recomece isto no Google

Nenhum comentário:

Postar um comentário


Larissa Cristina Pacheco
Seguir 10

Visualizar meu perfil completo

ARQUIVO DO BLOG

▼ 2016 (12)

▶ Agosto (2)

▼ Junho (9)

Educação digital na família e na escola

Dicas de como usar o Facebook na sala de aula

O que já deu certo com uso de redes sociais

Rompendo preconceitos: o uso dos meios de comunicação.

O homem, ser comunicador por natureza.

Dicas de uso do jornal impresso em sala de aula

A composição do jornal impresso

O caminho da notícia, um pouco sobre o jornal imp...

Muito prazer sou Educador(a)

▶ Abril (1)

Fonte: Arquivo pessoal

Para que professores na medida do possível percam a resistência que possuem em relação aos usos dos meios de comunicação em sala de aula, este post fala das potencialidades de ter como ferramenta de ensino a mídia e a importância de saber utilizá-la para que tenha-se bons resultados educacionais.

Figura 11 – Postagem *Blog*

Rompendo preconceitos: o uso dos meios de comunicação na escola



Por estarem presentes no dia a dia das crianças, os meios de comunicação, na maioria das vezes, são vistos como vilões sutis que influenciam as crianças, tanto por pais quanto por professores. Segundo a linha Regiane Ribeiro a admiração que as crianças tinham por seus pais, avós e tios são transferidas na adolescência aos atores, atrizes, cantores, jornalistas e apresentadores da televisão, cinema, rádio, internet.

Este é um dos motivos que faz de extrema importância a escola trabalhar os meios de comunicação e também ensinar o aluno a receber da forma mais proveitosa possível a quantidade gigantesca de informações a qual é exposto todos os dias.

No bojo desta discussão, autores como Geneviève Jacquinot (1998), revela em seus estudos que é importante reconhecer que não existe somente um saber midiático e outro saber escolar. Primeiro porque seja ou não de nossa vontade os alunos irão ter contato com o mundo além de casa e depois porque a escola e os meios de comunicação possuem pontos em comum sendo o que se aprende na escola pode ajudar a compreender o que eles veem na mídia e vice-versa.

A partir de 1940 mudam-se os impactos dos meios de comunicação na educação e sobre o que se acreditava de comunicação pedagógica, a qual enfatiza uma educação unidirecional de emissor para receptor e "diabolizavam" a relação escola-televisão, fazendo com que os professores temessem esta relação em particular.

O que observamos atualmente é que os professores utilizam, por exemplo, de fotografias, reportagens e cinema, que ao serem apresentados aos alunos, quase sempre funcionam como ilustração, complementação ou substituição de algum conteúdo das várias disciplinas e não estão revestidos de profundidade e contextualização.

O uso das tecnologias em sala de aula devem ser vistos não como solução milagrosa ou um novo método de ensino, eles são uma forma de ensinar que foi gerada pela necessidade de se aproximar os conteúdos das disciplinas ao mundo a uma realidade. É uma nova compreensão do processo de ensino aprendizagem onde o cotidiano também faz parte. Ao se usar filmes ou jogos é preciso haver um objetivo maior que apenas deixar a aula mais interessante e envolvente para prender a atenção dos alunos, a preocupação tem que ser de entender o processo de construção de raciocínios sobre a realidade a partir das imagens do cotidiano e que eles possam produzir uma leitura mais crítica e elaborada em cima deste cotidiano.



O que a Educomunicação propõe é isso, ir além, buscar nas formas de comunicação as especificidades históricas, técnicas e, principalmente, suas relações críticas com o mundo atual formando cidadãos conscientes e sujeitos históricos atuantes que consigam ler e interpretar o que os *media* trazem.

Neste sentido, é essencial que o professor se aproxime dos meios de comunicação e se familiarize com eles, livre de preconceitos e resistências à tecnologia para aproveitar suas potencialidades, controlando sua eficiência e uso para criar novos saberes. "A escola deixa de ser o único local de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados", como afirma Canziani, os alunos vivem submersos nos meios de comunicação fora da sala de aula, por isto, a mídia deve ser utilizada como proposta de fonte de aprendizado a mais.

Na web cursos ótimos são oferecidos gratuitamente à distância por entidades conceituadas como o próprio MEC e Unesco para que professores aprendam a lidar com as tecnologias. Segue alguns links para você se informar melhor e colocar a mão na massa!

Cursos oferecidos entre UNESCO e Inst. phorte Educação

Curso Online de Métodos Pedagógicos com o Computador

TI na Educação

Bibliografia

CANZIANI, Tatiana de Medeiros. *TV Paulo Freire: desafios para a construção de uma televisão educativa. Dissertação de mestrado*. UFPR. 2009. Curitiba. 133p.

INSTITUTO ALGAR. *Uso do jornal em sala de aula*. 2014?. 46f.

JACQUINOT, Geneviève. O que é um educador: O papel da comunicação na formação dos professores. Palestra proferida no I Congresso Internacional de Comunicação e Educação. São Paulo, mai.1998. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/educacao/saibamais/textos/>. Acesso em 04/06/2014.

RIBEIRO, Regiane Regina. A Educomunicação como alternativa para criação de ecossistemas comunicativos nas organizações: uma análise do Programa "Veja na Sala de Aula". *Revista Comunicação e Informação*, Goiânia, v. 15, n. 2, p.80-86. 2012. Jul. Dez. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/24570>>. Acesso em: 12 ago. 2015.



Larissa Cristina Pacheco

Seguir 15

[Visualizar meu perfil completo](#)

ARQUIVO DO BLOG

▼ 2016 (12)

► Agosto (2)

▼ Junho (9)

Educação digital na família e na escola

Dicas de como usar o Facebook na sala de aula

O que já deu certo com uso de redes sociais

Rompendo preconceitos: o uso dos meios de comunicag...

O homem, ser comunicador por natureza.

Dicas de uso do jornal impresso em sala de aula

A composição do jornal impresso

O caminho da notícia, um pouco sobre o jornal impr...

Muito prazer, sou Educacionadora!

► Abril (1)

Postado por Larissa Cristina Pacheco às 18:24

 +1 Recomende isto no Google

Fonte: Arquivo pessoal

Existem muitos bons exemplos que podemos mostrar sobre o uso dos meios de comunicação em sala de aula e que fazem total diferença no ensino aprendizagem. Este post foi para mostrar algumas iniciativas interessantes e simples, mas que deram ótimos resultados com professores de diversas partes do país.

Figura 12 – Postagem Blog

O que já deu certo com uso de redes sociais

Depois de falarmos que o uso de redes sociais é possível em sala de aula, vamos mostrar alguns exemplos fantásticos de professores que não tiveram medo de usar essas ferramentas a favor de suas disciplinas. As redes sociais, muitas vezes, são concebidas para distração na sala, mas esses professores souberam aproveitar bem elas e adaptaram as suas disciplinas. São ideias aplicáveis, muito criativas e que deram "superpoder" à turma lá em frente e à sala de aula. Nossa função e papel pode conferir a matéria completa lá. Confira as melhores ferramentas e as novidades sobre o uso das TIC na sala de aula no blog.

Facebook Renascentista

O professor de História Pedro Henrique Castro, do Colégio Petrópolis, no Rio de Janeiro, usou o Facebook com as turmas do primeiro ano do Ensino Médio. Os alunos dividiram-se em dois grupos para criar e administrar perfis de personalidades do Renascimento, como Galileu Galilei, Leonardo da Vinci e Niccolò Machiavelli. O desafio era criar e comentar textos que evidenciassem características do período e dos próprios personagens, mas associado tudo ao conteúdo tecnológico atual – o que, segundo o professor, "atende a um dos objetivos da História, que é usar o passado para pensar o presente".

"Meu objetivo com o trabalho do Renascimento no Facebook era transformar os estudantes em agentes do próprio aprendizado. Muito se fala sobre essa meta final, mas é preciso método para atingir lá. (...) É um saber que o estudante domina, uma ferramenta na qual é possível a uma linguagem que comporta todo tipo de expressão audiovisual. Depois de quase um ano dessa primeira experiência, pouca coisa mudou de material, porém muito se construiu em suas formações."

WhatsApp para a sala de Redação

Buscando desenvolver a capacidade argumentativa dos alunos de uma maneira eficiente e prazerosa, o professor Nelson Douglas Coimbra, que dá aulas de redação e Língua Portuguesa no Colégio Marista de Londrina, a 381 km de Curitiba, realizou um ótimo experimento envolvendo o WhatsApp. O trabalho foi feito com seis turmas do 6º e 7º anos.

"Com a ajuda de analista de tecnologia educacional do instituto, criei um grupo de discussão no WhatsApp para cada turma. Ali eu lançava um novo tema de discussão e sala inteira via para que os alunos pudessem discutir e pensar. Era obrigatório que usassem pelo menos um argumento. Eles também postavam vídeos e áudios de outras matérias relacionadas que encontravam e discutiam. Depois de analisar as discussões, os alunos produziram um texto sobre o tema. Tanto as discussões quanto a escrita da redação eram feitas no computador. Na aula, eu selecionava alguns comentários para discussão conjunta. A avaliação foi contínua e imediata, o professor como um fã, quando usava esse mecanismo inovador. Também trabalhamos bastante em cima dos erros, quando algo requeria atenção, víamos isso em aula. É importante dizer que em nenhum momento exigimos que os alunos adotassem um celular, escomessem trabalhar com o WhatsApp porque todos eles já tinham celulares e usavam o aplicativo com o conhecimento dos pais. Percebo que as turmas postavam e se entregavam mais para escrever, não medo e grupo como condições para que todos participassem mais. O WhatsApp não substitui a participação na sala, mas major parte argumenta por escrito antes faz com que eles gerassem mais confiança e estivesse para apresentar suas ideias em voz alta na aula. O uso do celular reduziu em seu desempenho o número de alunos em recuperação caiu 50%."

Instagram histórico

O professor Eric Rodrigues (...) foi o criador de um sistema espetacular de ensino híbrido na EM Enlio Castro, no Rio de Janeiro, onde dá aula de História. Recentemente, ele desenvolveu com sua turma do 9º ano um projeto voltado à Instagram. Foi o que contou:

"As que os alunos estão lendo com temas curriculares qualificados ao século 19 na disciplina de História, uma rede social voltada às imagens e às fotografias pareceria extremamente válida para desenvolver um projeto que permitisse analisar paisagens e analisar de um período histórico em que se registra intensa produção fotográfica. Além disso, é fato de que os alunos deveriam produzir, buscar ou encontrar as imagens para publicar em suas contas pessoais por uma dimensão importante de apropriação do tema. A proposta consistiu na apresentação de imagens que pudessem dialogar com o tema histórico, a ser pesquisada para a professor e a turma. Era importante que os alunos buscassem conhecer um pouco mais de realidade sobre esse período histórico e para isso registrasse de forma no momento cronológico, observando ou criando que expressassem parte de que, mesmo se não fosse ao 1º ou 2º ano do governo nazista. Para isso, o projeto, essa perspectiva foi aprovada, utilizando o hashtag #historiainformal e disponível em 1º período de trabalho, os alunos receberam 22 sugestões que eles de imagens dos paisagens interiores dos campos de concentração às fotos de vigília pessoal deixada para publicar associadas, junto com pequenas legendas que permitiram compreender qual situar as informações e os temas abordados naquela pesquisa. A conscientização e o engajamento da turma em entender e reputar práticas como o genocídio confirmaram a validade do projeto e as vantagens de utilizar registros históricos que são a rede social."

YouTube e produção audiovisual

Roseli Costeira Cardoso, professora e membro da equipe técnica de Língua Portuguesa da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, é uma das responsáveis por um programa que treina professores da rede estadual para trabalhar obras literárias com os alunos usando produções audiovisuais. (...) Veja o relato dela.

Morte e vida Severina - M...

"O projeto Mediação e Linguagem, criado em 2014 e em continuidade em 2016, tem por objetivo apoiar professores e pesquisadores a transposição das obras literárias para a linguagem do vídeo, do cinema e do podcast, por meio de orientações técnicas à distância por formato de videoconferência, que contribuem para o aprendizado digital. A partir da formação, eles desenvolveram uma obra literária, que tinha sido trabalhada em sala de aula, e a adaptaram em um roteiro para curta de animação ou podcast (audiovisual). Os trabalhos foram postados no YouTube, publicados em blogs e enviados em Mooc's virtuais do SEESP. O projeto foi bastante significativo, pois que os alunos e professores puderam atuar às margens de sala de aula, que muitas vezes dificultam o ensino e a aprendizagem. Desde o momento da criação do roteiro até a finalização do audiovisual, eles se transformaram em colaboradores, trabalhando com o objetivo de ser apropriados da obra literária de forma prazerosa e relevante. Foi uma grande experiência para todos!"

Além destas experiências relatadas tem muitas outras mais para servir de inspiração para você como os seus alunos que fazem do uso de grupos de whatsapp. Todas estas ideias são totalmente inovadoras e empolgantes para qualquer professor! Vamos colocar em prática! Até breve!

5 dicas para usar o WhatsApp como ferramenta educacional. Em sala de aula no blog dele.

Você pode usar o WhatsApp para ser utilizado na sala de aula.

Postado por Carlos Castro Petrópolis em 18/06. Nenhum comentário.

Facebook

Esta postagem foi especial para uma das redes sociais que mais agrega pessoas no mundo todo, o Facebook. Várias dicas de como utilizar esta ferramenta forma apresentadas e links de mais de 100 formas de utilizar o Facebook foi sugerida para quem se interessa mais pelo assunto.

Figura 13 – Postagem Blog

Dicas de como usar o Facebook na sala de aula

Você já pensou em usar o Facebook como ferramenta de ensino com seus alunos? Muitos professores desconhecem as potencialidades desta rede social. Segundo o site canal de ensino, atualmente ela tem mais de 900 milhões de usuários ao mundo todo e além de ser um local de relacionamentos é também um espaço de divulgação de notícias, de seleções de preferências, de mostra de eventos, de expressão de opiniões e porque não de conteúdos educacionais?

Não podemos controlar o que os jovens recebem de notícias em casa ou este. Vemos que a publicação de informações tomou uma proporção acelerada e descontrolada. Qualquer pessoa com um celular no bolso se torna um "jornalista" e tira fotos, grava vídeos ou filma sua situação. Dependendo da forma ou de quem produz esta informação temos esse interpretação, inclusive as distorcidas, mas este é assunto para outro post. Hoje quero mostrar que o Facebook pode e deve ser usado um modo e preconceito nas aulas de todas as disciplinas.



Porém, antes de iniciar este tipo de trabalho com os alunos é preciso que o mestre saiba lidar com a ferramenta. Não precisa ser um expert, mas o básico é importante! Também é necessário que seja acessível isto entre alunos, pais e escola, para que todos saibam que esta está uma forma de aprender e por fim, dar as regras para os alunos, esclarecendo que os conteúdos serão estritamente escolares e que faz parte da avaliação da disciplina. Outro ponto importante é que o professor deve checar se todos os alunos tem acesso a internet, facebook e com qual frequência. Feto isso, vamos as dicas!

Museus: Indique páginas de museus, galerias de arte e exibições para que seus alunos possam enriquecer ainda mais o uso do Facebook e entrem em contato com diferentes conteúdos educacionais.

Contato pessoal: os estudantes podem entrar em contato com parentes distantes para fazer pesquisas genealógicas ou com personalidades locais para discutir matérias tratadas em sala de aula.

Falar com autoridades: Políticos, governantes e outras instituições também podem ser contatadas pelos alunos para despertar a participação política e o ensino de valores de cidadania e democracia.

Jogos Educacionais: Muitos dos jogos disponíveis no Facebook são educacionais. Você pode estabelecer metas e fazer um campeonato interno entre os alunos.

Livros: peça para que os alunos compartilhem no Facebook suas opiniões e análises sobre os livros que você pediu para lerem.

Nota extra: Organize uma pequena gincana com os alunos e passe atividades relâmpago pela rede social para que eles realizem dentro de um prazo limitado. Além disso, você pode postar atividades extras, sem que haja limitação de tempo ou gincana.

Notícias: Se você for professor de geografia, por exemplo, e estiver tratando de geopolítica, pode pedir aos alunos que pesquisem as principais matérias sobre o tema e compartilhem em suas páginas para gerar discussões e debates. As mais comentadas poderão virar assunto em sala de aula para maior desenvolvimento.

Causas: a rede social possibilita a criação de grupos para defender causas. Estimule seus alunos para que se reúnam e façam um movimento, projeto, etc. Eles podem procurar por problemas nas áreas em que vivem ou ao redor da escola.

Etiqueta online: dê dicas e instruções sobre como se comportar online, segurança na internet, como evitar fraudes e golpes, como funciona a polícia em crimes cibernéticos e como denunciar possíveis abusos e outros crimes online.

Exercícios: em épocas de prova, você pode postar exercícios e atividades para que os alunos pratiquem os conteúdos que serão cobrados.

Perfis falsos: em aulas de história, por exemplo, você pode pedir que os alunos criem perfis falsos de personagens históricos, como Napoleão Bonaparte.

Notícias da escola: peça aos alunos que sirvam como fontes de notícias e postem na página da escola ou da sala quais são os próximos eventos ou provas. Você pode separar uma pessoa específica para essa função.

Vídeos: você pode armazenar vídeos de aulas, palestras ou outros conteúdos relevantes para criar uma videoteca virtual acessível para os alunos e pais.

Perguntas: O Facebook disponibiliza a ferramenta de perguntas, que pode ser muito útil, tanto para os alunos quanto para os professores. Você pode criar enquetes ou deixar o aplicativo disponível para que os alunos tirem dúvidas online.

Escrita colaborativa: Você pode montar uma atividade de escrita colaborativa onde cada aluno faz parte do texto. O resultado pode ser um pequeno livro ou apostila.

Canal: para públicos maiores, você pode organizar uma fórum de discussão em tempo real, expondo os conteúdos em transmissões em sala ou depois.

Notas: nessa ferramenta, os alunos podem compartilhar os trabalhos ou textos e receber a opinião dos colegas e dos professores.

Debates: Se você não tem tempo suficiente para continuar um debate em aula, leve-o para o grupo da sala online e continue a discutir as ideias.

Mapa: em aulas de geografia, peça aos alunos que compartilhem fotos, informações e mapas de seus locais preferidos.

Assuntos: preste atenção nas conversas e debates online (não apenas da sala, mas em geral) por que estes podem gerar assuntos para discussão em sala de aula.

Livros: Marque livros para download que os alunos podem utilizar para leitura complementar ou obrigatória.

Universidades: as universidades possuem páginas online que facilitam o acesso de futuros estudantes e informações.

Sebos: procure por grupos de sebos ou outras lojas para que os alunos possam adquirir materiais mais baratos.

E então, gostaram? E oha que tem muito mais! No link abaixo vocês irão encontrar **100 dicas** de como utilizar o Facebook em sala de aula! Isso mesmo, **100 dicas!** Dá para usar e abusar da imaginação e a cada dica dá vontade de colocar em prática imediatamente! Até mais...

100 maneiras de usar o Facebook em sala de aula

Postado por Larissa Cristina Pacheco às 18:29 Nenhum comentário

Facebook share icons

Fonte: Arquivo pessoal

Educação para filhos que nasceram na “Era Virtual” e educação digital para os pais, que são os responsáveis pela introdução às tecnologias para os filhos. Como devemos monitorar para que não haja uma delinquência virtual, ou para que as crianças não caiam em ciladas ou exponham tanto de suas vidas em páginas de relacionamento. É sobre este assunto que este post vem tratar. Nele também são direcionados links de reportagens sobre assuntos polêmicos e até uma cartilha do Movimento Família Mais Segura na Internet.

Figura 14 – Postagem *Blog*

Educação digital na família e na escola

Na Era das Tecnologias o professor é praticamente obrigado a se inserir nestes meios para conseguir acompanhar os alunos. Não é uma tarefa tão horrível assim, afinal, somos seduzidos pelas redes sociais por saber o que o outro está fazendo, comendo, sentindo. O que percebo de perigoso em se tratando de Educomunicação, é que a cada segundo uma notícia tendenciosa desvirtuada é postada, compartilhada, curtida e comentada por centenas de pessoas que na maioria das vezes não se dão o trabalho de checar a veracidade da mesma. E aí que entra em cena o professor, o educador, que vai trilhar ao longo de suas aulas como lidar com este bombardeamento de informações que nos chegam.



A forma das pessoas se relacionarem mudou no mundo atual. A geração de filhos criados em uma “super era digital” fez com que a insegurança do mundo real se removesse para relações de amizades internet deixem de ser frequentes. Os alunos fazem uso excessivo da internet de forma indiscriminada se expondo com fotos, comentários que partem tanto para a ridicularização quanto para o risco de atrair um bandido. A educação digital primeiramente deve partir de dentro de casa no momento o qual o pai deu um celular com câmera ao filho. Deve ser explicado que não se deve tirar foto e publicar sem permissão das pessoas e eles devem ser monitorados quanto ao uso. Sim, monitorados! O processo de inicialização no ambiente eletrônico e principalmente em redes sociais deve ser ensinado como qualquer outra situação. Veja estes links com exemplos de crimes virtuais: Crimes digitais “Não sabia que era um estupro”, afirma acusado de divulgar imagens de crime na internet Polícia Federal Deflagra Operação “Chargeback”

“Escolas e professores, sejam da era digital ou da era analógica, precisam orientar sobre boa conduta digital. Dar ferramenta sem educar é um grande perigo. Mais do que usar tecnologia em sala de aula, é necessário ensinar sobre as regras do jogo, sobre as leis vigentes, sobre ética no mundo que se torna cada vez mais digital. A liberdade de expressão exige responsabilidade” (Pinheiro, 2012, p. 44) Atualmente há movimentos que propõe que na escola seja trabalhado com os alunos cidadania e ética digital para que o indivíduo exerça ao máximo a sua liberdade e cidadania de forma ética, segura e legal, como afirma Pinheiro. A internet não pode ser uma terra sem lei e nenhuma outra forma de tecnologia pode estar dissociada de ética e leis. O uso ilícito ou de má fé deve ser banido bem como a delinquência digital.



É preciso zelar pela nossa reputação online e mostrar aos alunos que a internet nos dá a capacidade de expressar em tempo real para o mundo o que queremos, mas é imprescindível atentar que estes conteúdos podem perpetuar e dependendo do que é postado pode gerar consequências negativas, ofensas digitais, plágios e outros crimes. Antes vivíamos em um mundo limitado em tempo e espaço e agora ele é sem fronteiras, então, a prática da prevenção e da visão crítica na web é importante na sala de aula e no ambiente familiar para que nossos alunos não sejam vítimas e não sejam infratores do mundo virtual.

Para aprofundar mais sobre este assunto, que é muito importante, existe o Movimento “Criança Mais Segura na Internet” cuja missão é formar os professores, pais e os jovens no uso ético, seguro e legal da tecnologia com possibilidade de agendamento de palestras e até cursos de formação de voluntários à distância! Tem também material didático, cartilhas educativas de como fazer downloads na internet, os cuidados de publicar fotos alheias, não fazer justiça com o próprio mouse, vídeos de como tirar fotos de um jeito legal e como proteger sua família nas redes sociais, enfim, um vasto material de excelente qualidade e gratuito! O link do site, de cartilhas e vídeos segue abaixo. Espero que este assunto ainda te instigue a procurar saber muito mais! Até a próxima!

<http://www.familiamaissegura.com.br/>
 Ética e Segurança Digital Cartilha Orientativa
 Redes Sociais – Movimento Família Mais Segura na Internet

Postado por Larissa Cristina Pacheco às 18:31 Nenhum comentário: 

 +2, incluindo Você

Fonte: Arquivo pessoal

Sobre a experiência de falar sobre Educomunicação para professores da turma de mestrado em História da UFG. Este texto foi uma narrativa das percepções de como foi esta experiência.

Figura 15 – Postagem *Blog*

Colocando em prática

OM

No dia 22 de julho tive uma experiência muito bacana e o post de hoje é para compartilhar isto com vocês.

Ofereço um mini curso "O ensino de História e os meios de comunicação" para mestrandos da terceira turma do Mestrado Profissional em História, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, o qual também faço parte.

Foi uma manhã agradável e eu aprendi muito com este pessoal. Foram 12 participantes que conheceram um pouco mais sobre a Educomunicação e como podem aplicar a mesma em suas realidades.




A maioria deles são professores e me contaram das experiências que tiveram em algum momento da vida com os meios de comunicação e a sala de aula. Algumas horas de minicurso eles perceberam que para se aplicar a Educomunicação nos espaços não é preciso necessariamente o uso de tecnologias da informação, mas de um preparo do educador, de boa vontade e de imaginação.



Um desenho animado do Pato Donald é divertido mais o momento e vocês pode acompanhá-lo no link abaixo e não se surpreenda se você se identificar um pouco com Donald!



Ao final foi solicitada uma pequena narrativa sobre o que conseguiram captar sobre o minicurso e permito que a intenção foi dada e cumprida! Para mim, o essencial era que eles percebessem que os meios de comunicação são uma realidade em sala de aula e que não podemos ignorar que eles estão presentes no cotidiano dos alunos. Aprender este potencial e utilizá-lo a nosso favor seja de forma que acharem melhor, desde que com consciência, preparo, diálogo e respeito.

A turma é muito educada e bacana, agradeço a todos pela boa recepção.

Claro que não poderia faltar a selfie.



Ah! o pessoal!

Postado por Larissa Cristina Pacheco às 12:44 [Sempre comentar!](#)

Fonte: Arquivo pessoal

Como usar ferramentas tão simples e interessantes como podcast? Este post falou das possibilidades que além de criativas e baratas rendem ótimas discussões e interações entre diversas turmas na escola.

Figura 16 – Postagem *Blog*

Blog na Onda Web

SEGUNDA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 2016

Podcasts, a era virtual do rádio


Já ouviu falar em podcast e não sabe o que é isto? Pois bem, hoje é o seu dia!



O Podcast são programas de rádio personalizados gravados em MP3 e disponibilizados na internet. Ou seja, é um arquivo digital que é gratuito, produzido e compartilhado e estão disponíveis para download em aparelhos MP3, como telefones, computadores e tablets. Eles possuem episódios e temáticas específicas e podem ser assinados em um canal, ficando disponibilizados automaticamente, como uma assinatura de revista. Tem curta, média ou longa duração e o legal é que podem ser ouvidos quando e quantas vezes você quiser!

Embora ainda não sejam muito explorados aqui nas escolas brasileiras, em países como Reino Unido eles são usados como meio de ensino na grade de escolas e universidades e o governo de lá está inclusive disponibilizando verbas para podcasters independentes que sejam direcionados para fins didáticos.

O Podcast alia informação, entretenimento, dinamismo e rapidez no processo ensino-aprendizagem, conforme o site TV escola do MEC e os alunos tanto podem ser consumidores quanto produtores destas ferramentas e ainda sua confecção é de baixíssimo custo. Como são áudios são bastante úteis para alunos com deficiência visual.



Para utilizá-los o professor precisa conhecer e selecionar o podcast antes de mostrar ao aluno e atrelar o assunto a matéria. Precisa também conhecer alguns programas de edição, que são bem simples e de fácil acesso na rede. O governo brasileiro aposta nesta ferramenta da aprendizagem e disponibilizou no site do MEC um fórum no Portal do Professor sobre como criar um podcast. Tem também o Projeto PodEscola onde alunos de escolas públicas podem hospedar seu material gratuitamente. Estes

links vão te ajudar a produzir um Podcast:
Curso de Podcast com Leo Lopes [Curso de Podcast](#)
MundoPodcast www.mundopodcast.com.br
 Como fazer um Podcast

Gente tem muuuita coisa bacana que pode ser trabalhada em sala com podcasts. Os professores de História, por exemplo, podem em vez de realizar um seminário explicando temas sobre a história do Brasil e do mundo, criar áudios sobre a matéria. Ou em Português/Literatura criar radionovelas as quais podem ajudar os professores a trabalhar com os estudantes aspectos da comunicação, como a produção textual e oralidade. Até mesmo é possível criar uma rádio escolar informando alunos sobre datas de vestibulares, Enem, calendário escolar...

Neste site você pode conhecer mais sobre recursos de plataforma on line que ajudam o professor a criar e interagir com alunos com Podcasts.



Aí vai alguns Podcasts para você ouvir e se deliciar com este mundo... eu sou uma assumida apaixonada por rádio, e esta ferramenta além de ser prática, barata, criativa tem sucesso garantido com a garotada!

História on line: <https://historiaonline.com.br/podcasts/50-anos-do-golpe-militar/?blogs=confirming#subscribe-blog>
 Café com sociologia: <http://cafecomsociologia.podomatic.com/rss2.xml>
 Podcast de Literatura 30 min: <http://feeds.feedburner.com/podcast30min>
 Trabalho com alunos do ensino médio sobre declamação de poemas: https://soundcloud.com/escola_da_vila/2b-beatriznavarro-sofiapulice-mariana-anita-poetisando-podcast

QUEM SOU EU



Larissa Cristina Pacheco
 Seguir 15
 Visualizar meu perfil completo

ARQUIVO DO BLOG

▼ 2016 (12)

▼ Agosto (2)

Podcasts, a era virtual do rádio
 Colocando em prática Olá!
 No dia 22 de julho tive ...

► Junho (9)

► Abril (1)

Bjos e até a próxima!

Postado por Larissa Cristina Pacheco às 14:05 Nenhum comentário:

+2, incluindo Você

Fonte: Arquivo pessoal

De acordo com o Technorati, um serviço norte-americano especializado no estudo da “blogosfera”, estima-se que existam em torno de 200 milhões de blogs no mundo. No Brasil, acredita-se que exista em média 2,5 milhões de blogs em assuntos variados, incluindo na educação. Diante de toda a explanação ao longo deste trabalho nós percebemos que o “Na Onda Web” tem uma função importante e significativa no reflexo que tudo isto irá ocasionar, como a relação com o professor e a sala de aula, com os pais e até mesmo com o mundo e a forma de aprendizagem. Um profissional que se dedica a aprender mais sobre o ofício deve ser valorizado e incentivado. O “Na Onda Web” com mensagens periódicas de inspirações pode ser um bom começo para estas mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educomunicação no ensino de História é um campo pouco explorado. As intempéries de se tratar um tema sem referências bibliográficas que possam auxiliar é um desafio, no entanto, é também um estímulo para que novas produções aconteçam.

Quando ouvi a primeira vez o termo “Educomunicação”, em 2010, achei que soava engraçado. Na época, trabalhava como assessora de comunicação de uma empresa e pensei que seria só mais uma das palavras que as corporações tentavam introduzir em nosso vocabulário, por ser politicamente correto. Com o passar dos anos e dos caminhos percorridos, ao sair o edital do Mestrado Profissional em História pela UFG, vasculhei anotações de trabalho de conclusão de curso e de especialização, retomei leituras acadêmicas que estavam há uma década encaixotadas, li outras atualizadas, por indicação da minha orientadora, e fui me recordando sobre os rumos que a vida me levou. Ora, percebi que toda minha atuação profissional foi delineada nos campos da Comunicação Social e me deparei com a escolha de um tema que me retomou à mente, aliar os meios de comunicação com a educação, a Educomunicação.

Fui feliz em minha escolha, pois consegui conciliar as duas áreas com as quais tenho total afinidade, Educação e Comunicação. Entretanto, em plena era digital, ao aprofundar os estudos, notei que os obstáculos seriam maiores que imaginava, deparei-me, em diversas situações, com pessoas que nunca haviam ouvido sobre Educomunicação e não sabiam do que se tratava. Através da pesquisa, descobri que os estudos na área estão muito polarizados, poucas universidades oferecem o curso de graduação em Educomunicação e a bibliografia com o tema específico não foi encontrada. Mas a sorte já estava lançada, e eu entusiasmada pela minha escolha.

Fui instigada, então, a aprofundar no assunto e assumi a responsabilidade de apresentar a Educomunicação em congressos, simpósios, minicurso, comunicações de pesquisa, enfim, à comunidade acadêmica.

Conforme a pesquisa foi se aprimorando, constatei, através de conversas informais com colegas professores, que incluir meios de comunicação nas escolas e utilizá-los não apenas como forma lúdica é algo que deve ser pensado com urgência. Apesar das políticas públicas estarem presentes nos PCN’s, a proposta de pensar a escola como um lugar apropriado para iniciar uma educação para os meios é pouco desenvolvida, por uma série de fatores, um deles é o desconhecimento dos educadores de um mundo de possibilidades que temos, a um clique. O outro é a falta de interesse.

A escola do século XXI é diferente, a geração de alunos é outra e a recepção de conteúdo, bem como a aprendizagem, também são outras e, por isso, os professores também precisam adaptar-se a outra realidade e tirar maior proveito possível delas, a começar pela aceitação de que as mídias sociais, dentro e fora de sala de aula, interagindo com nossos alunos. No mundo digital que vivemos, as mudanças provocadas exigem mais que domínio da técnica, exigem reflexões para que sejam incorporadas, facilitando as conexões entre as práticas culturais e as novas formas de estar no mundo. A partir disso, é preciso que os professores, principalmente os de história, atuem como educadores, que a disciplina História seja dinâmica, que crianças, adolescentes e jovens sejam sujeitos históricos dentro de seus contextos e mostrem as relações entre os grupos. Ademais, evidenciem que essas relações estão em constante desenvolvimento, nos mais diversos tempos e espaços.

Os estudos em Educomunicação nos mostraram que a recepção de informações tem graus diferenciados, de acordo com prazer, interesse ou forma que se intercrusa com outras infrações. Os meios de comunicação criam novos tipos de ação e interação, novas formas de relações sociais e modos de ser. Precisamos despertar esse interesse de ler uma notícia em nosso público e termos argumentos e condições críticas sobre elas. O sujeito não somente precisa apreender a informação, mas estruturá-la e usá-las quando houver novas situações. É preciso trabalhar isso e cabe à escola e ao educador (educador) não só inserir a mídia, mas apresentá-la de forma crítica e multilateral, para que o aluno perceba a própria realidade e consiga relacionar o universo comunicacional e o educacional.

Como historiadora, tenho plena convicção de que as produções acadêmicas não devem ficar restritas aos muros da universidade ou preenchendo espaços em prateleiras de bibliotecas. Este foi o desafio, realizar um estudo que seja prático, aplicável e prazeroso. Este relatório, em sua parte prática, possibilita que professores de qualquer lugar do mundo possam acessar o conteúdo disponibilizado no *blog Na Onda Web*, saberem mais, terem exemplos de como aplicar as mais diversas mídias sociais em suas aulas e emitirem opiniões e as próprias experiências pessoais. Essa magia que a *internet* possibilita e que há alguns anos era apenas algo distante, está presente em nossos pensamentos, em nossa forma de agir, nossa fala e forma de socializar. Essas permeabilidades que os meios de comunicação possuem possibilitam para o educador levar para o seu local de intervenção (sala de aula) o que é discutido nas redes sociais, jornais e rádio e educar para a vida.

Construir um *blog* foi uma experiência singular, o início fez-me desconfiar se seria, realmente, capaz de levar o projeto adiante, mas, ao mesmo tempo, foi instigante. Aos poucos, vendo o resultado de um trabalho tomar forma e conteúdo, fez-me perceber que precisamos de

coragem para propor desafios e sermos persistentes nos ideais; fazer com que pessoas entendam que Educomunicação não é apenas usar de tecnologias da informação de ponta para despertar a criticidade em seus alunos. A fala, o giz e o livro didático também podem desempenhar esse papel, tudo depende da forma como é abordado o assunto.

O título desse trabalho parafraseia Paulo Freire quando citado em texto de Peruzzo, que afirma, “*comunicação é um ato pedagógico e a educação é um ato comunicativo*” (PERUZZO, 1999, p. 224), pois acreditamos que uma das primeiras habilidades desenvolvidas pelo ser humano é a comunicação e que, por meio dela, aprendemos a lidar com as pessoas, com as situações da vida, com o mundo. Essa frase, ao mesmo tempo em que é singela, e porque não poética, é complexa, carregada de significados, resume as relações entre comunicação e educação. Nossas escolas já não são os únicos espaços de ‘educar’, já que os meios de comunicação compartilham desse poder, assumindo um papel educativo, seja pela produção seja pela participação popular.

Ora, se ao comunicar, educamos e ao educar, comunicamos, temos a responsabilidade de construir e reconstruir nossa cultura e nosso direito de cidadania. Compreender os meios de comunicação de massa enquanto espaço de aprendizagem das pessoas para exercício de seus direitos, ter uma educação participativa e dialógica, respeito às experiências de vida dos educandos enquanto campo de ação, tudo isso é o que move a Educomunicação. Esperamos que os resultados deste trabalho inspirem professores, alunos e pessoas no geral a se comunicarem e a educarem para uma sociedade que saiba conviver com os meios de comunicação, respeitando o próximo como cidadão e como sujeito histórico.

Há os que acreditam que trabalhar as mídias com interdisciplinaridade possa ser uma utopia, mas, o mesmo motivo que me motivou a concluir este trabalho, é o que move os educadores, a sensação do ousado, do perceber o outro como fonte infinita de coisas, do diálogo franco e aberto, de libertar em comunhão para a emancipação.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Crislane Barbosa de; LIMA, Aline Cristina da Silva. O uso de fontes e diferentes linguagens no ensino de História na educação básica. *Roteiro*, v. 36. n. 1. 2001. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/view/791>> . Acesso em: 03 abr. 2015.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/Educação: apontamentos para discussão. *Revista Comunicação, mídia e consumo*. v. 1, n. 2, 2004.
- BAITELLO JÚNIOR, Norval. *A serpente, a maçã e o holograma: Esboços para uma teoria da Mídia*. São Paulo: Paulus, 2010.
- BARATO, Jarbas Novelino. *Blogs e Educação: uma entrevista*. Disponível em <<https://jarbas.venturawordpress.com/7-blogs-e-educacao-uma-entrevista/?blogsub=confirming#subscribe-blog>>. Acesso em: 28 nov.2015.
- BARBOSA, Marivalda Carlos. Uma história dos sistemas de comunicação: balanço de um percurso teórico. *Revista Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, jan./jun. 2010.
- BARCA, Isabel. Educação histórica: uma nova área de investigação. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto, III Série, v. 2, 2001, p. 13-21.
- _____. Marcos de consciência histórica de jovens portugueses. *Currículo sem Fronteiras*. Universidade do Minho. v.7, n.1, p. 115-126, jan/jun 2007.
- _____. Ideias chave para a educação histórica: Uma busca de (inter)identidades. *História Revista*, v.17, n. 1, p. 37-51, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/21683>> . Acesso em: 16 jan. 2015.
- _____; MARTINS, Estevão de Rezende; SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. Jörn Rüsen e o ensino de história. *Revista Bras. Historia da Educação*, v.11, n. 2, p. 191-197, mai./ago 2011.
- BARON, Wilian Carlos. CERRI, Luiz Fernando. A teoria da História de Jörn Rüsen entre a Modernidade e a Pós-modernidade: uma contribuição à didática da história. *Educ. Real*, Porto Alegre, v. 37, n.3, p. 991-1008, set/dez 2012.
- CANZIANI, Tatiana de Medeiros. *TV Paulo Freire: desafios para a construção de uma televisão educativa*. Curitiba. 2009. 133 fls. Mestrado (Educação) - Universidade Federal do Paraná, 2009.
- CERTAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. MENEZES. Maria de Lourdes. (trad.), 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 65-118.
- CONCI. Tatiana Cabreira. Narrativa histórica: uma nova perspectiva em sala de aula. p. 49-58, nov. 2010. Trabalho apresentado nos Anais do 3º Seminário de Educação Histórica – *Desafios da aprendizagem na perspectiva da Educação Histórica*, UFPR, nov.2010.

DIEGUES, Vitor Manuel Santos. *Educomunicação: produção e utilização de podcasts na dinamização de uma web radio*. 2010. 150 f. Dissertação de Mestrado (Tecnologia Educativa) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Portugal.

FLORES, Elio Chaves. Dos feitos e dos ditos: História e cultura histórica. *Revista de História*. Saeculum, v.16, jan./jun. 2007. p. 83-102.

GERMINIANI, Geysa. Educação Histórica: a constituição de um campo de pesquisa. *Revista Histedbr*, Campinas, v. 42, p. 54-70, 2011. Jun. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/histedbr/article/view/3261>>. Acesso em: 3 set. 2014.

GUTIERREZ, Francisco. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. Tradução de Wladimir Soares. São Paulo, Summus, 1978. 106p.

INSTITUTO ALGAR. *Uso do jornal em sala de aula*. s.d. 46f.

JACQUINOT, Geneviève. *O que é um educador: o papel da comunicação na formação dos professores*. Palestra proferida no I Congresso Internacional de Comunicação e Educação, São Paulo, mai.1998. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducacao/saibamais/textos/>>. Acesso em 04 jun. 2014.

JAWSNICKER, Claudia. *Educomunicação: reflexões sobre teoria e prática. A experiência do Jornal do Santa Cruz*. 2008. Disponível <<http://bocc.unisinos.br/pag/jawsnicker-claudia-educomunicacao.pdf>>. Acesso em 12 out. 2014.

JUNQUER, Angela et al. *Novas competências na sociedade do conhecimento*. Campinas, SP. Edições Leitura Crítica, 2012.

MACHADO, Eliany Salvatierra. *Pelos caminhos de Alice: vivências na Educomunicação e a dialogicidade no Educom.tv*. 2009. 150f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MATÍN-BARBERO, JESUS M. Retos culturales de la comunicación a la educación. Elementos para una reflexión que está por comenzar. *Revista Reflexiones Académicas*. n. 12, p. 45-57, Santiago: Universidad Diego Portales, 2000.

MARRERA, Fernando. SOUZA, Uirys. A tipologia da consciência histórica em Rüsen. *Revista Latino-americana de História*. v.2, n.6, ago 2013. p.1699-1077.

McLUHAN, Marsall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari, Ed. Cultrix, São Paulo. 1968, 407 p.

METZKER, Gabriela Felipe Rodrigues. Educomunicação: O novo campo e suas áreas de intervenção social. In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, 2008, São Paulo, *Intercom*, p.1-15.

MONTEIRO, Ana Maria. A História ensinada: Algumas configurações do saber escolar. *Revista História e Ensino*, Londrina, v. 9, p.37-62, out. 2003.

_____. Ensino de História: entre história e memória. p.1-26, s.d. Disponível em: <www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/pesquisa-pratica-educacional/artigos/artigo1.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2013.

PERLES, João batista. *Comunicação: conceitos, fundamentos e história*. 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-comunicacao-conceitos-fundamentos-historia.pdf>>. Acesso em: 2 abr.2016.

PERUZZO, Cecilia M. Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. *Revista PCLA*, v. 04, n. 2, out/dez 2002. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm>>. Acesso em: 07 fev. 2014.

RIBEIRO, Ana Caroline; BATISTA, Aline de Jesus. *A influência da mídia na criança/ pré-adolescente e a Educomunicação como mediadora desse contato*. Texto apresentado I Encontro de História da Mídia da Região Norte. UFT. 2010.

RIBEIRO, Regiane Regina. A Educomunicação como alternativa para criação de ecossistemas comunicativos nas organizações: uma análise do Programa “Veja na Sala de Aula”. *Revista Comunicação e Informação*. v. 15. n.2. p 80-86, jul/dez 2012.

SANTOS, Adriana ; Mirna TONUS. Meios de Comunicação e Educação Biopisicossocial: jornalismo e educação em ações de Educomunicação e meio ambiente. *Revista Em Extensão*. Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis. v.9. N. 1. 2010. p.101-128.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte, videocultura na Argentina*; trad. Sérgio Alcides: 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013. 244p.

SATORI, Ademilde Silveira; SOARES, Maria Salette. *Concepção dialógica e as NTIC: a educomunicação e os ecossistemas comunicativos*. s.d. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf>> . Acesso em 30 jan. 2015.

SILVA, Rogério Chaves da. A dimensão narrativa e a didática da História em Jörn Rüsen. *OPIS*. Catalão, v. 9, n. 12, p. 173-176, jan-jun 2009.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. As fontes históricas e o ensino da História. In: *Ensinar história*. São Paulo, Scipione, 2004. p. 89-110.

SCHAUN. Angela. *Educomunicação: reflexões e princípios*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 128p.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011. 132p.

_____. Uma educomunicação para a cidadania. *Núcleo de Comunicação e Educação/USP*. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/?wcp=/aeducomunicacao/texto>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

_____. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *Contato*, Brasília: Ano 1, n.1, jan/mar. 1999.

_____. *Educomunicação*: um campo de mediações. In: Comunicação & Educação. São Paulo: ECA/USP-Editora Segmento, Ano VII, n. 19, set/dez. 2000.

VIANA, Claudemir Edson. O Processo Educomunicacional: a mídia na escola. Dissertação de Mestrado. 2000. 205f. Departamento de Comunicação e Artes. USP. São Paulo. 2000.

_____. Palestra proferida no II Colóquio Matogrossense de Educomunicação e I Seminário Virtual de Práticas Educomunicativas. Minicurso Práticas educucomunicativas no jornalismo. 13 jun. 2016, Alto do Araguaia/MT.

ZARTH, Paulo Afonso. Ensino de história, participação da comunidade e cultura histórica. *Revista de História*. Saeculun, n. 6/7, jan./dez./ 2000/2001.

REFERENCIAS ELETÔNICAS

VEJA na sala de aula. Disponível em:

<http://veja.abril.com.br/veja_saladeaula/historia.shtml>. Acesso em: 13 set. 2016.

ISMAR SOARES fala sobre o curso de Educomunicação. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=wsgIN0GZwY4&list=PL3Y9UhJd3LUNwi16bp0C34JGbc4kMZtlk&index=6>. Acesso em: 16 maio 2016.